

ILUSTRAÇÃO

NATAL
1926



1.º ANO
NÚMERO 24

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
8\$00

VERAMON



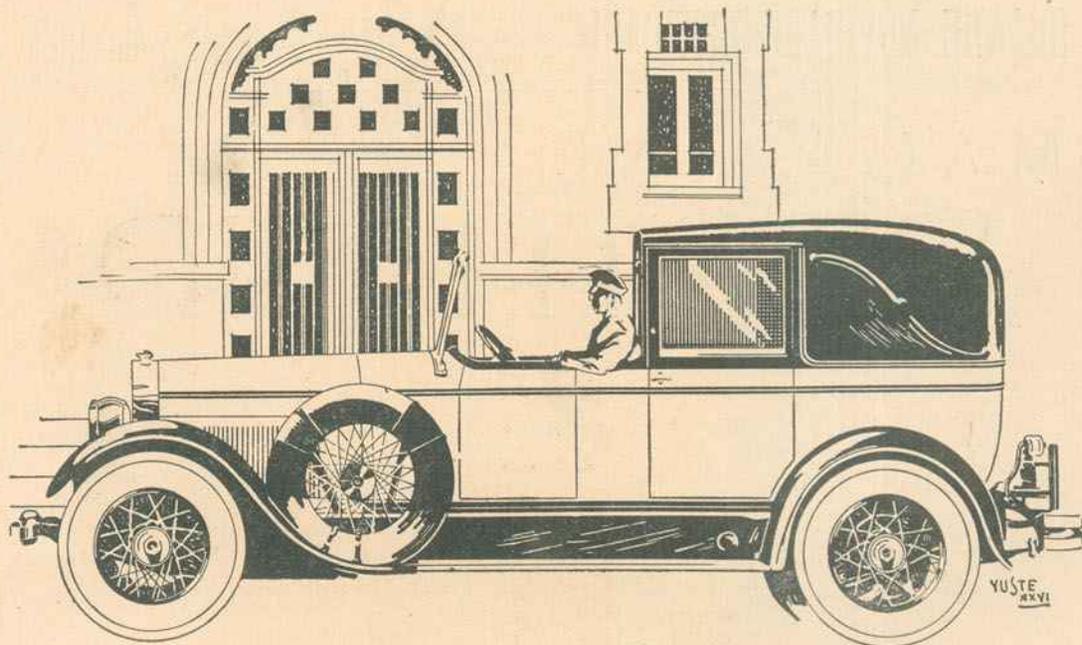
KIRCHBACH
LPS



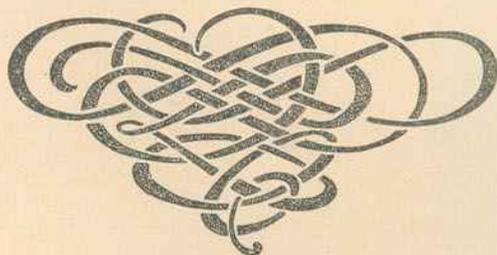
**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



Um difícil problema de
estética foi resolvido
com a fabricação deste
modelo LINCOLN.
Ajustando-se à linha
classica dos tipos Ca-
briolet, a silhueta do
automóvel moderno,
consequindo-se assim
a harmonia completa
das duas tendencias.



L I N C O L N

GRANDE NOVIDADE LITERÁRIA a publicar-se em Janeiro de 1927

MAGAZINE BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

PUBLICAÇÃO MENSAL

• • • • •

O *Magazine Bertrand*, a maior publicação do género em língua portuguesa, insere nas suas 100 páginas de texto, ilustradas com magnificas gravuras

CONTOS, NOVELAS, ROMANCES, ELEGANCIAS, CINEMATOGRAFIA, HUMORISMO, TEATROS, ARTE ANTIGA E MODERNA, PASSATEMPOS, VIDA LITERÁRIA, INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS, GRAFOLOGIA, CONSULTÓRIO DE BELEZA, ÁLBUM ARTÍSTICO FOTOGRÁFICO, CONCURSOS SENSACIONAIS, VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICA, ETC.

da autoria dos mais prestigiosos nomes literários e scientificos de Portugal

O MAGAZINE BERTRAND

será o único magazine que se publica em língua portuguesa e cuja expansão irá a todas as colónias portuguesas, ilhas, Brasil e estrangeiro.

Tiragem inicial 20.000 exemplares mensais.

• • • • •

Esta magnífica revista, profundamente moral e educativa dentro da sua missão de recrear deleitando, será o único

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

ASSINATURAS

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS ...	15\$00	30\$00	60\$00
COLÓNIAS:			
África Ocidental e Oriental.....	16\$50	32\$00	64\$00
Índia, Macau e Timor.....	18\$00	36\$00	72\$00
ESPAÑHA.....	16\$00	32\$00	64\$00
ESTRANGEIRO.....	20\$00	40\$00	80\$00

Número avulso, 5\$00



POR 5\$00 MENSAIS TODO O PORTUGUÊS DEVE ASSINAR O MELHOR MAGAZINE DA LINGUA PORTUGUESA

• • • • •

Todos os pedidos de assinaturas, devem ser dirigidos, acompanhados da respectiva importância à

Redacção e Administração:
RUA ANCHIETA, 25 — LISBOA
(*Livrarias Aillaud e Bertrand*)

O Merecido Galardão Do Valor Honesto

A casa Dodge Brothers vendeu durante os primeiros oito meses dêste ano 265.606 automóveis e auto-caminhões. Isto representa um ganho de 41,5 por cento sobre as vendas dos primeiros oito meses de 1925, continuando assim a marca Dodge Brothers a gosar a invejavel posição do terceiro logar na industria.

Este surpreendente aumento não é mais do que a continuação dos constantes ganhos anuais nas vendas dos automóveis Dodge Brothers em todos os doses anos da sua fabricação.

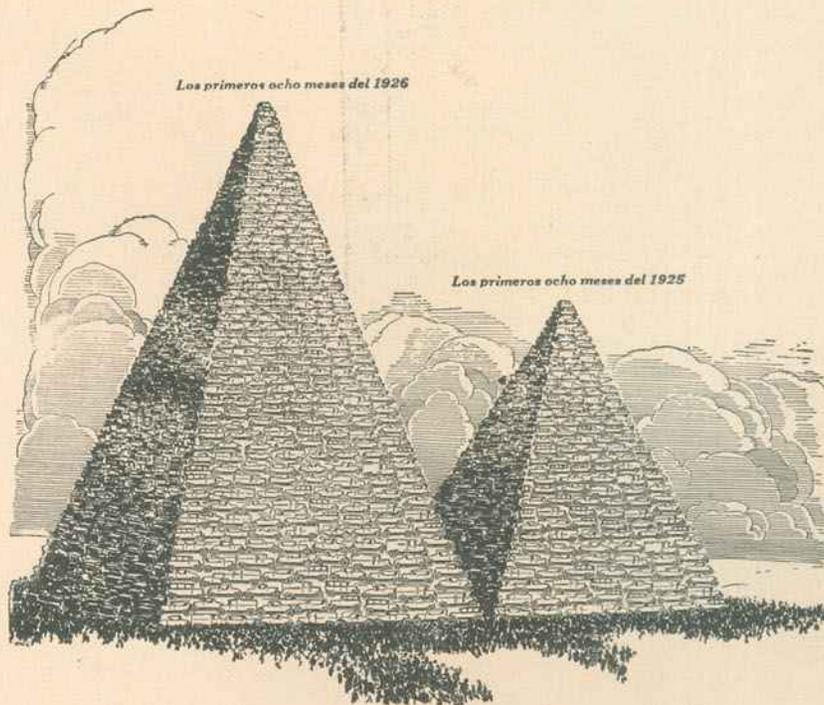
BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA

PORTO

1, Avenida da Liberdade

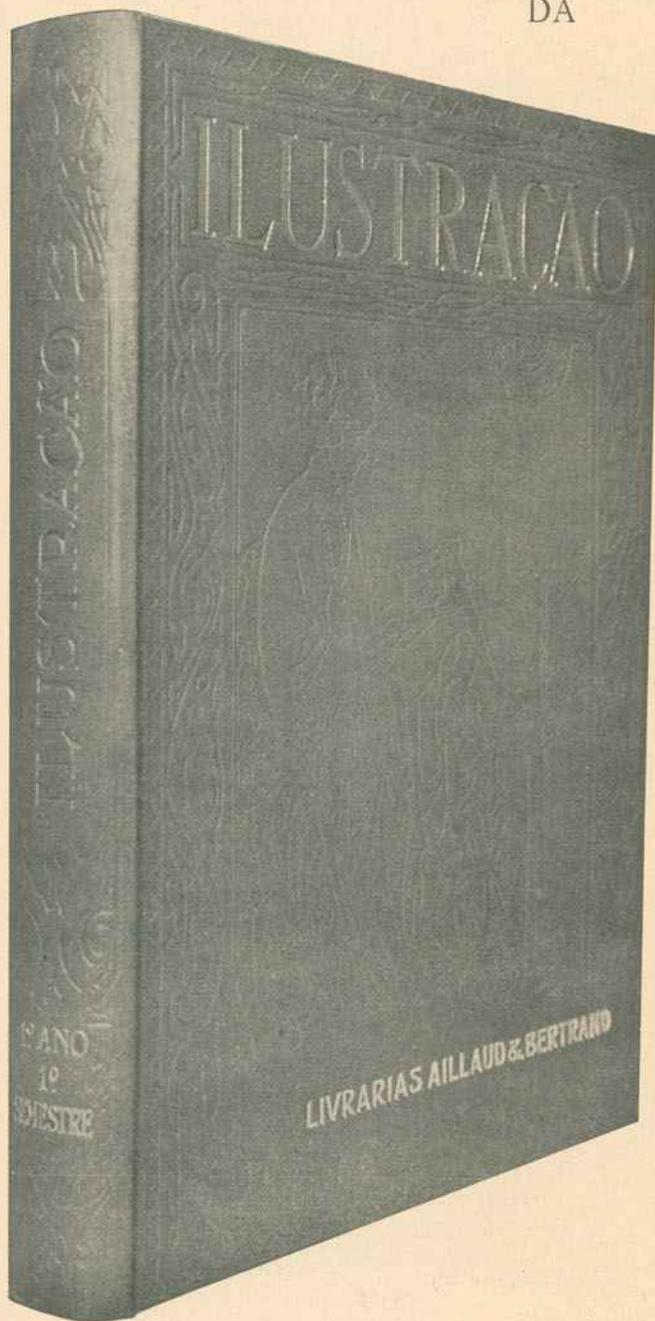
31, Avenida dos Aliados



AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

1.º SEMESTRE

Cada volume encadernado

Esc. 68\$00

Capa em percalina com ferros especiais

Esc. 12\$00

Capa e encadernação

Esc. 20\$00

...

Pedidos aos editores:

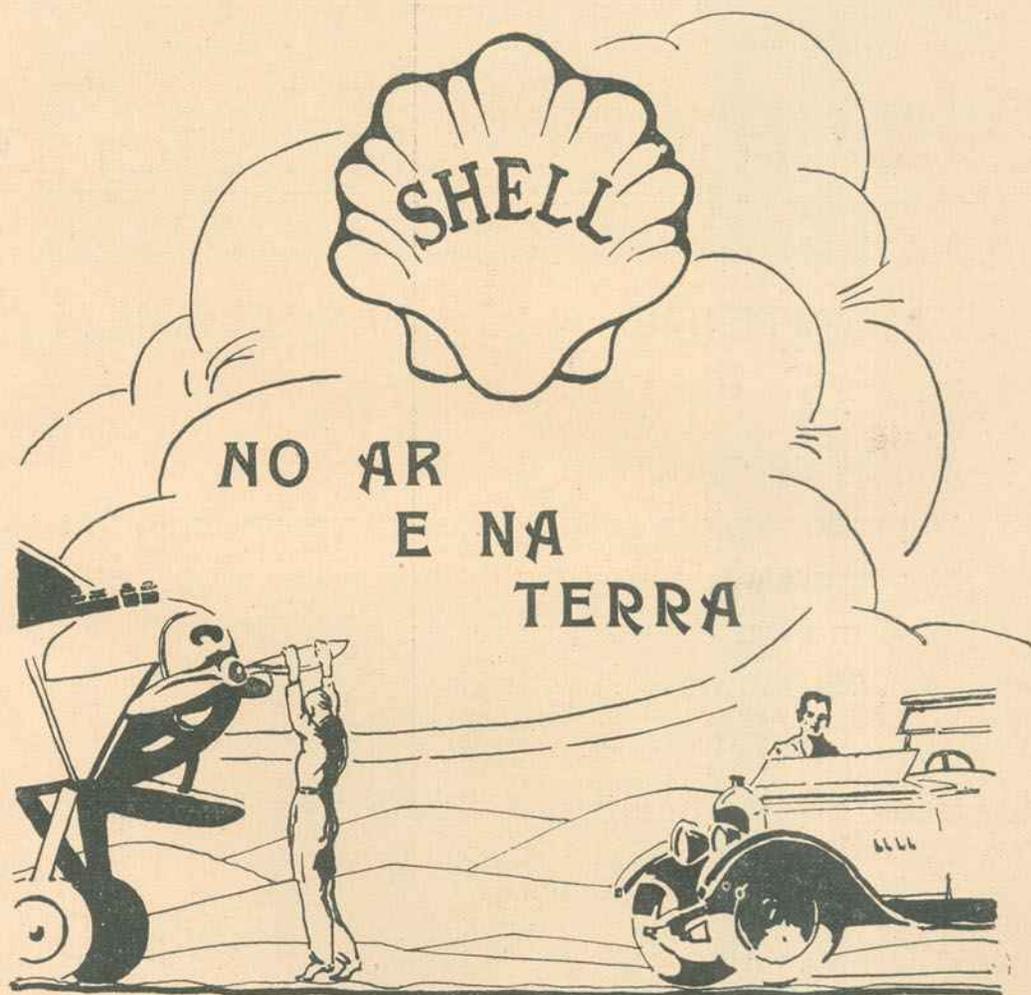
LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar o 1.º semestre devem remeter os doze primeiros números à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.

PRIMEIRA



VÔOS	DATA	MILHAS	GAZOLINA
O primeiro vôo através o Atlântico	1919	1.880	SHELL
O primeiro vôo do Cairo ao Cabo	1920	6.281	SHELL
O primeiro vôo de Londres ao N. de Africa ..	1924	1.300	SHELL
O primeiro vôo da Holanda à Batavia	1924	6.680	SHELL
A primeira tentativa ao Polo Norte	1924	—	SHELL
Mais do que a volta ao mundo pelo aviador italiano De Pinedo	1925	34.000	SHELL

A TE 27 de Abril deste ano nenhum automobilista tinha atingido uma velocidade superior a 152.33 milhas por hora.

Neste dia o Sr. Parry Thomas em Pendine Sands (Inglaterra) atingiu a extraordinária velocidade de 160.349 milhas por hora usando unicamente GAZOLINA e Oleos SHELL do tipo comum vendido ao publico.

Em 7 de Outubro com os nossos produtos obtiveram-se mais os seguintes records:

	MÉDIAS	
	ML. P. H.	KL. P. H.
500 milhas em 4 h. 32 m. 32 s.	110.04	177.087
500 kil. em 2 h. 47 m. 34 s.	111.24	179.027
Em 3 h. um percurso de 333 milhas, 1477 jardas	111.23	179.085

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º LTD.

Novo Atlas Universal

DE

Geografia e Historia

POR

J. MONTEIRO e L. SCHWALBACH

(Nova edição actualisada)

16 mapas de Geografia Geral.

27 mapas relativos a Portugal e suas colonias.

34 mapas de geografia particular dos Estados.

4 mapas de geografia economica.

36 mapas de Historia Universal.

14 mapas da Historia de Portugal.

No total de 131 mapas diferentes esplendidamente gravados e coloridos

Um volume encadernado . 50\$00

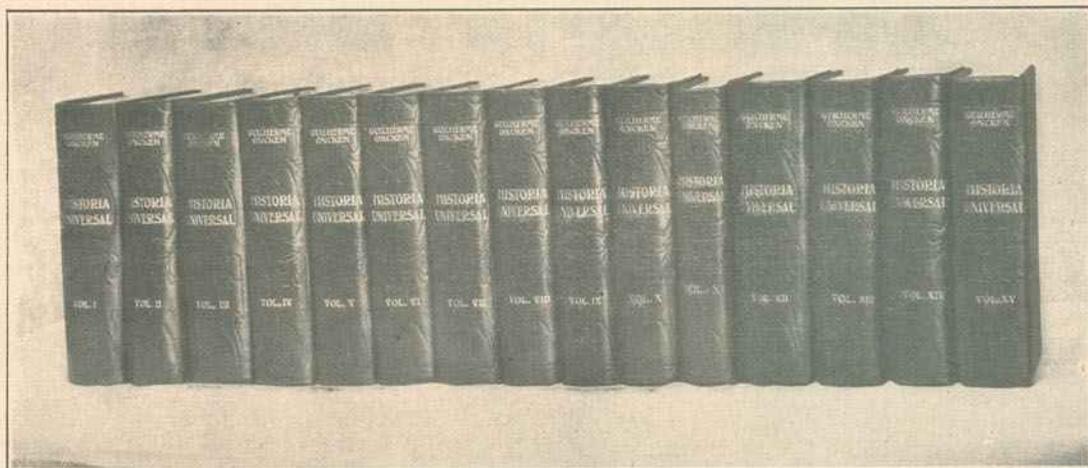
O mais barato e o mais completo de todos os ATLAS escolares nacionais e estrangeiros

.

PEDIDOS AOS EDITORES:

Livrarias Aillaud e Bertrand
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRA MONUMENTAL

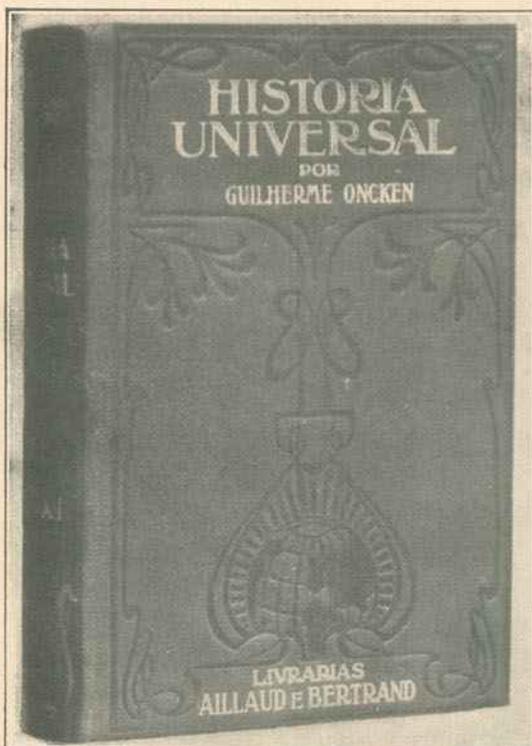


HISTORIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.^o. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.



Já publicados:

91 tomos = 15 volumes.

10 % de desconto

a todas as pessoas que adquirirem os 15 volumes duma só vez

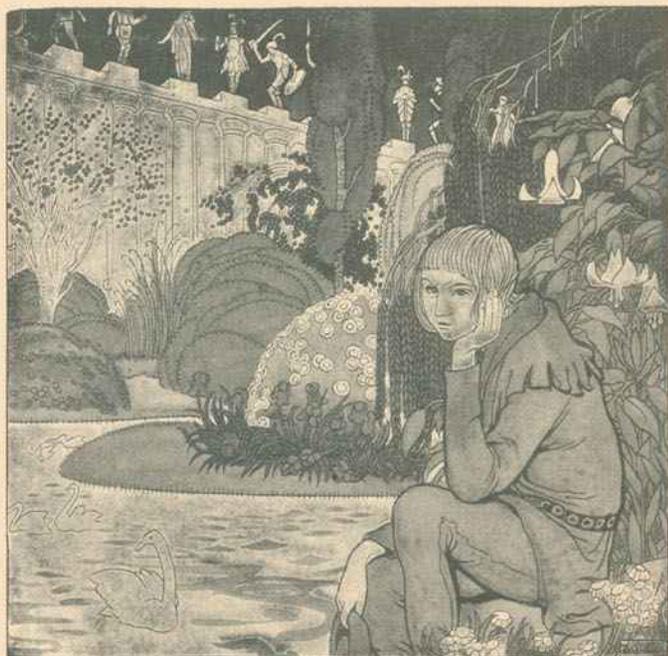
Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada vol., enc.	65\$00
Cada tomo, br.	8\$00
Encadernação por cada vol.	25\$00
Capas para a encadernação.	15\$00

Pedidos aos editores: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Quereis brindar vossos
filhos?

Quereis que tomem gô-
sto pela leitura?

Quereis que aprendam
a ler correntemente?

*Dai-lhes a ler até aos 7
anos, os livrinhos da*

BIBLIOTECA INFANTIL

NA TERRA E NO MAR, CONTOS GREGOS
E BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante: ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado 6\$00

Cada volume, com encaderna-
ção especial 10\$00

As melhores e mais bonitas histórias
para crianças, por escritores portu-
gueses e brasileiros

.

*Profusamente ilustradas a cores pelos
melhores artistas nacionais e estrangeiros*

.

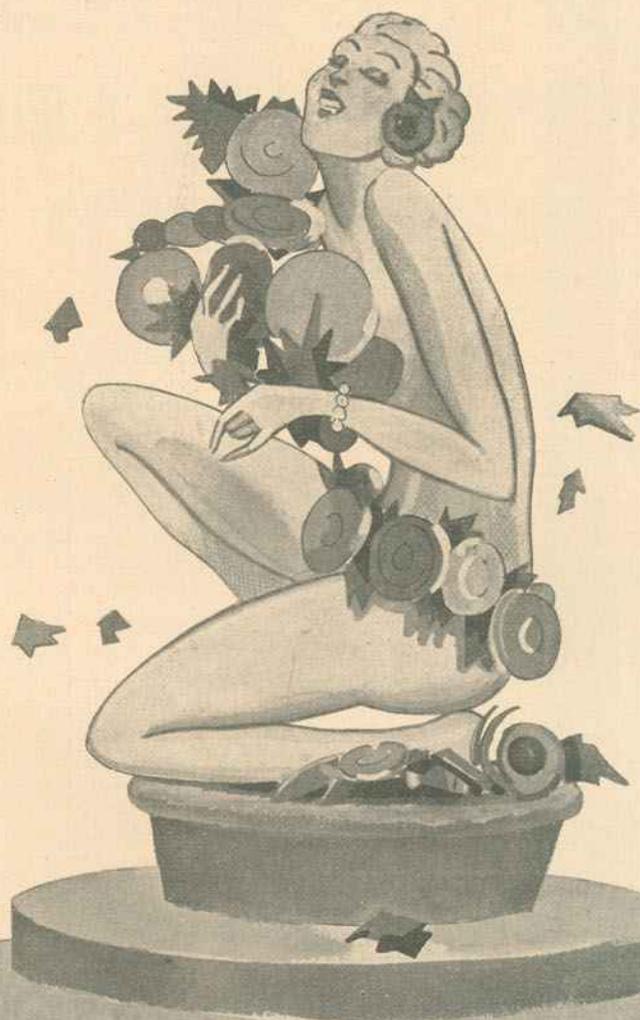
Pedidos às Livrarias

AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA





BERTRAND IRMÃOS, L^{DA}

+ GRANDES + ATELIERS +

+ DE + GRAVURA +

T. DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

UM BRINDE DO NATAL

Uma Biblioteca Escolhida para a minha filha

LITERATURA FRANCESA

DELLY:

Esclave... ou Reine? — Entre deux âmes. — La Fin d'une Walkyrie. — La Petit Chanoinesse. — Sous le masque. — Le Secret du Kou-kou-noor.

M. DELLY:

Dans les ruines. — L'Exilée. — Une Femme supérieure. — Les Hiboux des Roches Rouges Magali. — La Maison des Rossignols. — La Vengeance de Ralph.

GUY CHANTEPLEURE:

Fiancée d'Abril. — Les Ruines en Fleurs. — Âmes Féminines. — Sphinx Blanc. — L'Aventure d'Huguette. — Le Baiser au Clair du Lune. — La Folle Histoire de Fridoline. — Le Hasard et L'Amour. — Malencontre. — La Ville Assiégée. — Ma Conscience en Robe Rose. — La Passagère.

HENRY ARDEL:

Le Rêve de Suzy. — Cœur de sceptique. — Rêve blanc. — Mon Cousin Guy. — Renée Orlis. — Un Conte bleu. — L'Heure décisive. — Seule. — Tout arrive. — Il faut marier Jean! — L'Été de Guillemette. — Le Mal d'aimer.

HENRY BORDEAUX:

La Robe de laine. — La Croisées des chemins. — Les Roquevillard. — La Amour en fuite. — Le Peur de Vivre. — La Nouvelle Croisade des enfants.

M. MARYAN:

Annunziata. — Les chemins de la Vie. — Chimères. — Une cousine pauvre. — Denise. — Une dette d'honneur. — Une Faute. — La maison de Famille. — Méprise. — Le Prieuré. — Roman d'automne. — Le Roman de Rémie — La Rose Bleu.

A' venda nas

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PETROLEO M. d. P.



HAHN

PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24.000 FRASCO PEQUENO 17.000
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: **J. DELIGANT, L.^{da}**
15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecidião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C^{os}), 6, Rue de la Tacherie, PARIS



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital escudos: 1.871:800\$00

RAMO VIDA — Rua Augusta, 228, 1.º

TELEFONE: NORTE 4995

As Apolices de Vida de A MUNDIAL

são Incontestaveis, Mais Baratas e dão Maiores Garantias porque **PREVEEM INCAPACIDADE E DOENÇA** e ainda porque **A MUNDIAL**, pelo seu CAPITAL E RESERVAS e pelo seu volume de negocios é

A Primeira Companhia de Seguros do País

SÉDE-LISBOA
Largo do Chiado

Peçam esclarecimentos a todos os Agentes e Angariadores de

A MUNDIAL

ou escrevam para os escritórios do seu RAMO VIDA, instalados na SUA PROPRIEDADE, na

RUA AUGUSTA, 228, 1.º

LISBOA

Telefone: Norte 4995

Grip-fix A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 10\$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA
73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Grande Novidade em Perfumaria

“VELOUTY DIXOR”

21, Rue Faidherbe — PARIS

Substitue o CRÈME e o PÓ D'ARROZ SEM MANCHAR os vestidos. Lava-se com agua ordinaria. Existe em tres côres: BRANCO, NATURAL e MARFIM.

Nenhum produto o pôde egualar para a BELEZA do ROSTO, das MÃOS, dos BRACOS e do DECOTE.

Leia-se bem! NÃO MANCHA A ROUPA e para provar-o envia-se uma amostra gratuita e um prospecto muncidativo a quem o requisitar indicando o nome desta revista aos agentes

JULES DELIGANT, L.^{da} — 15, Rua dos Sapateiros-LISBOA



NÃO DEIXEM DE LÊR O

Magazine BERTRAND

LEITURA PARA TODOS

a aparecer em Janeiro de 1927, editado pelas

Livrarias Aillaud e Bertrand — 73, R. Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIOTECA ROSA

Biblioteca selecta para meninas, organizada pela escolha dos melhores autores nacionais e estrangeiros. A leitura mais atraente e saudável; páginas, por vezes, dum romanesco empolgante que cativam e enternecem o espirito e desenvolvem a intelligência. — Edição illustrada, com encadernações próprias em percalina e a média de 310 páginas cada volume

Volumes publicados

Alguns Anos Depois, por *M. Paula d'Azevedo*.

Casa do Saltimbanco, por *Madame de Stolz*.

Desastres de Sofia, pela *Condessa de Ségur*.

A Férias, pela *Condessa de Ségur*.

Infâncias Célebres, por *Madame Louise Collet*.

Memórias de Um Burro, pela *Condessa de Ségur*.

Meninas Exemplares, pela *Condessa de Ségur*.

No Colégio da Ameixoeira, por *M. Paula d'Azevedo*.

Quatro Raparigas, por *M. Paula d'Azevedo*.

Que Amôr de Criança, pela *Condessa de Ségur*.

Robinson Crusoe, versão portugueza de *Manuel Pinheiro Chagas*.

Cada volume com encadernação especial e de luxo . . . 12\$00

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Todas as pessoas de bom gosto
e que apreciam a bôa leitura,
devem assinar o

MAGAZINE
BERTRAND
 LEITURA PARA TODOS

Revista mensal, a aparecer em janeiro de
 1927, editada pelas

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

O MAGAZINE BERTRAND dará a volta
 ao mundo

MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes toda a qualidade de material em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estojos para desenho, régua, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lápis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos deste material para fora do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância

Glôbos Geográficos — *Glôbo Celeste*, montado sobre pé de bronze, Escudos 170,000. *Glôbos Terrestres*, Idem, 0^m,45 diâmetro, Esc. 230,000 — 0^m,33 diâmetro, Esc. 170,000 — 0^m,16 diâmetro, Esc. 45,000 — 0^m,08 diâmetro, Esc. 20,000. *Glôbos Terrestres*, (com meridiano), montados sobre pé de bronze, 0^m,33 diâmetro, Esc. 230,000

Mapas Parietais — Das cinco partes do mundo, por J. Monteiro, em folhas de 1^m,35 X 1^m,10

Europa — África — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi

Cada mapa em folhas 15\$00

• • • • •

Pedidos às Livrarias

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Paulino Ferreira

ENCADERNADOR-DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAÍS MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Casa fundada em 1874

Premiada em todas as exposições
 a que tem concorrido

DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa
 Economica Operaria e na Exposição da Imprensa

Trabalhos tipográficos

em todos os géneros
 SIMPLES E DE LUXO

Rua Nova da Trindade, 80 a 89

LISBOA

Telefone: Norte 3495

NOVIDADES LITERARIAS

Novos livros para Crianças



Biblioteca Infantil

.....
Acabam de publicar-se
e já estão à venda

O que Canta o Pintassilgo

(SERIE B—N.º 4)

*Jane Bensaude
e Agostinho de Campos*
ESCREVERAM

*Raquel Roque Gameiro Ottolini
e Emmerico Nunes*
ILUSTRARAM

O Romance das Ilhas Encantadas

(SERIE C—N.º 3)

JAYME CORTESÃO

ESCREVEU

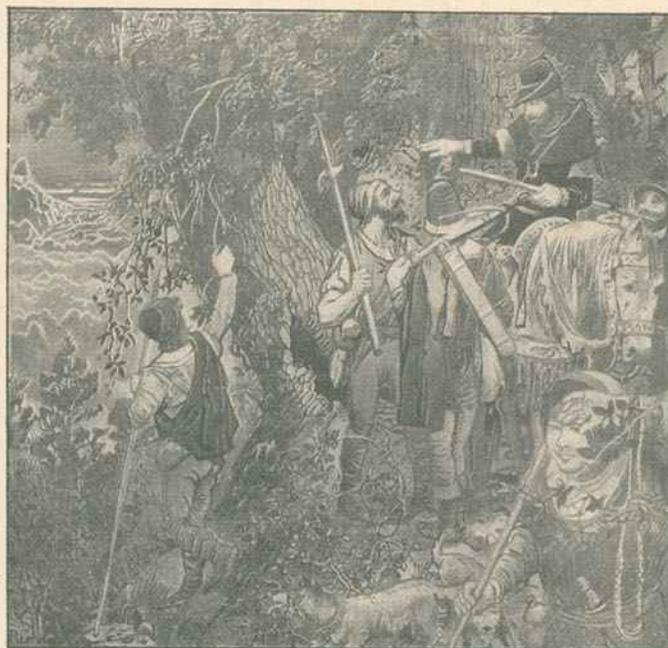
ROQUE GAMEIRO

ILUSTROU

Cada volume brochado ... 6\$00
Encadernado 10\$00

.....

Pedidos aos Editores:



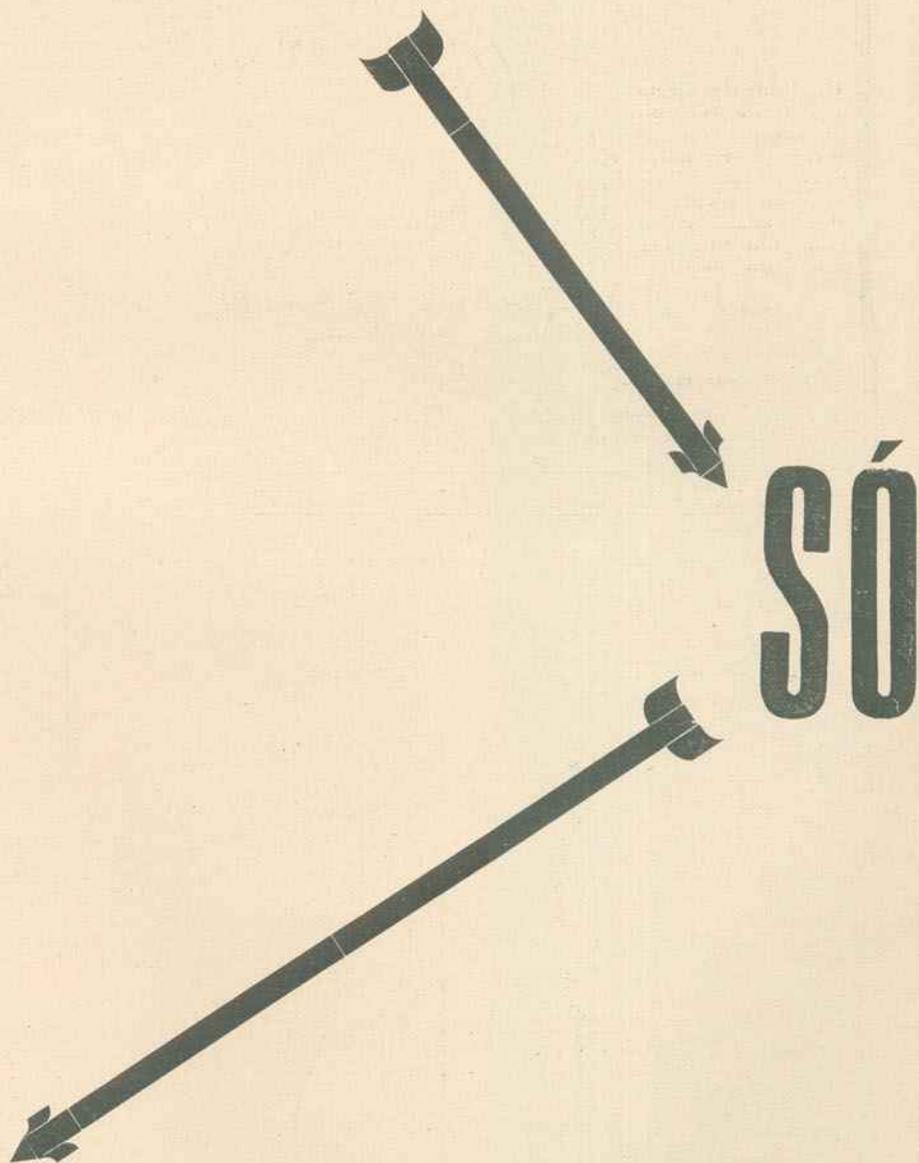
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Livros bons

Baratos

nas



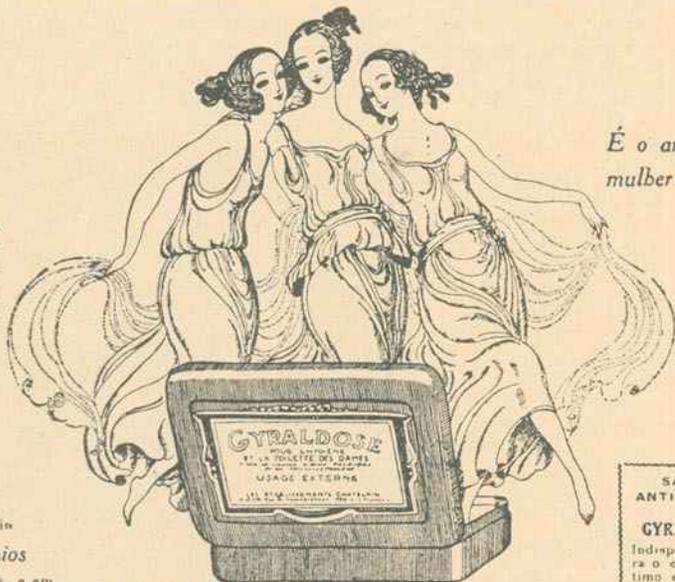
SÓ

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

GYRALDOSE

para os cuidados intimos da mulher

Excelente producto não toxico, descongestionante, antileucorreico, resolutivo e cicatrizante. Cheiro muito agradável. Uso continuo muito economico. Da um verdadeiro bem estar.



É o antiseptico que toda a mulher deve ter no seu toucador.

Communiquez
Academia de Medicina
14 Outubro 1913

Établissements Chatelein
15 Grandes Premios

2. Rue de Valenciennes, Paris, e em todas as farmacias

A GYRALDOSE da elegancia e saude

SABAO
ANTISEPTICO
de
GYRALDOSE
Indispensavel para o cuidado intimo e as doencas da pele e do couro cabeludo.

OVULOS
de
GYRALDOSE
«Levongesivos» nantes e antisepticos, preventivos e curativos das doencas das senhoras

A. VINCENT, Lda - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.

ROYAL WINDSOR
O celebre
Regenerador
dos Cabellos



Restitue aos Cabellos grisathos a sua cor natural. Supprime a Caspa e suspende a queda dos Cabellos.

Exijam nos frascos as palavras ROYAL WINDSOR
Deposito : 28 Rue d'Enghien, PARIS
A VENDA EM TODA A PARTE
Deposito para PORTUGAL
A. VINCENT Lda, 56, Rue Ivens, LISBOA



AS MEIAS de LINHO
PRINTEMPS de
rão de qualidade
--- GARANTIDA ---
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS. R. Ivens 56 - LISBOA

UN JOUR VIENDRA



Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS

Creme para
o rosto



Mantem o pó e assegura uma excelente carnção

dá uma
Cór de Lыз

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS



ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adherente
Impalpavel
(todas as cores)

Visitem
a
Exposição
de
RIDEAUX
AU PRINTEMPS
Rua Ivens, 56. Tel. C. 1858.
LISBOA



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25—Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:

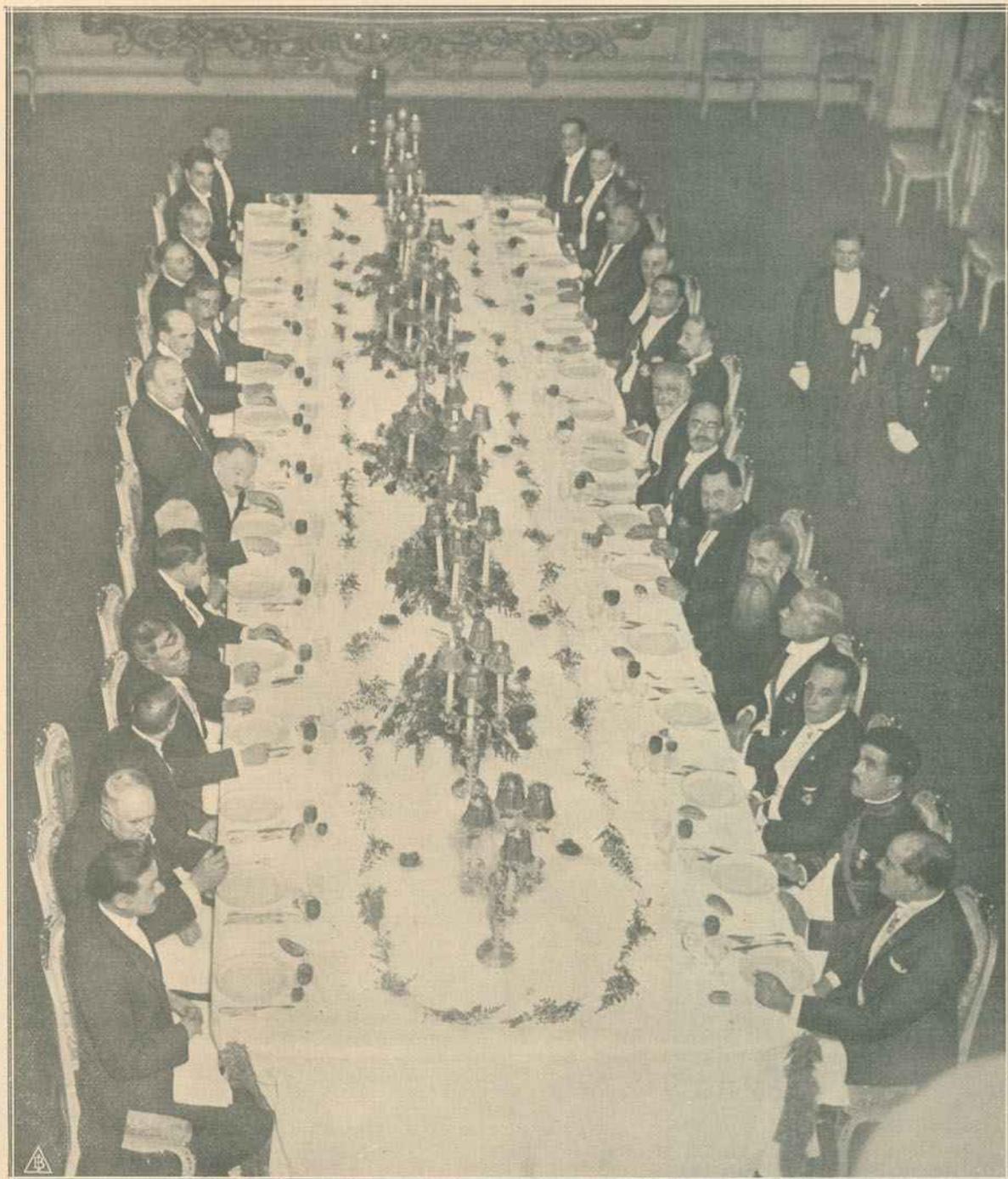
FELICIANO SANTOS

ANO 1.^o—NÚMERO 24

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

20 DE DEZEMBRO DE 1926

CONFERÊNCIA LUSO-BELGA



ASPECTO DO BANQUETE OFERECIDO À DELEGAÇÃO BELGA PELO SR. MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, NO PALÁCIO DAS NECESSIDADES

CRÓNICA DA QUINZENA DO NATAL

MUITO propositadamente esta crónica não respeita à quinzena decorrida, nem se propõe o registo ou o comentário vulgar dos vulgaríssimos factos que passaram. Esta crónica é uma previsão, aliás fácil, da quinzena que decorre e o que ela possa conter de comentário breve ou consideração ligeira não se recêia de um desmentido, a pesar da antecipação que a caracteriza.

É a crónica de Natal, o velhíssimo tema que em cada ano se repete com uma emoção sempre diferente e uma agradável frescura de novidade.

Eu sei que há assuntos natalinos, tão puidos pelo uso, que através dêles facilmente se observa a pobreza de imaginação da pena que os escolhe e neste caso está aquele conto, que desde Edmundo d'Amicis tem feito a lenta volta das literaturas latinas, em cada Natal reeditado com novas pompas de estilo e acrescido de pormenores, que o alindem e actualisem. Não bocejem desde já os leitores que eu não me proponho, à maneira tão emocionante de d'Amicis, fazer abrigar no fundo portal de um palácio em festa a criancinha enregelada, que cerra os olhos de fadiga e sono para acordar deslumbrada junto à árvore de Natal, refulgente de lumes e vergando os ramos verde-negros sob o péso de brinquedos inumeráveis. A história enternecedora da pequenina vendadeira de fósforos comoveu suficientemente a minha infância distante para que eu guarde dela uma recordação tão suave, que nem a mais apertada falta de assunto me forçaria a banalisar num «pastiche» infeliz.

Atravessamos a fase quieta dos atormentados trezentos sessenta e cinco dias do ano. Na proporção das nossas vidas é um momento apenas, um breve segundo, esta maré de rosas das paixões e dos ódios, este marulhar tranqüilo, que mascara e faz esquecer as vagas alterosas, que perpetuamente agitam a alma humana, profundo e vasto mar de ambições e maldade.

Neste momento suave de esquecimento e perdão chega a parecer que vamos transpor o portal vedado da Perfeição. Os ressentimentos, os agravos diluem-se numa benevolência, que não torna a repetir-se, durante o ano e é com sinceridade e vibrando de emoção que os desavindos se congraçam e as grandes faltas encontram absolvição.

Para melhor consolidar a minha afirmação bastará lembrar que neste país de azedume permanente nem aos mais empedernidos profissionais da revolução

passou alguma vez pela cabeça vir para a rua lançar bombas ou dar tiros numa tranqüila noite de Natal, em riscos de impedir o Menino Jesus de fazer a sua distribuição de brinquedos. — que os profissionais do barulho, em geral, também teem chaminé e alguns petizes, que ainda não puderam libertar-se da ideia, afincada com teimosia infantil, de que nessa noite é preciso que haja socêgo nas ruas e lume nos lares, para que não falte, na manhã seguinte, o cavalo sonhado ou a boneca que já custou lágrimas de pai-xão.

Respira-se bondade nesta fase tranqüila de tão escassas horas. Realiza-se o versículo litúrgico que invoca a paz, na terra, aos homens de boa vontade e até — para que não dizê-lo? — se reconhece nos gestos e nas almas mais delicadas, um mais vincado desejo de ser agradável e de sorrir ao nosso semelhante. A Piedade é mais viva e mais sensível e o Amor tem um perfume de encanto e um significado quasi tão amplo como o que encontrou na alma suavíssima do Pobrezinho d'Assis.

A própria materialidade das solenizações do Natal — a ceia clássica, o jantar farto, a doçaria da quadra — adelgaça, imaterializa-se quasi, através do enternecimento que a reveste. «Faz hoje um ano, a estas horas...» — e é a lembrança dum parente, a evocação dum amigo que a Vida, com as suas complicações ou a Morte, com a sua facilidade aniquiladora, desterraram da casa em festa. E o gosto de viver assim, em Paz e em Amor, também allora as almas e das almas sobe aos olhos, numa lágrima enternecida, à hora das saudes: «Oxalá que de hoje a um ano, estejamos aqui todos, em volta desta mesa...»

Porque não se propaga, através da curta vida humana, esta vibração de simpatia e bondade? Porque, passada a quadra festiva, depois de nos termos desejado sinceramente e como irmãos mutuas felicidades, voltamos para a rua e para a Vida, arreganhando o mesmo egoísmo feroz, atropelando tudo e todos, na ância insofrida de chegar primeiro e de atingir mais alto? Porque só durante umas curtas horas deixamos que a alma nos domine e no resto do longo ano permitimos que o instinto nos arraste num galope desenfreado?

Parece que é condição mesma da Vida esta luta que nos consome as energias, luta mais cruel e mais feroz que a das espécies inferiores, porque não é travada com garras, mas com a inteligência. E tantos séculos de aperfeiçoamento decor-

ridos ainda não bastaram para libertar o homem da porção de animalidade que lhe não permite, senão atingir a era da Justiça e da Equidade, ao menos conservar-se durante a vida em Natal permanente.

Afinal, não é talvez difícil explicar, pela influência decisiva das crianças, esta vaga de bondade e de ternura que nos enche as almas de perdão e benevolência, na época do Natal.

O Natal é das crianças e elas são as únicas amostras de Beleza da Alma, que possuímos. Quem domina, no Natal, não é o velho «Père Noël», de barba branca e capuz branco de neve, importado dos países do norte, com o seu alforge de brinquedos e o seu ramo de espinheiro. Quem reina é El-rei Bêbé, simbolizado, para efeitos espirituais, no Menino Jesus e representado, materialmente, por uma gorducha bolinha de carne rosada, com duas ameixas por olhos, em casa de cada um.

Em casa de cada um!... Eis uma frase, tão simples e desataviada, que eu não consigo escrever sem uma pontinha de emoção, ao evocar os lares estêreis, onde não floresce a bênção dum sorriso numa boquilha reduzida e vermelha, como um coraçãosinho seivoso.

Não digam nada aqueles que me le-rem, que o tempo não vai propicio a sentimentalidades e o ridículo afoga facilmente a sinceridade, sem cuidar se fere, bem fundo, uma alma. Não digam nada, mas eu sou um dos muitos que sofrem por não ter, na noite de Natal, um pretexto para entrar numa loja de brinquedos, a escolher, com carinhoso interêsse, um urso felpudo de pernas articuladas, uma boneca que fala e fecha os olhos, um grande cavalo de pasta arreariado a couraceiro, um combóio com os seus rails, uma cozinha completa e tantos, tantos motivos de alegria, que iluminassem uns olhos onde eu revisse os meus olhos comovidos e deleitados.

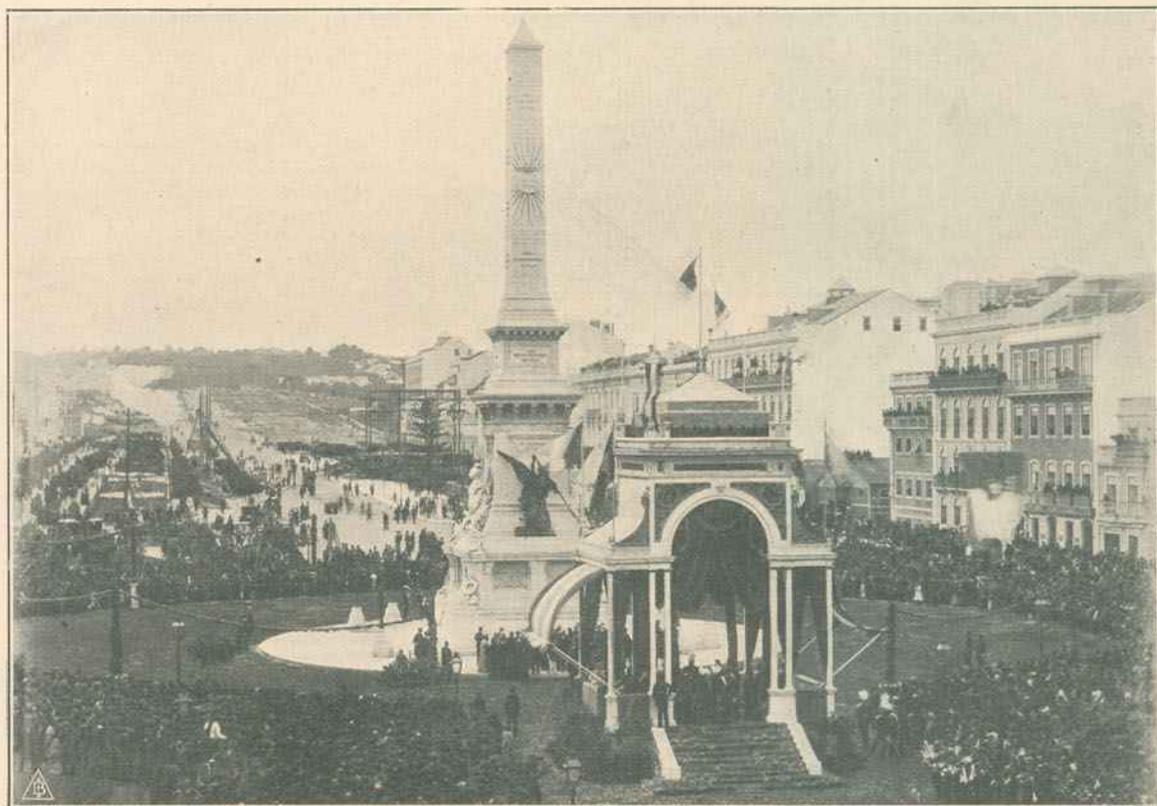
Não, eu não tenho o pretexto, um pretexto de louro cabelo anelado, que eu fosse surpreender na sua caminho branca, rodeando-o dos brinquedos desejados e roçando-lhe apenas os cabelos com um beijo leve e tímido, para o não despertar, para não perturbar a surpresa da manhã seguinte e não perder o grande beijo que me era devido.

Nunca tive êsse beijo... Na noite de Natal entro em casa com as mãos e a alma vazias.

Não digam nada... Aqui fica a confidência.

FELICIANO SANTOS.

ACTUALIDADES



Um clipe histórico. — Inauguração do monumento dos Restauradores, em 1 de Dezembro de 1886, vendo-se na tribuna o rei D. Luís



O 1.º de Dezembro. — O presidente da República e membros do governo, junto do monumento dos Restauradores, na comemoração daquela data histórica



A C T U A L I - D A D E S

O general, sr. Oscar Carmona tomou posse, no dia 29 do mês findo, do cargo de presidente interino da República Portuguesa. O cerimonial da posse, com as formalidades protocolares do estilo, realizou-se no edificio do Congresso, onde ficou instalada a presidência da República para efeitos de expediente. A gravura, que publicamos, fixa o momento em que o general sr. Carmona, assomou à varanda principal do Congresso, fazendo a continência



NA FACULDADE DE CIÊNCIAS. — Assistência ao baile promovido pelos alunos daquela Faculdade em homenagem aos colegas que se matricularam no presente ano



NO THEATRO NACIONAL. — Aspecto do almoço oferecido ao Comissário do governo, sr. Gustavo de Matos Sequeira, pelos directores da Companhia, que actualmente trabalha naquele teatro, sr. José Alves da Cunha e D. Berta de Bivar

ACTUALIDADES



NA UNIVERSIDADE DO PORTO. — O Dr. Luis Viegas lendo o seu discurso na sessão de homenagem ao Dr. Alfredo de Magalhães, promovida pela Faculdade de Medicina do Porto, sessão em que foi inaugurado o busto daquele último professor



SARAU DE BENEFICÊNCIA. — A favor da instituição de caridade «Florinhas da Rua», do Porto, realizou-se um sarau com o concurso do ilustre poeta Eugénio de Castro, João Grave, Antero de Figueiredo, Jorge Colaço, Dr. Luis Viegas, D. Branca de Gonta Colaço e D. Maria de Carvalho. — Homenagem a Júlio Dixis — Grupo de canto coral dirigido pelo sr. Dr. Gonçalo Sampaio e composto por estudantes, que tomou parte no sarau realizado no Teatro S. João



AUDIÇÃO MUSICAL. — Assistência ao concerto de apresentação dos alunos da professora de piano, sr.ª D. Maria Rosalinda Correia Leite Lanhoso de Freitas, no salão da Galeria de Paris, no Porto

ILUSTRAÇÃO

SOCIEDADE ELEGANTE



A SENHORA CONDESSA DE FICALHO, REPRESENTANTE DE UM DOS NOMES MAIS ILUSTRES DE PORTUGAL, E QUE MANTÉM COM INEXCEDÍVEL BRILHO
A ALTA TRADIÇÃO DE ESPÍRITO, HERANÇA SECULAR DA SUA RAÇA

SOCIEDADE ELEGANTE



Na residência da família Seixas realizou-se, há dias, o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Malheiro de Seixas com o sr. Dr. Tito de Castelo Branco Arantes



Na pitoresca Quinta dos Azulejos, no Paço do Lumiar, residência da família Paiva Raposo, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luísa de Paiva Raposo com o sr. Dr. Gustavo de Medeiros e Almeida



Aspecto do concerto realizado na residência da sr.^a D. Ema Romero Santos Fonseca

DESPORTOS

AUTOMOBILISMO

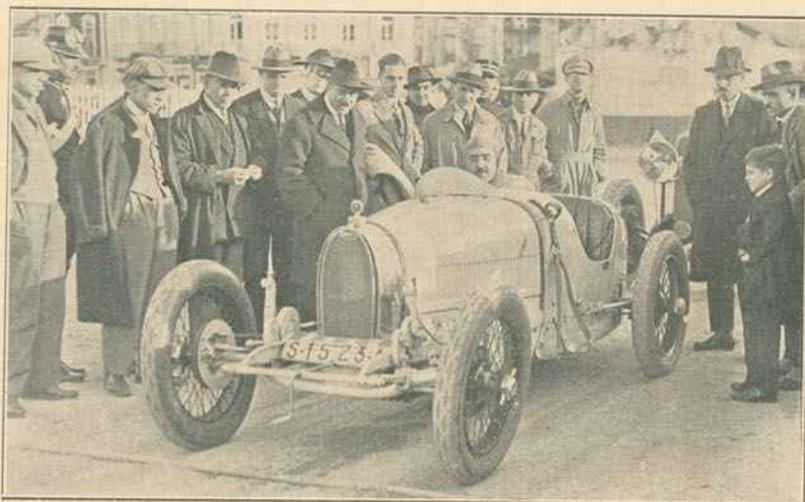
O Quilómetro de Arranque, organizado pelo *Diário de Notícias*, para os pobres de Lisboa, coadjuvado pelo automóvel Club de Portugal e pelo jornal *O Auto* merece ser registado nestas colunas como um acontecimento desportivo notável.

A assistência foi muito numerosa, o que prova bem o desenvolvimento do automobilismo em Portugal nestes últimos tempos.

A organização foi boa e pela primeira vez entre nós tivemos os serviços de cronometragem devidamente montados e de molde a poder-se tomar os tempos realizados com precisão.

A classificação geral dos três primeiros foi a seguinte:

- 1.º Abílio N. dos Santos em Bugatti — 36²/₃, — média 96,900 a hora.
- 2.º Bandeira de Melo em Bugatti — 38¹/₃.



Abílio Nunes dos Santos, vencedor da prova

em que tivessem o terreno necessário para desenvolverem bem as suas excelentes qualidades.

Oxalá o êxito obtido venha proporcionar às entidades competentes, a organização de futuras provas de estrada que sem dúvida são bem mais interessantes que o quilómetro de arranque.

Uma prova de estrada bem organizada entusiasma muito mais o público e prende muito mais a sua

primeiro lugar foi terrível, tendo durante o decorrer da prova abandonado muitos dos corredores inscritos, em resultado das numerosas quedas que se deram.

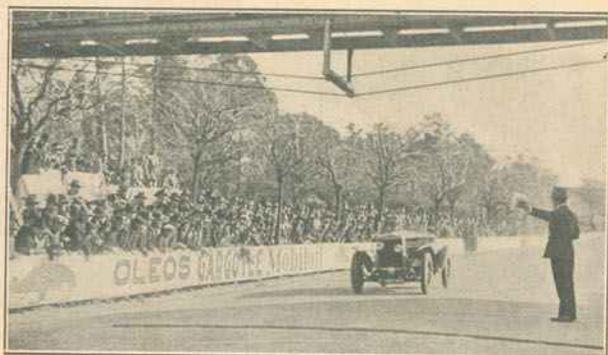
A vitória esteve indecisa até quasi ao final tendo-se classificado em primeiro lugar a equipe Américò-Italiana, Mac-Namara-Lniari que ganhou a prova brilhantemente.

A equipe francesa Wambst-Lacquehay, que era considerada como um dos grandes favoritos, conseguiu apenas classificar-se em quarto lugar.

ESGRIMA.—O brilhante atirador francês, Lucien Gaudin, esgrimista «hors classe» e vencedor de inumeras provas vai tomar parte brevemente numa festa de esgrima a realizar em Paris.

Gaudin disputará neste sarau três combates, respectivamente à espada, ao florete e ao sabre contra os campeões de França destas três armas.

Gaudin é hoje o único esgrimista do mundo capaz de combater três adversarios de grande valor nestas condições.



O «Fiat» do Sr. António Heredia, cortando a meta

- 3.º Palma de Vilhena em Jean Gras — 39¹/₂.

O distinto amador motociclista Monton Osório, estabeleceu o record português em moto de 350 c. c. em 38¹/₂ ou seja a uma média de 94¹/₂,700 a hora.

A vitória pertenceu sem dúvida ao melhor carro, tendo o seu «volante» contribuído muitíssimo para obter esta boa classificação.

A marca «Bugatti» é hoje universalmente conhecida e presta-se sobretudo para provas em que se exigem carros com uma muito rápida aceleração e grande estabilidade.

Entre os inscritos havia carros capazes de realizar maiores velocidades que os «Bugatti» mas em provas a disputar em outras condições.

O «Fiat» de António Heredia e o «Isotta» de Fernandes, quer-nos parecer que eram os carros que maior velocidade alcançariam numa prova

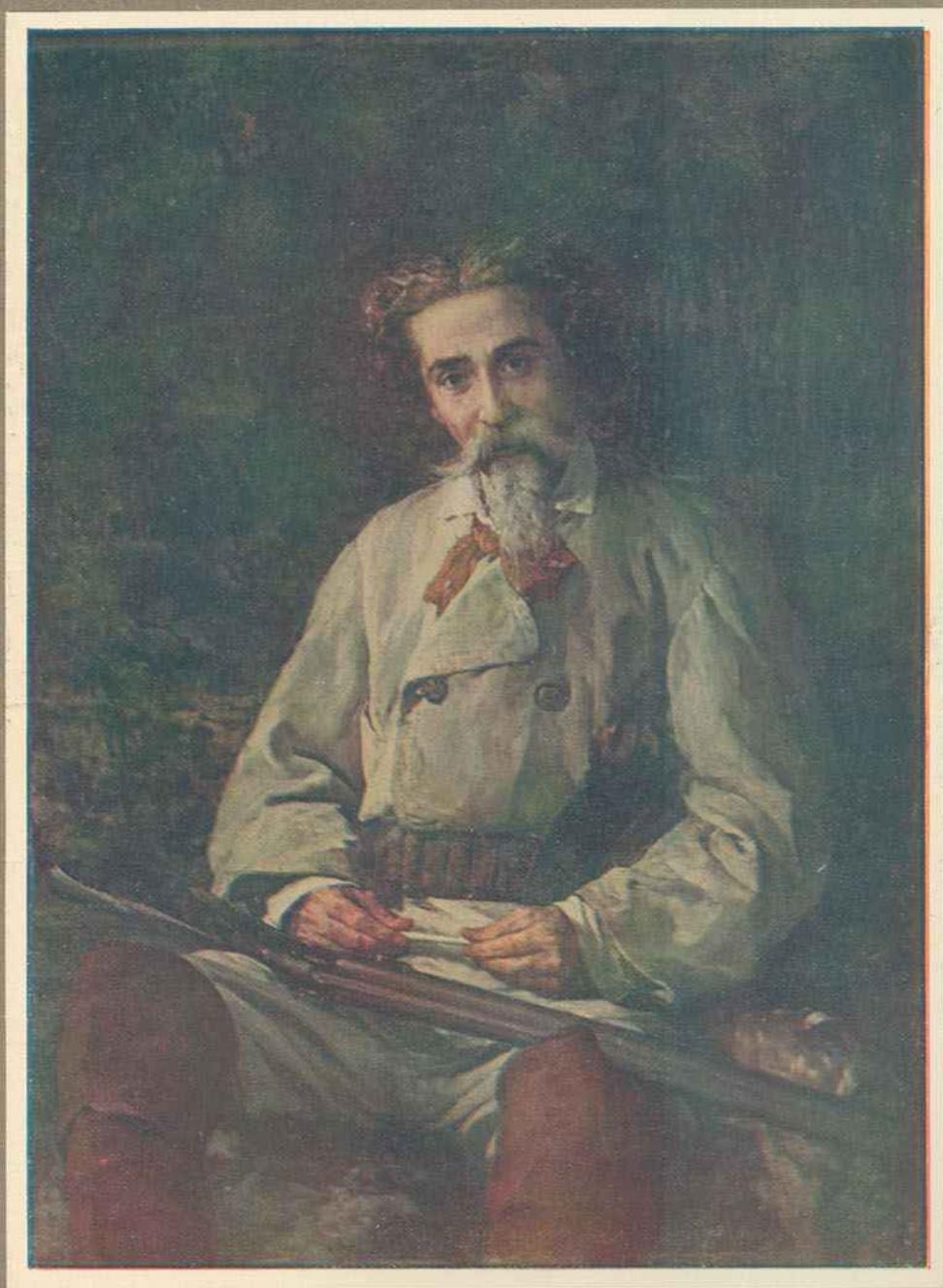
atenção, pois dá lugar a luta entre os diferentes concorrentes, o que não aconteceu no quilómetro de arranque. Não queremos contudo deixar de felicitar os organizadores da prova pelo brilhante êxito com que viram coroados os seus esforços.

ESTRANGEIRO

CICLISMO.—A corrida dos «Seis Dias de Nova-York» foi êste ano disputada com um entusiasmo fora do vulgar. A luta para o



O motociclista Monton Osório em plena velocidade



LUPI (MIGUEL ÂNGELO)—Retrato do poeta Bulhão Pato
(Escola portuguesa)

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

O A U T O

POR TEIXEIRA DE PASCOAES

(Ao JOÃO CORRÊA DE OLIVEIRA,
COLEGA NAS LETRAS E NO VOLANTE)

Eu, mais ou menos poeta irracional, amante da paisagem e inimigo daqueles que vêm, num jardim, a última palavra da Literatura, cáio nesta grande contradição: prefiro ao carro de cavalos o automóvel! Há uma fibra nervosa no meu sêr que se modernizou, e vibra violentamente, e me arrebatava e leva, a 50 quilómetros à hora, através de uma estrada de Portugal! Uma estrada de Portugal! Oh que tragédia em solavancos e barrancos! (Diga-se entre parêntesis: quem quiser conhecer o Portugal político e administrativo, meta-se num automóvel, depois de implorar a protecção dos Deuses imortais! Mas quem desejar conhecer Portugal como obra do Criador, sirva-se das próprias pernas e do cajado dos peregrinos, ou peça as quatro pernas emprestadas a um macho de almocreve, e vá indo, em cima de uma albarda, de olhos extasiados, a dizer que sim com a cabeça, de aldeia em aldeia, de vila em vila, como nos tempos do Bandarra.

Por mais arqueologia que nos enferruje ossos, temos de pertencer à nossa época. Que remédio, senão falar ao telefone e ir de *Camões à Estréla*, num eléctrico e atravessar *num gasolina* as bíblicas águas do Mar Morto?! Que remédio! Se Jesus Cristo voltasse ao mundo, não entraria em Jerusalem, a cavalo num jumento, mas num vagon de 3.ª classe que o deixaria na *gare* de Silóé, a dois passos daquela fonte que ainda murmura, a medo, num versículo da Biblia. Mas o pior não era o vagon de 3.ª classe; o pior era aquele abraço de um amigo: — «Olá, meu caro Messias! Anda daí beber uma cerveja à *Brasileira!*» Porque a *Brasileira*, com certeza, já chegou a Jerusalem e dependurou, na cruz do Calvário, o

seu fantástico *réclame*, em letras enormes e vermelhas!

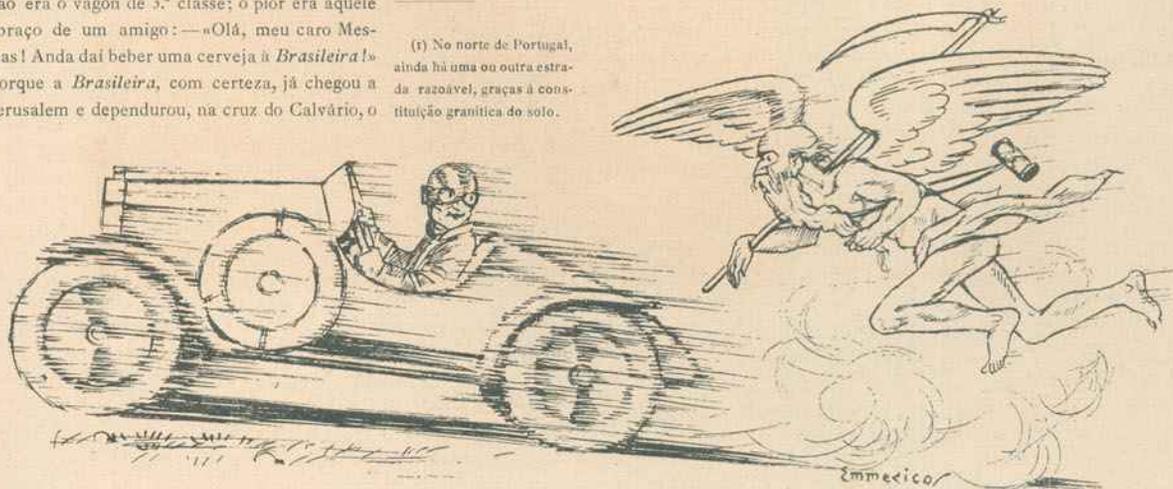
Sim, temos de ser do nosso tempo. Confesso que é uma delícia, em julho, manhã cedo, deitar as mãos ao volante, sentir, debaixo de nós, um *Panhard*, estremecer e roncá, ávido de paisagens e distâncias! O bicho larga à desfilada, (1) e passam, correndo, à nossa direita e à nossa esquerda, campos, montes, rios e regatos, cavaleiros em que a azémola pretenciosa se continua para o céu, miseros peões, abrindo e fechando as pernas, num movimento ridículo de caricatura animada por um demónio bregeiro e parente do Bordalo. Surgem, diante de nós, numa febril multiplicação de aspectos variáveis, e ficam logo para trás. Só a luz do dia, inalterável, vai doirando serenamente tôdas as cousas em tumulto.

A velocidade embriaga e leva-nos nas suas azas deslumbrantes. Sentimo-nos libertos de um pêso morto que nos chumbava à terra morta. Dir-se há que mudamos de natureza e que o espaço e o tempo se desfazem na nuvem de pó que o auto levanta ao longo das estradas. O auto destrói o tempo e o espaço, e quebrou as milenárias algemas que nos prendiam à inércia, à estagnação, ao tédio, ao aborrecimento, êsses demónios que torturaram os nossos avós, sentados numa liteira, a dormir e a bocejar, como tu, ó Cícero, quando ias da lama de Romulus

para as sombras viridentes de Tusculum! Doze léguas que te pareciam um infinito! Nessa época, o auto nem mesmo na imaginação dos poetas existia, embora Icaro já houvesse tentado realizar, com umas azas de cêra, o que o Beires conseguiu fazer, com umas azas de lona, desde Lisboa até Macau! O avião, idealmente falando, é mais antigo do que o auto. Há uma metamorfose de Ovidio em que êle paira nas alturas. O pescador, à beira do rio, deixa cair a cana, espantado, de olhos postos naquele pássaro enorme e nunca visto; o camponez pára de lavar e, com as mãos nas aivecas do arado, contempla, boquiaberto, aquela sombra ancestral de Sacadura e Guinmer. Os antigos sonharam voar; mas a nenhum romano contemporâneo de Vergílio, lhe passou pela cabeça que seria possível, um dia, ir de Roma a Brindis, pela via Apia, em três ou quatro horas.

O auto é que é o *momento presente* convertido num animal prodigioso que devora o espaço. Um animal, sim! Um auto (tipo sport, é claro, o meu por exemplo) dá-me sempre a idea de um corpo que tem fôlego vivo, embora seja de ferro. Alimenta-se, respira, expelle por um tubo as fêzes fumarentas e, pela guela de metal, estridulos roncões alarmantes; e, com a sua côr do rada e cauda de besouro, é um verdadeiro insecto monstruoso, de asas negras, zumbindo e voando vertiginosamente, à flor da terra. L

(1) No norte de Portugal, ainda há uma ou outra estrada razoável, graças à constituição granítica do solo.



ILUSTRAÇÃO

vai, lá vamos pela fita branca e sinuosa, que parece evaporar-se em nuvens de poeira, atrás de nós. As margens arborizadas fogem, dominadas por um súbito pavor, ante a aparição daquele monstro, quási alado, que enche de sons atroadores os vales e as encostas, a devorar léguas e léguas, sempre faminto de novos horizontes. O auto respira, ronca e corre, e abre uns olhos, de noite, que rasgam as trevas, de lado a lado, e as árvores, roubadas à escuridade, mostram, fugindo, as ramarias verdejantes, e um esboço de paisagem ilumina-se, constantemente, à nossa frente. E, no silêncio noturno, aquele monstro de ferro quási alado, passa como um animal sobrenatural, em fantástico desacôrdo com a inércia dos grandes relêvos mortos da paisagem. Um auto através da noite e do silêncio! Que absurdo! Mas temos de o admitir, porque o sentimos estremecer e correr, dirigido pelas nossas mãos, a trinta, quarenta, cinquenta quilômetros à hora! É um absurdo de ferro que grita e relampeja, e destrói o espaço e o tempo, e abre um túnel de luz, para passar, nas trevas acumuladas sobre o mundo.

O auto é hoje uma espécie de divindade industrial, um Vulcano que aprendeu a Mecânica moderna; e, como outrora fornecia a Júpiter o raio vingador, está hoje ao serviço dos humanos, para lhes criar uma nova paisagem e uma nova alma, pois a alma descende da paisagem: é uma vaporização quimérica da terra. Não sei se os sábios, que metem o nariz em tôdas as partes secretas da Criação, trataram já de estudar a influência que a velocidade exerce na vida moral e mesmo física do homem. Ela veio transfigurar o mundo. O mundo que se vê de um auto, não é o mesmo que se avistava da imperial de uma deligência. As árvores, os penedos, os campos e os montes perderam a quietação mil vezes secular em que existiam. Como que se libertaram da inércia e ganharam movimentos vertiginosos. Quando um automóvel passa, tôdas as cousas enlouquecem; a terra evapora-se, sob as rodas de borraça e as próprias casas dançam com os montes, e os montes correm, no ar, com as nuvens batidas da tempestade. É uma loucura geral, um excesso de vida que embriaga tudo. A paisagem agora é delirante, como a alma do homem actual, êsse bicho que se afastou dos outros mo-

ralmente para, depois, regressar a êles materialmente.

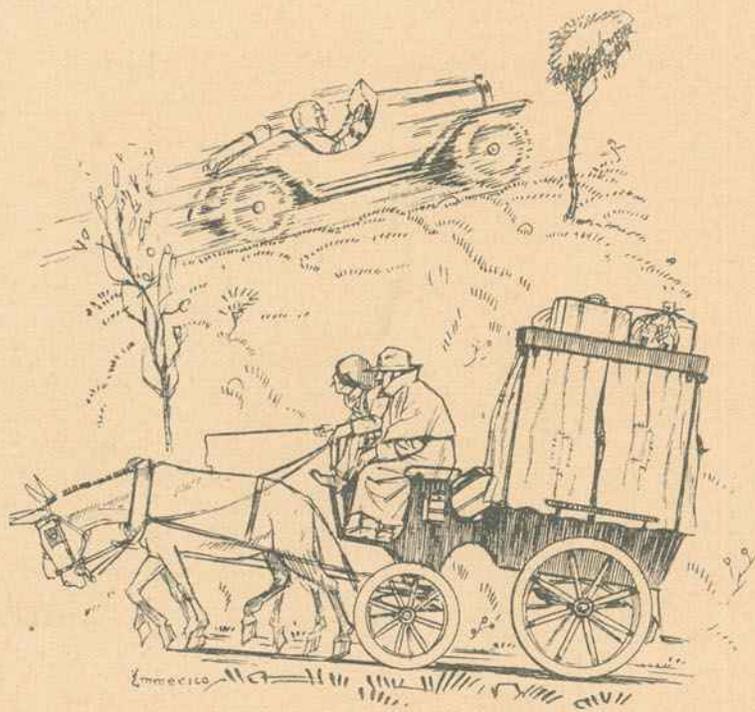
Pelo espírito, aproximou-se dos Deuses e foi Eschilo, Platão, Vergílio. Agora, levado pela mesma fôrça, noutro sentido orientada, o seu sonho é igualar o peixe e a água; criou o submarino e o avião, — e é um Bleriot, um Gago Coutinho e mesmo um sr. Palma de Vilhena ao volante de um *João Gras*. Mas destas ascensões espirituais e destas quedas na Matéria, resulta uma transformação e um aperfeiçoamento constante da alma humana que pretende conquistar êste mundo e o outro; e, porisso, ela caminha dêste para aquele, daquele para êste, a ver, a observar, a sondar, a assimilar, os elementos

estagnada de todos os instantes. Camilo foi uma alma a 80 quilômetros à hora, e teve de viver parado, no Portugal tedioso e adormecido de D. Luis, êsse rei de gorda e flácida memória. O aborrecimento cegou-o e desfechou-lhe um revólver na cabeça. Camilo foi uma insurreição de espectros, que êle não pôde dominar senão a tiro. Viu-se assaltado e sózinho, na monotonia de uma aldeia. Fugia para o Porto. Inútil! Que era o Porto dêsse tempo? Ruas estreitas e sujas, uma luz parda e húmida, um e outro *americano* puxado a mulas, restos dos conventos e de frades, uma iluminação de entêrro durante a noite; e, de dia, três ou quatro grupos de pessoas aborrecidas, na Praça de D. Pedro: — aquela grande

aldeia de que falava Garret, com um alto cipreste empedernido, a mostrá-la, de longe, ao viandante.

Camilo encontrou-se no meio de um deserto, êle que era uma tempestade aprisionada num corpo humano, a esculpir fraguados e remorsos: os remorsos da sua alma e os fraguados de Tras-os-Montes. Matou-se, fugiu definitivamente de S. Miguel de Seide para o Inferno...

A paisagem romântica de Camilo desapareceu com a liteira e a deligência. O que vemos hoje, de um auto, é uma confusão de campos montes e vales em delírio, uma paisagem futurista. Também à Poesia antiga sucedeu outra Poesia, em versos desmanchados e relam-



pejantes, num ritmo de gritos que rasgam todos os aristotélicos preceitos. Horácio, que dirias tu, se escrevesses uma nova epistola aos Pisões? Mas ai, se aparecesses neste mundo, serias logo atropelado pelo primeiro *camion da Nacional*. E tu, Vergílio, também!

Ao arriero sonolento fustigando os machos vagarosos, succedeu o *chauffeur*, diabólico e veloz que se lança, através do espaço, com negras azas de ferro que rastejam, atrojando a terra e os ares e espantando a noite que recua. O mundo transfigurou-se; é outro. Uma nova fôrça anima o homem. De natureza material? Mas virá o dia em que ela se há de espiritualizar, e será o grande dia do Futuro. Um novo Platão irá, de Atenas a Corinto, num hora, e subirá, para além das nuvens, nas azas de um relâmpago. E há de ouvir então, mais claramente, a música das estrelas, e perceberá melhor, que outrora, o sentido divino dêsse etéreo cântico remoto.

— «Belo! magnífico! admirável!» — exclamaria a sua alma atormentada, subitamente alegre daquele abalo inédito que nos liberta e transfigura. Sentir-se-ia arrancado à dor monótona e

OS QUADROS DE COLUMBANO



Já se encontram colocados nos Passos Perdidos do edificio do Congresso da República os quadros decorativos encomendados, há anos, ao grande pintor Columbano Bordalo Pinheiro, e que vieram confirmar, mais uma vez, os altos dotes do consagrado mestre.

Nos seis quadros, as figuras são, por sua ordem, as seguintes: D. Denis, João das Regras, D. João II, Febo Moniz, Padre António Vieira, João Pinto Ribeiro, D. Luis de Menezes (Conde da Ericeira), Conde de Castelo Melhor, D. Luis da Cunha, Marquês de Pombal, José Seabra da Silva, Manuel Fernandes Tomás, Borges Carneiro, Joaquim António de Aguiar, Mousinho da Silveira, Duque de Palmela, Marechal Saldanha, Silva Carvalho, Passos Manuel, Garrett, Alexandre Herculano e José Estevão.

Prestando homenagem ao insigne artista e ilustre director do Museu de Arte Contemporânea, a *Ilustração* lamenta não poder ocupar-se mais largamente do assunto, devido a vários impedimentos postos à nossa boa-vontade.



LIVROS E ESCRITORES

Quasi simultaneamente, dois Ribeiros vieram agora irrigar as pobres glebas da nossa literatura, que estavam sofrendo uma estiagem já extemporânea e mais árdua do que em ano algum.

Por um lado, Aquilino Ribeiro, descido das magestosas serranias beirões e trazendo na sua prosa um eco das fartas águas que, em estrepitosas torrentes, caem do alto das fragas; pelo outro, Manuel Ribeiro, vindo da planura alentejana, mais lento no seu verbo, como lentos são os veios de água da sua terra sísmática; — ambos apareceram neste momento a dar começo oficial à *season book*, cuja abertura coincide, geralmente, com o romper da época pluvial, e este ano se havia atrasado de véras.

Aquilino Ribeiro, o romancista vitorioso da *Via Sinuosa*, o contista admirável do *Jardim das Tormentas* e da *Estrada de Santiago*, deixa passar ano atrás de ano sem nos dar obra nova, e isso não pouco escandaliza os fiéis do seu talento. O mais do seu tempo, consome-o a esmerilar a obra antiga através das sucessivas edições que todos os seus livros contam.

Cada nova estampa de trabalho seu publicado há anos contém sempre, por isso, seu grão de novidade, que não deixa de ser grato saborear, — mas há quem se não contente com tão pouco e exija d'ele — e, quanto a nós, com razão — que nos presenteie com fruto literário colhido recentemente do seu talento, trazendo ainda, bem visíveis, sinais de frescura.



Aquilino Ribeiro

Andam faunos pelos bosques..., o seu livro de agora, satisfaz em parte, em grande parte mesmo, essa exigência. E dizemos em parte, porque é obra que, por completo refundida e desenvolvida em todos os seus membros, tomou por base uma novela já inserta na edição primitiva das *Filhas de Babilônia*. Mas como a pequenina e páida brasa que a cinza da lareira esconde trouxe parentesco tem como o incêndio rubente e audaz que devora um palácio, assim o romance que Aquilino Ribeiro hoje nos apresenta dificilmente traz à lembrança a novela franzina, já impressa, que lhe deu origem.

É ainda no cenário ridente da Beira que Aquilino Ribeiro desenrola a acção da sua fábula *Andam faunos pelos bosques...* No prefácio do volume, menos de meia dúzia de páginas escritas com certo tom de arrogância que, aliás, não lhe fica mal, o autor anuncia-nos que esta é a sua última obra confinada no ambiente rústico. E, depondo ele próprio sobre o carácter dos livros que tem publicado até hoje, menos regionalistas, no significado estreito do termo, do que muito boa gente julga, Aquilino grita a *urbs*, vazadoiro de pulhastras e preguiçosos,

que de futuro terá de haver-se com a sua pena desembaraçada e inclemente na critica.

Dêste modo, o livro *Andam faunos pelos bosques...* assume especial importância na obra do forte prosador das *Terras do Demo*: é o seu adeus à pintura campesina, é o termo do primeiro período da sua carreira literária.

Aqui o autor teve artes de conduzir a acção e desenvolver o tema com um acento de originalidade, que é, além do pitoresco da linguagem, o melhor atributo do livro. Personagens que, de ponta a ponta, dominem o entrecho, concentrando a anedota, não os há, ou mais exactamente, há, mas é um único e esse abstracto, oculto — o génio da espécie, o qual, successivamente, no decorrer de interessantíssimos episódios, se transmuda de continuo, incarnando-se nas várias figuras que animam a fábula.

Sobranceiro a todo o género de preconceitos, levando de vencida a própria disciplina religiosa, essa ignota força assenhoreta-se das frágeis criaturas humanas, obrigando-as a rodopiarem imbeles pela vida, como fôlhas sêcas que a nortada sopra. Em vão exorcismos, em vão as mais engenhosas defesas: o monstro que enche o mundo e, todavia, ninguém vê nem logra tocar, vai, cruelmente, imolando as vítimas, sem receio de punição, quer divina, quer terrena.

Estas páginas, acusando a mão apurada dum estilista, sub-entendem um problema que está hoje na ordem do dia, apensionando homens de sciência, como Freud e seus acólitos. Descontando o que há nela de farsa, a crónica libidinosa da aldeia reflecte, no fundo, o estado actual da humanidade, que vai como que varrida por vesânia sensual.

Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade. Daquelles, daremos por exemplo o do círculo ao imaginário papa-moças, estendido por montes e vales e movendo, sob o mando do picaro e façanhudo Pedro Jerigodes, uma assombrosa corda de povos. Dos segundos, apraz-nos dar primazia ao de Ludovina e padre Teodoro, quando este é intimado a ouvir de confissão a sua ardilosa amante.

Aqui persiste Aquilino Ribeiro em desenharem os clérigos da sua Beira como eméritos glutões e pais de filhos. Provável é, pois, que, como já succedeu doutras vezes, o excomunguem por isso. Mas, aos que o fizerem, poderá o autor do *Andam faunos pelos bosques*, com um leve encolher de ombros que muito dirá da sua despreocupação perante o ataque, responder isto, com espirito-santo de orelha de Balzac: «*Mais bête, puisque l'histoire est vraie, veux-tu que je fasse mieux que la vérité?*»

O livro de Manuel Ribeiro é, a bem dizer, a antítese do que acabámos de falar. *A Revoadá dos Anjos* dá-nos a outra face, diametralmente oposta, das preocupações hodiernas: o renascimento do espirito religioso.

Como nos volumes anteriores do escritor, a consciência católica encontra nas tresentas páginas d'este motivo de regosio e exaltação.

Fascinado pelo esplendoroso movimento artístico nascido da epopeia franciscana, sobretudo pelo que se gerou nos *frescos* de Giotto, soberano motivo de orgulho para a cidade de Assis, Manuel Ribeiro, o festejado autor da *Catedral do Deserto*, da *Ressurreição* e da *Colina Sagrada*, transmite-nos no seu último trabalho, não apenas as impressões que lhe produziu no espirito a contemplação dessas maravilhas, mas também as que lhe impôs o ambiente do burgo umbriano, segundo elle afirma, duma ascendência mística absorvente, que contagia e empolga.

Com muito mais do que apresentam, por via de regra, as fugidias recordações de viagem e eximindo-se também a sêca menção das riquezas picturais observadas, o autor, como já usara com os outros livros que lhe grangearam publico e fama, enxertou essas lembranças e essa análise artistica e psicológica do pais de Assis num esboço de novela, que foi pena elle

não completar, porque nos parece que o assunto se prestava a isso.

Poderia ter ampliado o interesse da obra accentuando na sua contextura esse carácter novelesco, pois na intriga delineada com as figuras que aparecem, principalmente entre Vasco Soeiro, Giacomo e Bianca, há o germe duma autêntica produção do género. O eixo dêsse enredo seria talvez a disputa da alma de Bianca, quer pelo sentimento religioso, quer pelo amor muito terreno dêsses dois homens, Giacomo e Vasco, ambos enfeitados da sua graça excelsa.

Perdêe-nos o autor este comento, que nada afecta o respeito que nos merece o seu intento. Sabemos bem que este foi somente o de traduzir o influxo ascético de que Assis está impregnada, desde as muralhas medievas que outrora a defenderam de Perugia até o interior



Manuel Ribeiro

das suas formosas capelas, desde a attitude meditativa dos penhascos que envolvem a cidade até o mais humilde dos seus habitantes. Nota sobremodo eloquente é a do desfêcho do livro, representada pela fuga de Vasco Soeiro, a quem o presentimento de que aquela terra o vai prender para sempre, como o fizera a tantos outros, apressa o regresso. Enleado nesta suggestiva síntese da alma da cidade em que nasceu S. Francisco de Assis, encontra-se aqui o estudo, repetimos, do papel que na pintura moderna desempenha a arte franciscana, perante cuja magia Vasco Soeiro não se poupa a impulsos de admissão.

Livro essencialmente oportuno, visto que a igreja católica comemora este ano o sétimo aniversário da morte do *Poverello de Assis*, — e neste livro a cada passo é evocada a vida do amável santo, uma das mais belas figuras do agiologio cristão — *A Revoadá dos Anjos* constitui a piedosa oblata portuguesa na bibliografia caudalosa que, como incenso vôtivamente queimado diante do altar do Jegral de Deus, tem vindo a lume em todas as linguas, desde o longinquo Dante até os modernos Sabatier e Schneider. A aura mística e o encanto poético dimanados do extraordinário vulto do Noivo da Dona Pobreza, tão amigo da luz e da alegria, das aves e das águas e de tudo que é criado, alma que sentiu, em toda a sua grandeza, o Amor, espelham-se, é justo dizê-lo, na obra de Manuel Ribeiro.

Andam faunos... Vão anjos... Não haverá neste casual encontro dos livros de Aquilino Ribeiro e Manuel Ribeiro como que o siorbulo da nossa época, na qual, a par duma doentia exacerbação dos sentidos, se pronuncia um refforescimento espiritualista?

CÉSAR DE FRIAS.

T E A T R O

«O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS»

Dêste senhor Lenormand o diálogo é... do Ibsen. Sua livre maneira de carpintear as scenas, fugindo aos clássicos processos, êle a foi buscar aos delírios de Strindberg e à gótica fábrica dos velhos Autos e Mistérios. Seu ritmo intelectual é de quem vai medindo os passos pelos passos de mr. de Curel, bem visível a correia sem fim que liga a sua maquina Singer ao poderoso volante do grande mestre francês. Por sôbre tudo isto, alguns *poses* de Freud a dar seu tom scientifico ao estranho cozinhado e... *et voilà!* Perdão, ta-me esquecendo de dizer — há também algum talento, muito talento, mesmo por vezes, muitíssimo talento do próprio mr. Lenormand.

Mas o que de mais característico há neste illustre dramaturgo é que a sua Obra — cada dia menos ibseniana e mais francesa — se estende aos nossos olhos como deserta planície, onde, escorregadias como larvas se somem tôdas as suas figuras sem volume nem relêvo. Após a meia dúzia de *grimaces* que lhes ensinou o autor, logo se fundem sem nos deixar na memória traço sequer que modifique a geral monotonia. E contudo, inteligentíssimo é todo o seu Teatro, e não sei de artista que tanto busque o espectáculo, tanto se contorcione ante os olhos das plateias, tanta propositada dissonância pretenda arrancar de seu violino, para afinal tudo resultar gelatinoso e monocórdio,

o mesmo gemido agônico da primeira à última scena, o mesmo ralo constante da neurastenia e loucura parda. Enche o tablado de gritos e de tiros, de aberrações e de incestos, de assassinatos e suicídios, de senhoras ludras às chicotadas em pobres senhoras malucas, paisagens brancas de neve e paisagens de fogo do Equador, palmares africanos e pretos, macacos e homens mais ferozes e grotescos que macacos — e, ao terminar o *filme*, não nos fica no ouvido sequer o eco dum ruído, nem nos nossos olhos mais côr que a do longo muro que cerca a sua triste casa de alienados. Parece que acordamos no fim de cada peça, como dalgum sonho erótico a meio da noite, numa aborrecida sensação de nojo, de frio e exílio... Brilhante, sem dúvida, por vezes, a seu estilo, mas como brilha a baba das lesmas, por sôbre as flores, em manhãs de primavera. Assim êle vai cuspinhando sôbre a Vida a sua morna saliva, uma saliva neutra, sem acidez corrosiva, incômoda espumacera proveniente das estomatites, da própria boca apodrecida...

¿Que finalidade terá a obra dêste homem?

¿Criar Beleza? Mas bem sujo e nauseabundo é seu triste Hospital, onde jámais terá alta nenhum dos seus doentes. ¿Fazer Moral? Mas se alguma intenção moralisadora atravessa a sua obra, ela só serve de hipócrita velatura à volúpia doentia em remexer até ao fundo sua

escura lagoa de pústulas e fezes. ¿Para que servirá aquilo? ¿Para aterrorisar as almas? Mas são então preferiveis aqueles que, pintando o Inferno, exploram o nosso mêdo, pois ao menos nos oferecem a salvação pela emenda dos nossos actos, ou, sequer, pelo sincero arrependimento dos nossos crimes. Mas mr. Lenormand nem de tal cuida; materialista absoluto põe a fatalidade orgânica como determinante implacável de todos os actos humanos e é ainda à Natureza que êle confia a obra de Justiça. Nem uma janela aberta para a esperança, nem uma ilusão de liberdade, nem um perfume de graça. Nada. Mas um *nada* com n pequeno, pois mr. Lenormand com qualidades suficientes para nos entreter e, se quisesse, nos encantar, está longe, bem longe de possuir aquela sagrada Força perante a qual todos os cometimentos são permitidos. Só aos Génios se consentem certas liberdades, e as estremeiras da Terra sôos Hércules são capazes de

varrer. Os outros, os fracos, por mais que façam tilintar nos magros pulsos suas brilhantes uni-



Um dos mais decorativos conjuntos do «Príncipe Orloff» em scena no teatro de S. Luis — A actriz Auzenda de Oliveira na protagonista

lhas, não limpam nada, só conseguem infectar mais o ambiente. *Lasciate ogni speranza*, é distico para um Dante inscrever à entrada do seu Inferno, mas não ficaria bem sobre a porta suspeita duma *Maison meublée*, mesmo que esta seja enriquecida com todos os confortos da literatura moderna.

Que diabo, não percamos de todo a noção das proporções!...

Mas deixemo-nos de mais palavras sobre a Obra de Mr. Lenormand, e vejamos se no *Homem e seus fantasmas* descortinamos suas intenções, se ele leva a bom fim o seu recado. O *Homem* é mais um D. João, — o D. João de Mr. Lenormand, — que não está longe do «Marquês de Priola» e é como que uma resposta ao Oswald dos «Espectros», opondo à *Alegria de Viver* que este proclama, a dor e o castigo — *La Peine* — como fundamentado de toda a humana existência. O *Homem*, pretende fugir a esta lei fatal procurando o prazer junto de todas as mulheres, e corre afinal seu fadário à busca dum segredo, o seu segredo, que ele tem a impressão de que cada uma delas guarda oculto no seio. O qual segredo está afinal escrito lá na peça: D. João, quer dizer, O *Homem*, é um pobre monstro que tem seu corpo masculino habitado por uma alma feminina! *That is question*... É uma espécie de androgino cuja tragédia deve ser semelhante à tragédia das Sereias e semelhante à dos Centauros... Como aquelas, ele sabe entoar a canção dolente, que é de morte e finge ser de amor; como estas, ele possui os rins robustos e ligeiros onde possam cavalgar as doces amazonas iludidas...

Vejamos que premissas nos oferece o dramaturgo para nos levar à lógica conclusão de que o insatisfeito Tenório, o seu herói, é, afinal de contas, uma infeliz senhora metida em calças pardas. Ora pois:

1.º — O homem gosta de contar a um amigo as suas aventuras. — Creio que neste ponto se não distingue do comum dos outros homens. Toda a gente gosta de relembrar as horas felizes. É como que o cantar do galo, e deve nisso haver reminiscência do selvagem que, pelos cabelos, arrastava, cheio de força e orgulho, até à sua tribo, a mulher que conquistara à tribo vizinha. E, depois, ainda estou em que se o *Homem* conta aos amigos suas façanhas de amor, é principalmente por não poder contá-las... às suas amigas. Aqui pois não vemos ainda manifestações de alma feminina.

2.º — O *Homem*, o da peça, não gosta de mulheres muito gordas... gosta de sentir o esqueleto, *le support calcaire des différences, le patron identique des sexes*. Ora na mulher desejada tudo é interessante: os cabelos, os olhos, a boca,

a côr e o setim da pele, as mãos, os pés, os dentes, as unhas... e, por conseguinte, os ossos todos, com mil demônios! Haverá também aberração, necrofilia ou coisa que o valha, na ternura de tanta gente pelos ossos dos seus defuntos? Conheci um cavalheiro de juízo que trazia sobre o ventre, pendurado da corrente e encastado a oiro, um valentíssimo queixal que pertencera a seu falecido pai. E tinha ele um irmão, não menos sensato, que trazia, também sobre a barriga, outro queixal não menos respeitável... A Lenormand e a Freud ofereço este quadro de amor filial, a ver se descobrem o *libido* que palpitava no fundo desta enternecedora parelha...

3.º — O *Homem* não se comove com as lágrimas das mulheres que vai abandonando. Isto só quer dizer que é um egoísta duro e grosseiro, como tantos outros: Nem as lágrimas das mulheres, nem a miséria e o sofrimento dos outros homens a quem esmagam por vezes sob o



Norka Roskala, bailarina e violinista que se exhibiu com grande êxito em S. Carlos

pêso das suas duas patas bestialíssimas, são capazes de os comover, pois só são susceptíveis de chorar sobre as suas próprias dores...

É corrente, e ainda aqui não descubro alma de senhora à vista. Alma de suino, talvez, o que não é a mesma coisa.

4.º — O *Homem* não foi capaz de amar uma única mulher de tantas que conheceu. Eu creio que isto acontece ainda à maioria. O Amor com A grande é um sentimento raro, tanto nos homens como nas mulheres. São bem poucas as pessoas susceptíveis dum profundo e elevado amor. Os beatos do Amor, como os beatos de Deus, da Música, da Pintura, da Poesia, da Pátria, da Ciência, duma Ideia, são excepcionais e, por isso mesmo, admiráveis. Ama-se um pouco de tudo isto, e bônda. Os homens e as mulheres amam, principalmente, os filhos, e por um espaço de tempo muito mais longo do que é costume entre os outros animais. — Amor é este que dura a vida inteira, o que

já não é mau para uma pobre espécie tão fraca, tão feia, tão torpe e tão ridícula!... O que para ai se chama amor é uma mistura de instintivo desejo e amizade, ternura, força de hábito... Há pessoas incapazes de sentir este normalíssimo afecto? Sem dúvida, mas isso não é exclusivo dos Tenórios de profissão.

5.º — O *Homem* odiava sua própria Mãe. — É horrível, mas não creio que fôsse por ele ter uma alma do mesmo sexo. Se a não podia amar como filho, amá-la-ia como filha, o que não faria sensível diferença, e estava o caso arrumado.

Não vejo pois, por mais que procure, em que é que o Herói de Mr. Lenormand, tenha uma alma de madama. E, como eu, afinal, o sentiu também o próprio Mr. Lenormand, que teve de chamar em seu socorro um sábio *raisonneur*, Luc de Bronte, que é quem nos afirma que o homem não é fixe, o que a gente tem de acreditar sob palavra, pois o pedantíssimo bruxo

não nos dá a honra duma demonstração. Oh, os sábios! Já o Charcot disse um dia ao grande Antero, que ele tinha num corpo de homem uma doença de mulher... Mas, isto de Charcois tem, comô sabem, provado bastante mal. Ora o grande desastre da peça é o tal *compère*, Luc de Bronte. Sem este psiquiatra e suas sabedorias, talvez o drama guardasse o seu quê de vago e misterioso, o que já é uma forma de beleza, deixando-nos a perros com não sei quantas desconfianças, dúvidas, interrogações. Assim, não.

Mr. Lenormand é excessivamente explicativo, e quanto mais explica menos se faz acreditar, e, na mania de puxar para o científico, prejudica o artista admirável que traz em seu ventre...

Cada coisa tem o seu lugar, e fazer tese médica num palco, parece-me tão cómico como recitar o *Melro* num exame de anatomia.

Quanto à tradução do sr. Álvaro de Andrade, temos de considerar suas dificuldades em fugir, ante um público, felizmente mal preparado, às escabrosidades mais salientes da obra, e decerto nela pôs todos os cuidados da sua inteligência.

A representação... Estamos diante dum actor já illustre, Alves da Cunha, e dum orientador dos mais honestos, mais apaixonados e mais trabalhadores em coisas de teatro, Araujo Pereira. Não lhes faremos a ofensa de mentir. A representação e a maneira como viram o poema, estão erradas. Nos scenários, Leitão de Barros fez muita coisa bonita. E em todos admiremos a boa-vontade.

PÁGINA NEGRA

CRÓNICA AFRICANA

Depois das ardeas hesitações e dos longos conciliábulos secretos com os principais do seu reino, o Macombe decidira-se enfim pela guerra, e expediu logo estafetas, velozes como gamos com as ordens e avisos necessários para a convocação dos chefes militares.

Desde então, noite e dia, por todo o seu vasto império, as gongas e atabaques ressoaram sem cessar, atroando as povoações em batuques e banquetes desordenados. As frechas e azagaias, as catanas, as facas de mató, de novo temperadas ao fogo, e afiadas, barbeladas, hervadas com sucos malignos; os coiros de búfalo talhados em escudo e besuntados de barro vermelho com animais e hieroglifos horrendos; as velhas escopetas de caça, a pólvora, o cartuchame vario; e as insignias dos chefes, cascos arrogantes de plumas e remiges de águia, cornaduras de boi e antilope, mantos variegados, peles de chagal e de pantera, tudo foi trazido febrilmente aos lisos terreiros das aringas, e aí corrigido, reparado, distribuído pela negra matula, à luz gloriosa do sol, para a orgia sagrada da guerra.

Em redor das fogueiras acesas, diante das cubatas dos chefes, os veteranos, de carapinha grisalha e fuscas peles já engelhadadas e baças por imemoriáveis invernos, cachimbavam gravemente, acocorados como bonzos, e recordavam antigas guerras com o branco, instruindo com seus conselhos subtis a inexperiência dos moços. Possessas do frenesi comum, as mulheres andavam de libata em libata e de batuque em batuque, enfarinhadas, a cair de bêbedas, reluzentes de manilhas e missangas, excitando com injúrias e visagens soezes a coragem viril dos guerreiros. Os feiticeiros, manhosos e cúpidos, e as velhas, consideradas veneráveis por sua extrema velhice, não tinham folga um momento em preparar unguentos e cozeduras, afeiçãoar colares e amuletos, predizer toda a sorte de vaticínios, quer invocando os espíritos das nuvens, quer lendo nas entranhas fumegantes dos cabritos trazidos em oferenda.

Antes que fôsse lua cheia, tudo foi clamorosamente aprestado para a temerosa expedição. De toda a parte, desde as mais longinquas libatas, começaram afluindo sobre a cidadela rial as grossas turmas dos chefes de guerra.

Pelos trilhos conhecidos, através das florestas, dos matos altos, dos férteis vales, das machambas ou dos vaus lodosos dos rios, foi, durante dias, em todo o país sublevado, um ágil e rumoroso formigar de tropas, em fila indiana, joviais, ávidas de carnagem, temíveis de ver nas suas armas e plumagens de combate.

A beira do grande rio, entre as palissadas da imensa chana rial, as negras falanges por fim se concentraram. E certa noite, quando o feiticeiro do Macombe, seu conselheiro privado, por suas artes mágicas o julgou propício, mal apontou no céu a talhada minguante da lua, a selvática horda de milhares de negros, dividida em três grossas mangas, lentamente começou

a deslocar-se, internando-se, ululante de gritos e cânticos de guerra, na treva lóbrega dos matagais.

A noticia chegou à sede do comando, fulminante como uma bomba, por um caçador negro que andava a sôdo na caça aos elefantes. Ele mesmo avistara de longe o avanço das primeiras vedetas, com suas plumagens ondeantes sobre o capim alto. Certo de ficar logo ali esposteado e empalado para exemplo de traidores, o ágil caçador correu durante dois dias, por matos e florestas, a trazer ofegante ao posto o sinal de alarme. E o bom negro, de punhos cerrados, jurava e trejurava as duas senhoras, na varanda alpendrada do comando, «que deviam ser mais que as estrêlas do céu».

De há muito se suspeitava d'esses povos agueridos e insubmissos do Macombe, nunca devidamente castigados nem sujeitos à dura soberania europea. Mas as informações haviam sido sempre imprécisas, contraditórias. Tudo fôra tão surdamente e cavilosamente tramado que nem o próprio Residente europeu pudera a tempo intervir junto do feroz potentado negro, com seus presentes, seus conselhos e ameaças, ou sequer

avisar o Governô central de rumores e propósitos de insurreição.

O comandante do posto, homem avisado e valente, amante das aventuras, fino conhecedor das manhas indígenas, inteiramente se tranquilizara também, depois do minucioso inquérito, levado a cabo meses antes pela solerte espionagem da sua matilha de cipais disfarçados. Por isso, quando chegou o tempo das colheitas, fizera como de costume preparar a bagagem de campo, ordenara a necessária papelada e confiadamente abalara, com sua pequena escolta de cipais, para a cobrança anual do mussôco. Costumava sua mulher acompanhá-lo sempre nestas demoradas passeatas pelo mató. Dessa vez, porém, não acompanhara o marido, dizendo-se um tanto adoentada, mas em verdade por ter em casa, de visita, a sua linda nora Julieta.

Era uma suave e loira rapariga de vinte e seis anos, que seu filho mais moço, engenheiro e prospector de minas, durante a última licença conhecera e desposara em Lisboa, enfeitada por uma paixão tão ardente como súbita. Ainda em lua de mel, o casal desembarcara um mês antes na Provincia. A sua primeira visita fôra naturalmente para os pais, na sede do seu comando. E de tal modo a gentilissima rapariga conquistara também logo os sogros, que



ILUSTRAÇÃO

não valeram rogos nem protestos ao recém-casado moço para a levar de novo consigo para o Norte, onde o seu director o reclamava.

«De resto — explicava a dama — não é justo nem humano que leves já tua mulher, habituada a confortos e bem-estar, para essa horrível palhota em que vivias solteiro. Prepara-lhe primeiro o ninho e depois virás cá buscá-la!»

E ciosa a guardara consigo algumas semanas mais.

O moço engenheiro partirá; depois o secretário do Comando, saíra também para o Sul, por motivo de serviço urgente, a requisição do Governo Central. De sorte que o comandante, confiado no prestígio do seu nome, nos informes vindos de terras de Macombe e na paz podre dos seus próprios domínios, deixara sem receio as duas senhoras inteiramente sós, à guarda de seis bisonhos cipais e dos pacíficos moleques de seu trem doméstico.

Antes porém de partir, chamara à sua secretaria o cabo indígena Mangani e fez-lhe *pro forma* o costumeado discurso:

— Mangani! Comandante vai sair na cobrança do mussôco. Senhor secretário também não está. Fica duas senhoras no Comando. Você que é cabo fica a mandar nos cipais e gente da palhota. Quando comandante voltar, há-de encontrar tudo direito. Entendido?

Mangani, perfilado, hirto, fez a rude continência militar e prometeu na sua voz rouca, bestial:

— Comandante pode ir embora, sim, senhor. Há-de encontrar tudo direito, sim, senhor, ou Mangani há-de estar morto.

Aquela insólita réplica intrigara um pouco o comandante que nessa tarde, ao chá, repetira sorrindo às duas senhoras, o solene diálogo na secretaria. E a «senhora comandante» que sempre temera secretamente êsse pretalhar de raça nobre, neto de vátua e filho de régulo morto em combate, sóbrio de palavras, duro e frio de olhar e insolente de atávico arrogância no altear da cabeça enérgica e do esbelto arco-boço de atleta, sentira, mau-grado seu, um baque no coração. Por não atemorizar sem motivo a linda rapariga, tão assustadiça e novata ainda daqueles hábitos exóticos, deixara cair a conversa.

Mas agora, ouvido o caçador, essa atitude estranha do cipai feriu-lhe logo subitamente a memória.

— «O maldito devia saber... devia saber da cabala...»

Estarrecidas de pavor sob o eminente flagelo, as duas senhoras olharam-se.

D. Catarina, a «comandante», criatura enérgica e afeita aos imperativos da traçoira vida africana, por pudor e por orgulho, nem pestanejava. Mas a mais moça, ainda aturdida pela estranheza de tudo, colhida já no assombro de tamanha brutalidade, cobrira-se dum lividez de morte, batendo os dentes de frio, sem alma para arriscar palavra.

Foi D. Catarina que, recobrando o ânimo, rompeu o silêncio.

— Não havia um momento a perder. Em menos de quarenta e oito horas, a bestial avalanche desabaría sobre o posto, reduzindo-o a cinzas, massacrando-lhe os cipaios... Visionou o espectáculo horrível, a residência a saque, as labaredas altas no colmo, a farandola canibal das dentuças franzidas num riso de sarcasmo atrás... A negra aza da morte roçou-lhe a alma, gelando-a. Mas mais ainda que o espectro da morte, a perspectiva das sevícias hediondas sobre duas indefesas mulheres, a fez reerguer-se como uma mola.

O sol ia a sumir-se já no mar de selvas do horizonte. Não tardaria a noite com os seus fantasmas e dobrados perigos... Urgia abandonar já o posto, de machila, a pé, de qualquer modo.

Com decisão varonil chegou à varanda, berrendo alto pelos moleques.

Nem viv'alma lhe respondeu do pátio!

Dado o alarme, todos haviam fugido, moleques, cipaios, quem sabe até, se para se bandearem com os do Macombe. Atordoada, voltou à fresca salinha onde a banqueta de costura em desalinho falava irónicamente das horas passadas, felizes de lazer e paz de espirito. Só lá encontrou já a pobre nora, imóvel, como idiota, abatida numa cadeira. O caçador entretanto havia-se também esgueirado subtilmente, sem deixar rasto. Esta suprema felonía quebrou-lhe os últimos assomos de coragem. Sobre outra cadeira se deixou também cair, impotente, as mãos bambas, com duas grossas lágrimas rolando-lhe devagar na face.

O sol sumira-se, ao longe. Uma treva opaca vinha crescendo sobre elas, trazendo-lhes nos flancos todos os terrores noturnos.

Foi então que um gigantesco vulto se desenhava a negro entre os umbrais da porta e uma voz grossa, rouca, sussurrou na sombra:

— «Senhora! Gente do Macombe vem perto e há-de chegar amanhã ao posto a fazer guerra. Eu sei os caminhos que levam às terras do *mungo*. Não pode demorar, senhora!»

O silêncio pesou mais fundo. Um novo frémito lhes arripiou as carnes. D. Catarina teve ainda lucidez para examinar a frio a situação. Os outros, cipaios e moleques, tinham-nas abandonado, cobardemente. Mas êste, mais velhaco, mais ousado, não iria simplesmente, à falsa-fé, entregá-las, negociá-las aos seus irmãos de raça? O ódio ao branco, o prazer da vingança, velhos rancores de raça escravizada, tudo passou um momento, de tropel, no espirito da pobre senhora. Não seria preferível esperar ali, a pé firme, entre aqueles muros familiares, tôdas as contingências do acaso? Quem sabe? À essa hora já talvez o marido tivesse sido avisado e viesse com tropas, a marchas forçadas? Um torvelinho de conjecturas, inspirações absurdas, remoinhava-lhe no cérebro.

A voz rouca do cipai tornou-quasi imperativa da sombra:

— «Senhora! Tem quatro machileiros que não deixou fugir. Se demora mais, hão-de fugir também!»

Obstinada na sua dúvida, na sua antiga aversão ao pretalhar arrogante, D. Catarina divagava ainda, não respondia.

Duas mãos geladas, convulsas, cravaram-se-lhe nervosamente nas suas, e uma voz branca de pavor colou-se-lhe ao ouvido, ciciando num desvaio:

— «Mas vamo-nos daqui, mãe! Vamo com êste homem, seja para onde for, que eu morro, positivamente morro aqui de medo!»

D. Catarina ergueu-se, já mole, sem vontade. No pátio esperava-os a machila com dois machileiros. Em silêncio, sob o esplendor do céu constelado, meteram-se todos a pé, ao caminho, sem outra bagagem na machila vazia. Guiados pelo faro e designios oscuros do cabo de cipaios Mangani, lá se empenharam às cegas nas sendas tenebrosas da floresta...

Caminharam essa noite, sem descanso, até de madrugada. No negrume da selva, sem tendas nem abrigos, impossível dormir por causa das cobras e do leopardo. Quando numa explosão de luz vermelha o sol nasceu, viram-se já na planura imensa, de capim rasteiro, onde abundava o antilope e a caça grossa. Alaparam-se sob uma moira de palmeiras bravas; e as duas senhoras então, exangues de desalento e fadiga, enrocaram-se na lona da machila para dormir de leve umas horas.

O cipai ficaria de atalaia com os machileiros.

Depois foi, por infundáveis dias, através das solidões traçoiras, a odisséia aventureira, maldita, sem tréguas nem destino.

Só o esfingico cipai conhecia os tortuosos meandros, sabia onde levavam.

Sóbrio de palavras, ia na frente com soberbo arrogância, de espingarda ao ombro, afoito e

lêsto como um diabo negro. À sua mercê, as duas senhoras, reveesando-se na machila, já desgrenhadas, esfarrapadas, os pés em chaga, seguiam-no, pávidas de assombro, sem um queixume, como rezes levadas ao matadouro.

Dormiam onde adregava. Uma gazela, caçada por armadilha, alimentou-as durante dias de carne crua ou mal tostada, salgada com cinza. Mais tarde, dumas palhotas abandonadas levaram milho e mapira; e perto, na machamba exigua, rapinaram restos de mandioca e bananas verdes. Mas as mais das vezes roíam frutos silvestres, raízes comestíveis, e sorviam o orvalho ou a seiva das palmeiras bravas.

Uma noite, aproveitando na treva um sono leve do cipai, os machileiros desertaram. As duas senhoras não podiam mais. Já não andavam, arrastavam-se. Declararam quedar-se ali, sob umas moitas, para morrer sem mais cuidados.

O cipai, implacável, recusou, não atendendo a rogos nem a lágrimas; e parecia sorrir infernalmente — o maldito — com seus designios ocultos no coração. Continuou pois a marcha, levando-as alternadamente às cavaleiras, sobre os ombros maciços, de espingarda a tiracolo, atento ao menor rumor, ao mais leve rasto na areia.

De repente, certa manhã, o negro estacou, de orelha fita, espiando em volta. Longe, uma difusa algazarra confundia-se com o rumor áspero dos leques das palmeiras, embalados na aragem. A um gesto seu, de comando, as pobres damas agacharam-se como galinhas detrás dum sarça.

Esgotadas de terror, um supremo pânico as varou: deviam ser feras ou chegavam enfim a qualquer arraial de gente do Macombe.

Momentos depois ouviram estalidos no mato, passos surdos na areia, um ser vivo que avançava. Sentiram então a vida escoar-se-lhes nas veias; e tombaram inertes, perdido todo o conhecimento das coisas.

Só voltaram a si do deliquio, quando o cipai se curvava de novo sobre elas, premoindo-lhes com força as fontes, sob os dedos brutais. Estava sinistro, todo ensanguentado, no caki da farda, na carapinha, nas grossas ventas, nos joelhos nus. Respirava ainda fundo, silvando, ofegante; as mãos tremiam-lhe. A poucos passos, sobre o chão revólto, outro pretalhar enorme, quasi nu, escabujava agonisante, arfando ainda no ralo do estertor, em meio dum poça de sangue. Tinha havido luta, uma luta de feras, silenciosa, à faca, porque um tiro da Kropatchek teria dado o alarme aos outros, os do Macombe, acampados ali perto, sob os bambuais da margem dum grande rio.

Foi isto o que Mangani explicou depois, laconicamente, arrastando consigo as senhoras, inexorável, para mais longe. E só então ambas souberam também, que um pouco além da outra margem, já o *mungo* se devia encontrar, com as primeiras avançadas.

Mas o bravo cipai sangrava dum larga brecha, rasgada no peito pela faca do outro. Embora se não queixasse, iam-lhe faltando as forças a olhos vistos. Vadeado o rio com mil cautelas, D. Catarina, prática de enfermagem, pôs-se a pensá-lo.

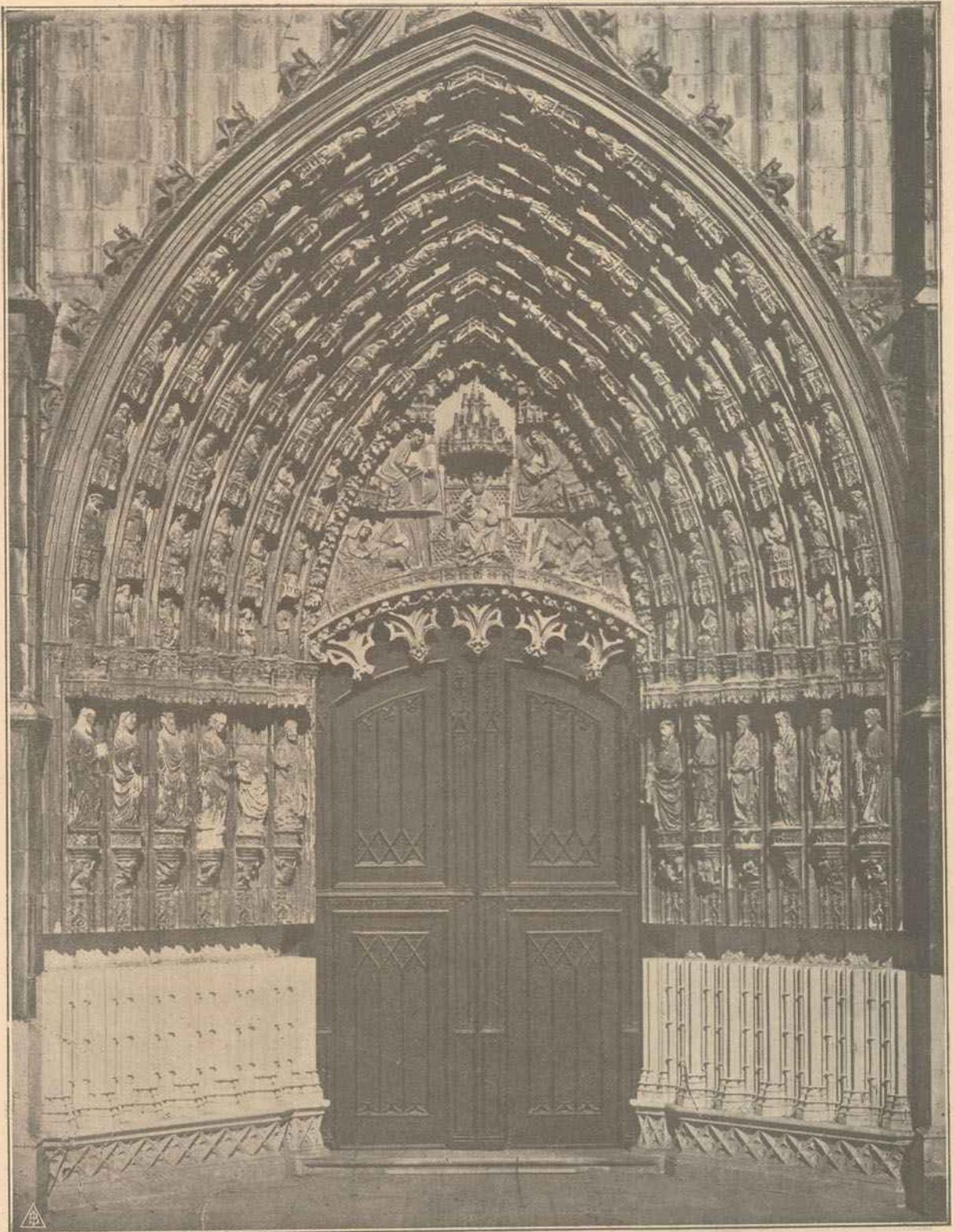
E reconheceu que as beíças da ferida, já róxas, ameaçavam gangrena.

Na manhã seguinte, chegados ao campo europeu, o cabo de cipaios Mangani começava a morrer docemente, corroído pela peçonha minaz.

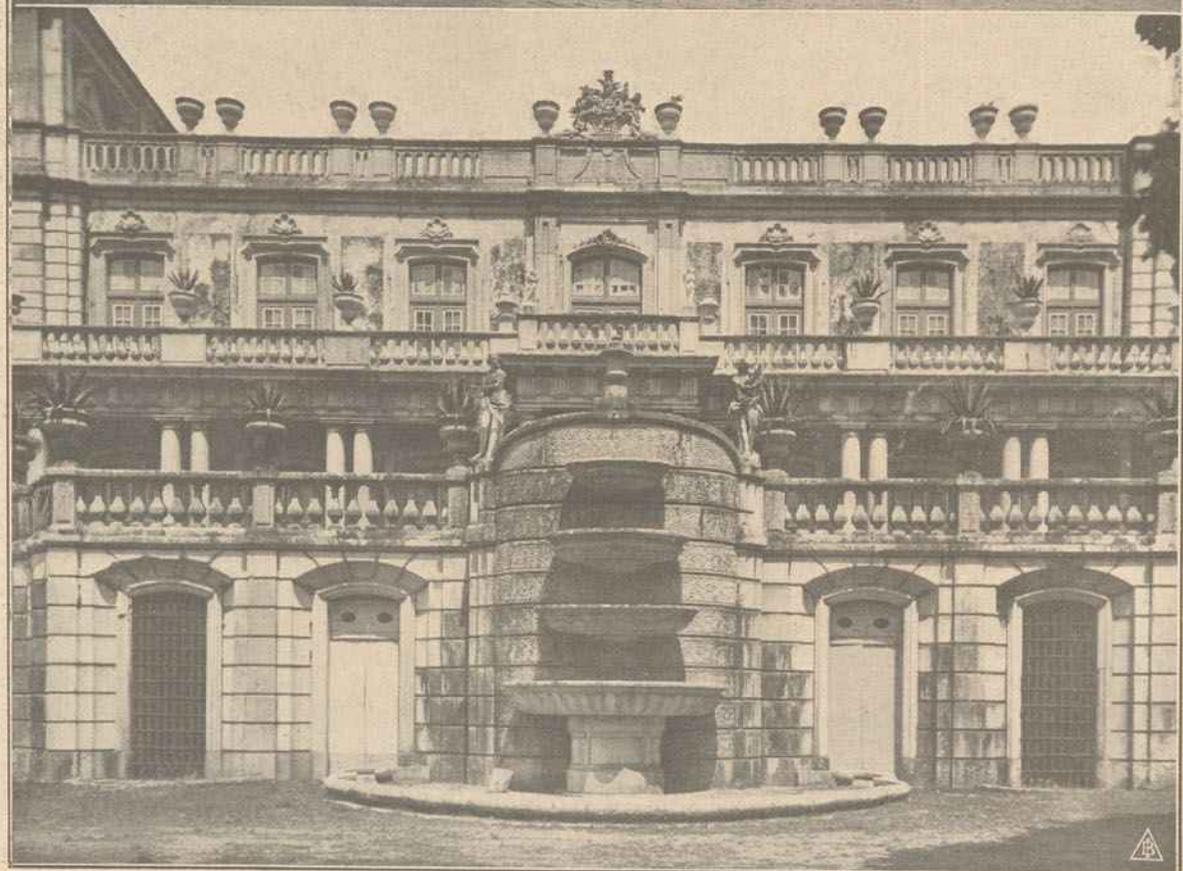
— «Senhor comandante!... Mangani falou entregando tudo direito... entregou tudo direito, sim senhor...»

No seu delírio, foram as últimas palavras ao comandante que lhe assistia a morte, consternado.

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM

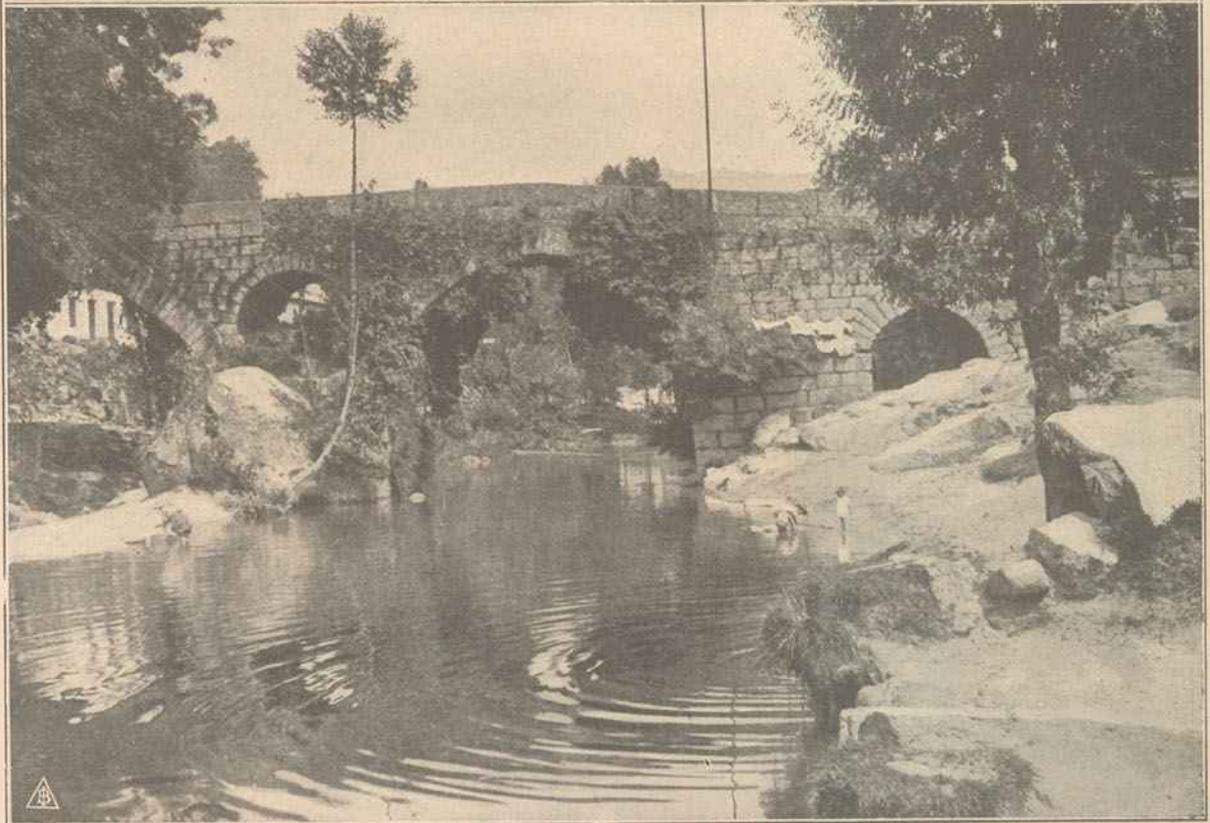
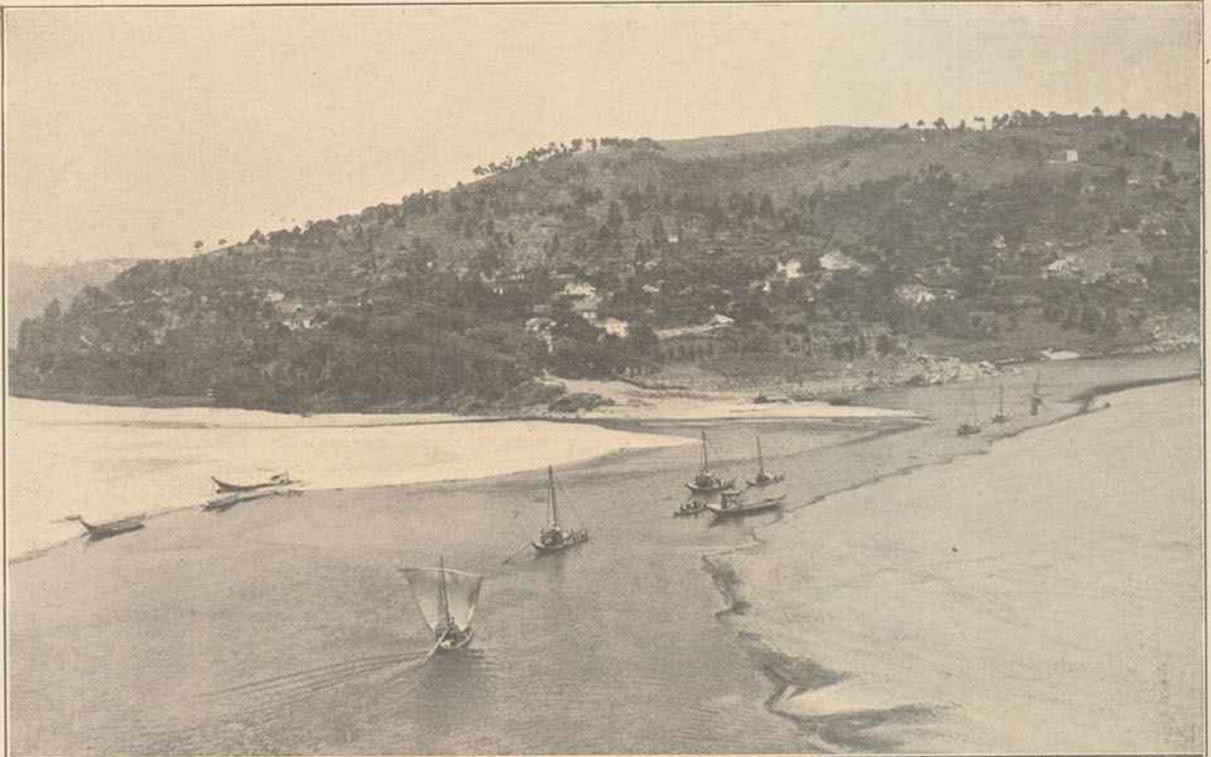


BATALHA—PORTA PRINCIPAL DO MOSTEIRO



PALACIO DE QUELUZ—SALA DO TRONO E UM TRECHO DA FACHADA SÔBRE OS JARDINS

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



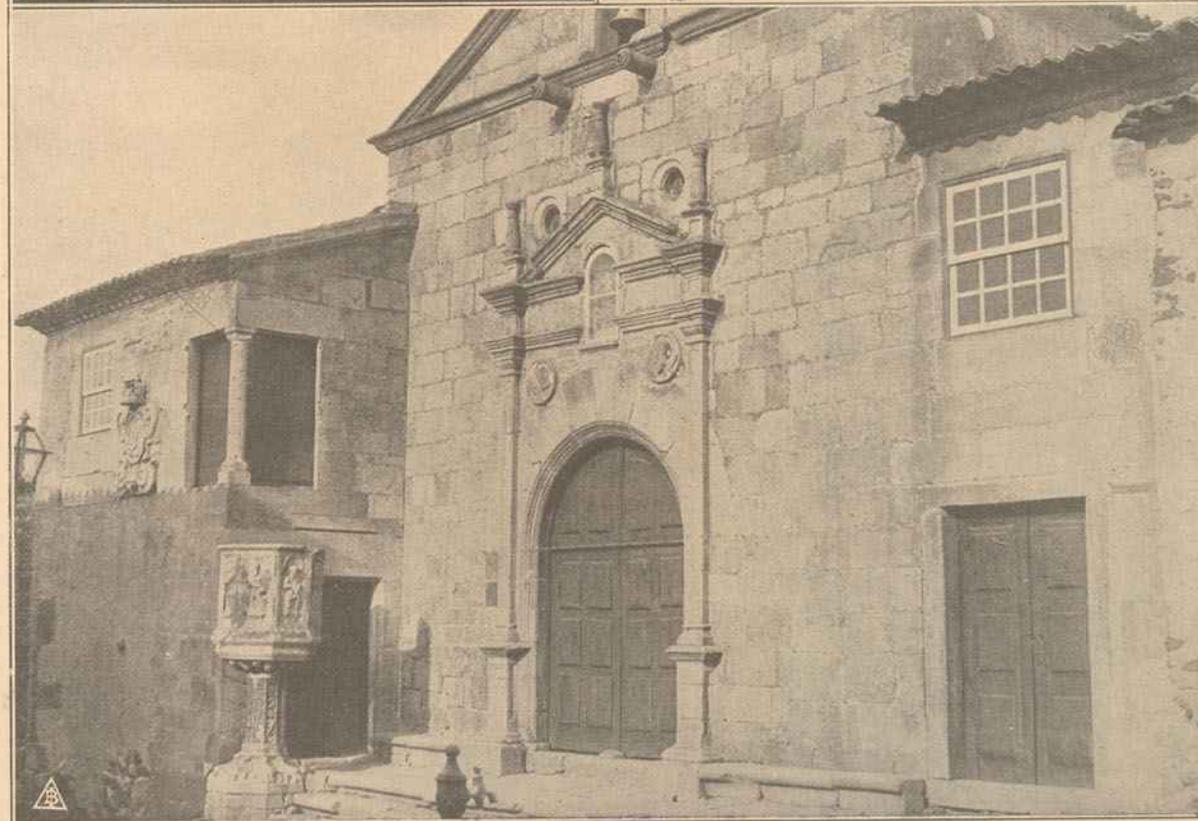
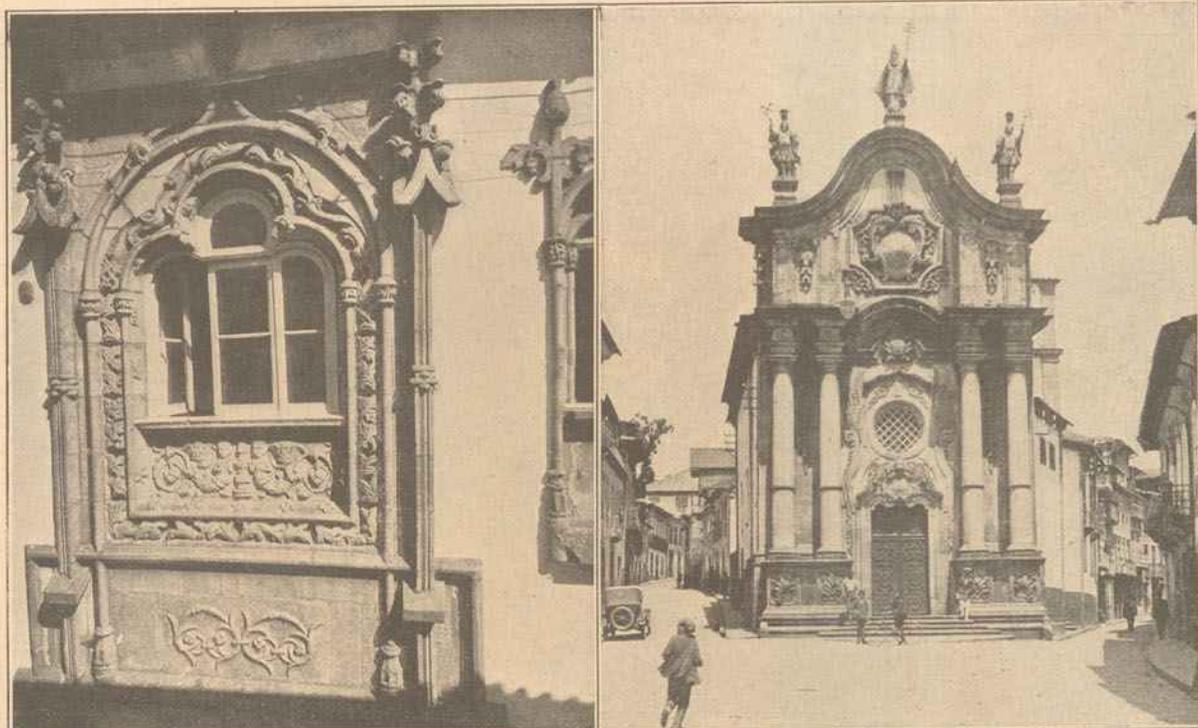
ENTRE OS RIOS—A CONFLUÊNCIA DO TAMEGA E DO DOURO — VIZELA—PONTE ROMANA

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



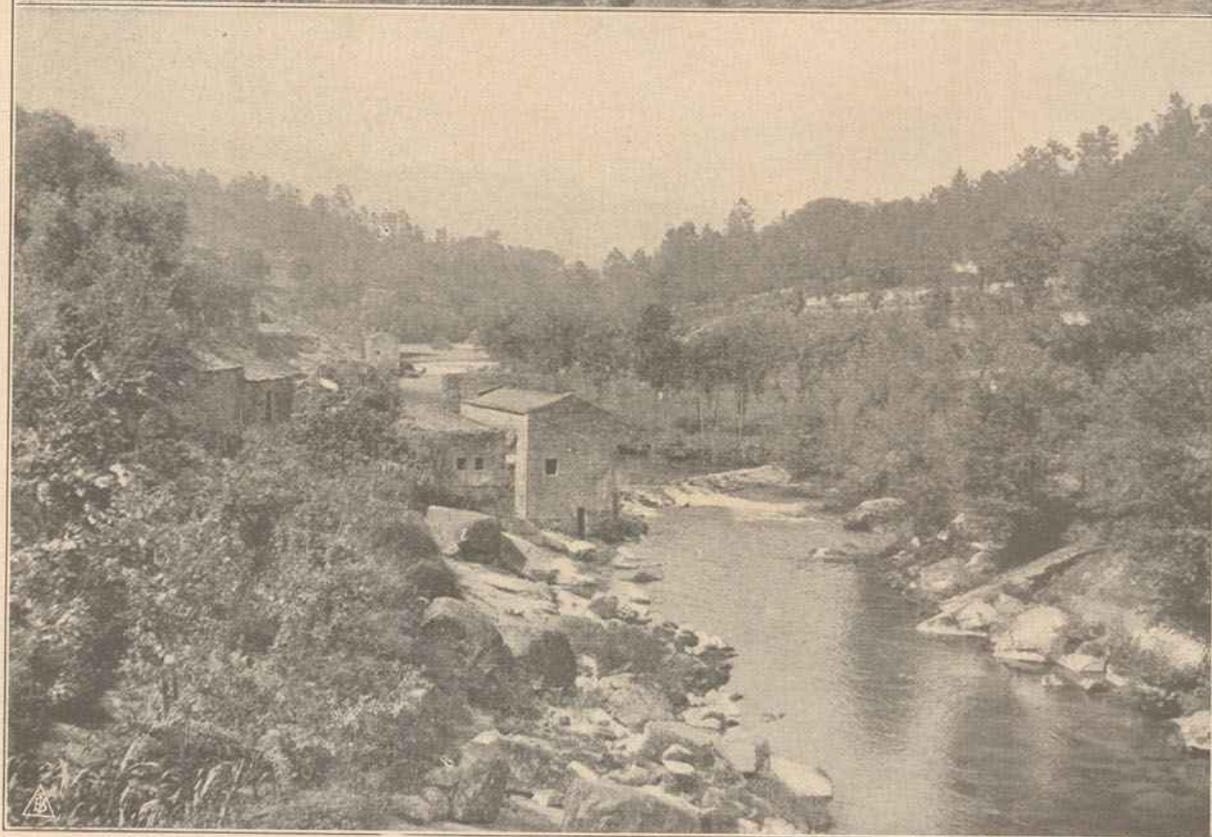
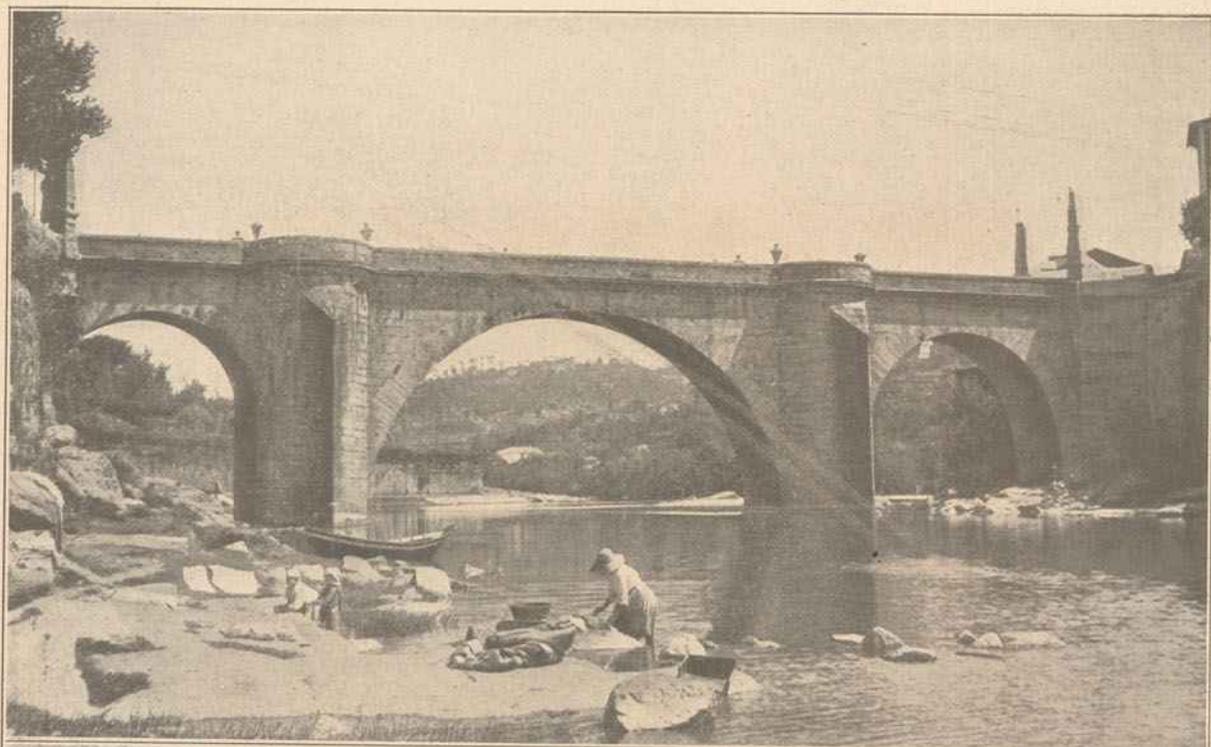
LAMEGO — A SÉ. — VILA REAL — CASA DE DIOGO CÃO

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



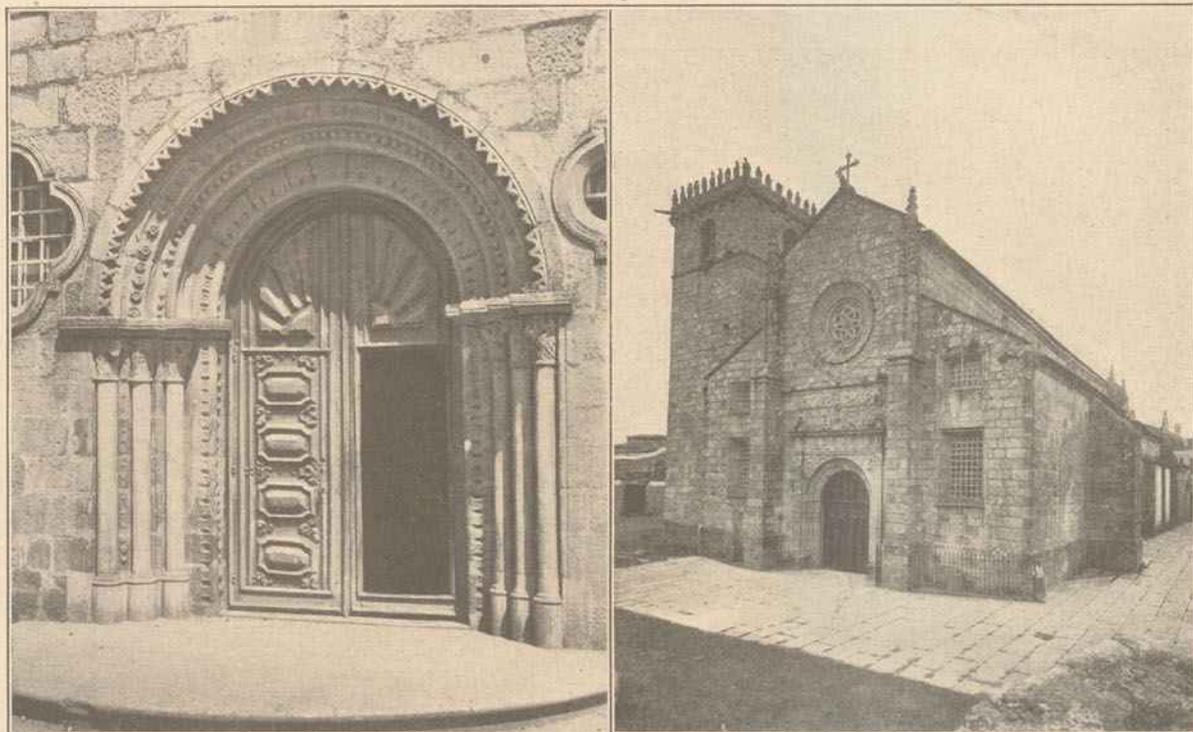
VIANA DO CASTELO—JANELA MANUELINA, NA RUA LARGA.—VILA REAL—CAPELA NOVA DOS CLÉRIGOS
 MONCORVO—IGREJA DA MISERICÓRDIA

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



AMARANTE — PONTE SÔBRE O TAMEGA. — CALDELAS — UMA REPREZA NO RIO HOMEM

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



MONSÃO — PORTA DA IGREJA MATRIZ. — CAMINHA — IGREJA MATRIZ
CALDAS DE MOLÊDO — PONTE DO CAMENHO DE FERRO



BATALHA — PÓRTICO DAS CAPELAS IMPERFEITAS



SOARES DOS REIS
Condessa de Vinhó e Almedina (MÁRMORE)

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

A PENHA VERDE

Um pequenino jardim abandonado; um pequeno tanque, no meio do jardim, de forma octogonal, sem água. Do que foi a habitação de D. João de Castro, nada resta para memória. Presume-se que ela ficava onde é hoje a moradia do caseiro, junto à qual anda a construir-se um rés-do-chão, da mais charra banalidade. Na parede que separa o jardim da Quinta, numa espécie de nicho, vê-se um busto em granito, formado de dois bocados, assentando sobre uma cabeça de leão.

Entra-se propriamente na Quinta por uma porta insignificante, pintada a vermelho, e logo se nos depara, ao começo duma Avenida abundantemente sombreada, em cima dum elevado plinto de granito, um excelente busto de mulher, tipo romano. Seguindo por esta Avenida chega-se à Capela de Nossa Senhora do Monte, com o feitiço de uma torre de moinho, acachapada. No pequeno adro, em frente da Capela, três ares de pedra solta dão ao pequeno recinto, dominando a extensa várzea de Colares, o geito e os ares dumas ruínas, um trecho de ruínas decorativas, como em jardins particulares. Esta Capela, que devia ser a sepultura de D. João de Castro, é moradia de pacíficos morcegos que entram e saem livremente por uma fresta sem grades. Uma piaçinha, em mármore preto, à entrada, lado direito, e no altar um baixo relevo em mármore branco, sem valor de qualquer espécie. Faz sentinela à entrada deste recinto, o adro, uma carvalheira de tronco esvasiado, tão decrépita, tão velhinha, que a gente tem a impressão de ter ela sido a primeira grande árvore que nasceu na Quinta, uma das mais velhas árvores da Serra.

Descai a tarde. Branquejam para além da Serra as povoações saloias; as estradas, como grandes reptis cobertos de poeira, correm aos zig-zagues, em direcções várias. Sobressai no vago murmúrio das árvores o pipilar de avesinhas inquietas, que andam talvez procurando o ramo mais geitoso para levarem dum sono a noite próxima. Um corvo passa, muito sereno, cruciando, e é tudo quanto perturba o silêncio augusto desta imensa Catedral...

Tôdas as Capelas da Quinta estão num miserável abandono, a começar na Ermida de S. Braz, nos baixos da casa onde habita o caseiro, e a acabar na Capela de Santa Catarina, no Monte das Alviçaras, um rochedo com meia dúzia de árvores que o grande vice-rei, estando na Índia, pediu que fosse anexado à sua Quinta, não para lhe acrescentar o valor, mas para a dotar com um miradouro donde, num relance de vista, se abrangia toda a vasta campina até Mafra, e os pontos culminantes da Serra, no Parque, — a Cruz Alta, o Palácio e o Castelo dos Mouros. S. Pedro, na Capela do mesmo nome, é sem favor uma bela escultura, tôdas as linhas correctas, tôdas as formas bem desenhadas; na face e nos olhos uma enternecida expressão de fé, o enlêvo duma prece que reconforta a alma e vai direita ao céu. Talvez porque o Santo foi pescador, as paredes da Capela são forradas de conchas, umas grandes outras pequenas.

Abandonada como tôdas as outras, a Capela ou Ermida de S. João nada oferece à curiosidade do visitante que se lhe grave na memória. A imagem do Santo, em jaspe, assenta sobre uma penha de mármore preto, e toda a vida do Mártir está contada em azulejos ordinários, desde o baptismo à degolação.

Três fontes gorgolejam na Quinta, uma delas coberta, forrada de azulejos policromos. Fica logo adiante desta fonte uma pequena rotunda, a meio da qual um fantástico Neptuno, com o

nariz roído pela avariose, exhibe a sua nudez de monstro, com uma parra indecente a solicitar as atenções para o que se chama as vergonhas naturais.

O cadáver do vice-rei deveria estar na Capela que elle designara para ser a sua sepultura, e a casa em que elle viveu, como se Capela fôsse, deveria conservar-se com toda a singeleza, toda a modéstia que reflectia a singela, a modestissima personalidade moral do homem forte que escreveu uma das mais belas estrofes da nossa epopeia de conquistas, primeiro no continente africano, depois no continente asiático.

Nunca o Estado deveria perder, custasse o que custasse, a plena posse da Penha Verde, que deveria ser romagem obrigada para todos os bons patriotas que visitam Sintra, não deixando de a visitar o estrangeiro instruído, embora sumariamente, nos factos culminantes da nossa História, grande como as maiores.

As Capelas, pequeninos templos incarnando uma idea e um sentimento que dominaram a alma nacional nos seus maiores empreendimentos, as Capelas não deveriam ter sido votadas ao abandono, ninhos de morcegos irreverentes, nem sequer limpas, por decência.

A Republica quebrou as suas relações com a Igreja; mas a Monarquia tinha uma religião do Estado, e muito antes do cinco de outubro já as Capelas da Penha Verde, como templos profa-



D. João de Castro

nados, eram o que são agora, recordações duma fé que se perdeu, afirmações duma irreligiosidade que a substituiu e não tornou os espiritos mais independentes nem as almas mais delicadas.

Não se vendem, em Sintra, que eu saiba fotografias da Penha Verde, e ainda ninguém se lembrou de mandar imprimir uma biografia resumida de D. João de Castro, vendendo-se pelo mais baixo preço, a quem ali fôsse em sagrada romagem. Seria a maneira fácil de vulgarisar uma das mais brilhantes páginas da nossa História, rica como nenhuma outra, em certos períodos, de feitos gloriosos.

Se vale a pena visitar a Penha Verde não é porque ela seja bela e aprazível como a de Monserrate ou tenha a grandezza e o encanto do Parque, lá em cima, na Pena.

Não; a Quinta, no seu abandono, aos estragos do tempo somando-se o vandalismo dos homens, não dispensa a visita de quem tenha o culto do passado, como uma religião sem Deus e sem dogmas, unicamente, porque ali viveu o nosso quarto vice-rei da Índia, o Castro forte como lhe chamou Camões, successor de Albuquerque.

A vista que se disfruta do Outeiro das Alviçaras, assim como da Senhora do Monte, é admirável; mas de numerosos pontos da Serra se disfruta uma vista igual, e as modestas áreas ou ruas da Quinta, de sombra escassa à hora em que, no verão, o sol enche tudo duma luz viva e quente, não enfeitam os nossos olhos e não despertam a nossa sensibilidade. Qualquer, ignorando a história da Quinta, ou sendo refractário às sugestões que se desprendem de cada uma das suas árvores, de cada uma das suas pedras, qualquer nestas condições anda por ali indiferente, e não se dispensa de dizer, à saída, como se respondesse a si mesmo — não vale a pena!

Ora se vale a pena!... Que melhor sitio para evocar toda a história dos nossos descobrimentos e conquistas, as nossas lutas em Africa contra os mouros agueritados, os nossos combates na Asia contra os indios



Capela do Monte, designada por D. João de Castro para ser a sua sepultura.



Interior da Capela do Monte

pêrfidos, facilmente verificando que as nossas qualidades, como soldados, deixavam a perder de vista os nossos merecimentos como políticos e administradores, facto que ainda hoje se verifica, só com a diferença dessas qualidades e merecimentos terem diminuído a tal ponto que já hoje não seríamos capazes de romper o cerco de Diu, mas seríamos capazes de meter num

chinelos os mais desaforados rapinantes que, exercendo o governo da Índia, puseram nódoas de sangue e lama na mais fulgente página da nossa História.

Não é verdade que D. João de Castro faz lembrar Herculano?

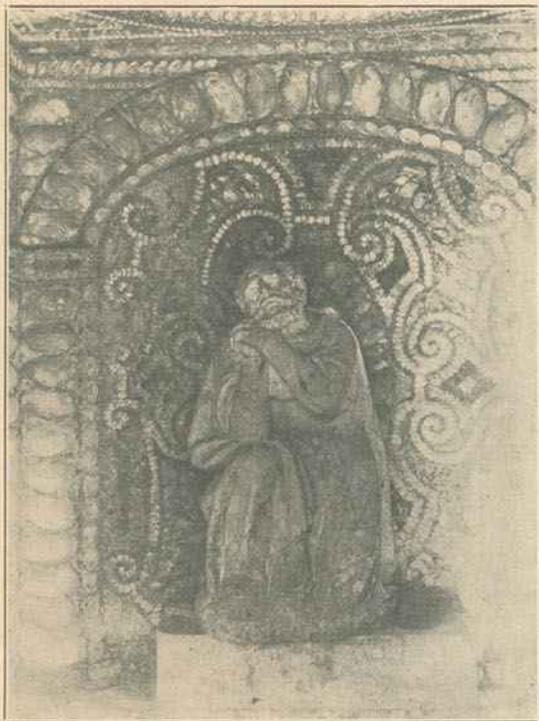
Ambos foram soldados, e se não se bateram ambos pela mesma causa, foi porque os soldados portugueses do século XVI tinham de manter na Índia a grandeza e o prestígio da mãe Pátria, não deixando perder as conquistas que havíamos feito, e no século XIX, na Europa, tinham de bater-se pela Liberdade, que o Absolutismo ameaçava vando-lhe a espada aos peitos.

Isolou-se D. João de Castro, depois de batalhar em Africa, na Quinta de Penha Verde, onde não queria árvores de fruto, talvez por desinteresse, talvez por egoísmo de cenobita, evitando que o sentimento duma utilidade se misturasse ás suas cogitações de espirito melancólico e especulativo, só lhe aprazendo o silêncio e a sombra, dando-se a ilusão, por largas horas, de que bastam a sustentação do corpo os enlêvos do espirito.

Alexandre Herculano isolou-se em Valle de Lobos depois de rudes combates pela verdade histórica, insultado, enxovalhado, caluniado, como se nada valesse a obra que realizara, escavando arquivos, revolvendo bibliotecas com uma paciência de beneditino, com uma profundidade de filósofo, com uma intuição de sábio, e sobretudo com uma probidade intelectual absolutamente irrepreensível. Simplesmente Herculano se meteu a fazer azeite quando deixou de fazer livros, procurando no convívio da Natureza satisfações que não encontrara no convívio dos homens. A Penha Verde foi D. João III buscar D. João de Castro para o fazer governador da Índia; a Valle de Lobos quis a Política ir buscar Herculano para o fazer deputado. Eram dois homens de carácter, tomada

aqui a palavra na mais elevada acepção moral. Com esta diferença: — Em D. João de Castro o sentimento da justiça predominava na formação do carácter; em Herculano predominava o sentimento da verdade. Ambos poderiam ter adoptado esta divisa — *neminem laede*; mas D. João de Castro acrescentar-lhe-ia estas palavras — *imo omnes, quantum potes, juva*.

Em D. João de Castro o sentimento da justiça coexistia com o sentimento da bondade; era magnânimo e generoso quando não tinha necessidade de ser fero e justiceiro. Não hesitava na aplicação do castigo justo; mas era-lhe mais agradável premiar que punir. Tinha a consciência do seu valor, documentado em factos da maior retumbância e do mais largo alcance;



Interior da Capela de S. Pedro

mas não se orgulhava do que fazia, porque ao seu Rei e a sua Pátria devia todos os serviços que podia prestar-lhes, e o cumprimento do dever, no seu critério de estóico, seja elle qual fór, difícil ou arriscado, é uma singelíssima regra de moral.

Também Herculano tinha a consciência do seu valor, que era imenso; mas instintivamente punha em confronto as suas qualidades com as dos outros homens, considerados na generalidade, e logo o seu orgulho apparecia, inquinado de desprezo, talvez menos afectivo que intelectual.

Já vai muito baixo o sol, a descair para o mar.

Na vasta planície, lá adiante, suavemente ondulada, alternam manchas de sombra com zonas iluminadas; a atmosfera, encinzeirada, ligeiramente encinzeirada, é como que uma gaze imensa, através da qual vemos as coisas ainda no seu tamanho verdadeiro e na sua forma natural.

Quem sabe? Talvez mais logo, já cerrada a noite, a alma do vice-rei appareça aí na Quinta, errante e nostálgica, gemendo na água das fontes, resando à porta das Ermidas, chorando a ruína dum Império que elle julgara imperecível, porque o alicerçara sobre estas bases — a justiça, o heroísmo, a austeridade.

(Do livro *a sair — Jornadas*.)

BRITO CAMACHO.



Capela de Santa Catarina, no monte das Alviças, doado a D. João de Castro quando governador da Índia

CÃES E GATOS



Ao entrar, parámos um momento a ouvir a algazarra formidável dos cães. Havia os latidos leves dos perdigueiros, o ladrar maggestoso e pesado dos S. Bernardo, e os uivos longos, soluçantes, dos galgos, levantando o focinho esguio, na nostalgia dos campos verdes e do céu azul.

Postados em linha, cinco Terras Novas, de peito branco, agitando a pluma espessa das caudas, a um gesto de afago erguiam as cabeças humildes, cerravam lentamente os olhos meigos, e logo procuravam as mãos para uma carícia terna. Magníficos de força e de agilidade, sob a guedelha amarela, a cabeça alta, o peito alto, fremiam de impaciência e de vida. As narinas palpitavam-lhes ansiosamente. E os olhos largos, de um castanho estriado de fibrilhas escuras, passavam num instante da cólera à alegria e da turbulência a um receio submisso.

Aí vamos agora, sem pressa, entre canzarrões e fraldiqueiros, cachorros de semanas e decanos, de matilhas e canis, a afagar focinhos, a enterar os dedos nas felpas dos dorsos encaracolados e a levantar as orelhas sedosas e descaídas, dos setters.

De repente, recuamos. São os grandes «dina-marqueses», truculentos e agressivos, de orelhas curtas e lisas, que erguem de um salto a grande estatura, de linhas ágeis e finas. Rosnam numa surdina ameaçadora de cão que não ladra e morde. Têm os olhos frios e acerrados, desconfiados e lentos, ao fixarem-se. O guarda, de vara em punho, submete-os rudemente, a cada momento.

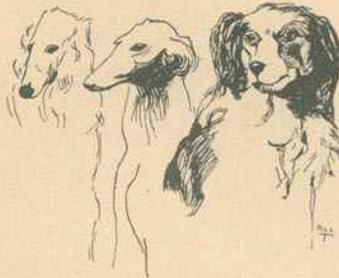


Mas os grandes, os simpáticos S. Bernardo, protectores dos homens e das crianças, heróis dos contos e anedotas legendárias, recebem-nos com o olhar hospitaleiro dos que costumaram a sua força a servir dócilmente a bondade. Hirsutos como monges de penitência, a grénha dum loiro acastanhado cobre-lhes as cabeçorras largas, franjando-lhes os olhos límpidos. Não são festivos como os Terras-Novas, nem humildes como os perdigueiros: têm a calma serenidade

dos bons, a pacífica tranquilidade das dedicações serenas e invioláveis.

... Subindo um pequeno lance de escadas, é a secção gradeada das jaulas, o recinto dos misantropos, cães de guarda, *bull-dogs*, de dentuça em torquês, silenciosos, imóveis, de todos os focinhos e pareceres.

Certos cães têm uma fisionomia quasi humana. O macaco lembra, por vezes, o rosto do homem, mas sempre em cómico e em grotesco.



Ora alguns cães dão, sem deformações, o aspecto de caras conhecidas. Assim, este escuro refilão, de olhos desconfiados e maus, é tal qual um antiquário da rua das Fangas, do meu tempo de Coimbra. Aquele caduco e gordo cão de guarda recorda-me vagamente um perfil visto algures, numa repartição do Estado, creio eu. E o pêlo enlameado e erriçado destoutro evoca-me a figura dum filósofo, que conheci em tempos, e andava sempre com a barba e os raciocínios por fazer...

Os galgos!

Sinto no peito uma golfada de ar puro. Na neblina das manhãs de caça, as trompas vão sacudir os écos pelas montanhas, os ginetes escarvam a terra, ainda vestida de orvalhos, e as matilhas, esperando o sinal da partida, rodeiam aos pulos a cavalgada impaciente.

Esplêndida galeria de galgos — negros, amarelos, castanhos, malhados, brancos... Dois galgos brancos, da Rússia, lembram quadros de Van Dick, em que os cães, de focinho longo e pernas esguias, de pêlo sedoso e olhos tranqüilos, estão deitados aos pés dos senhores, erguendo a cabeça com nobreza e desdém.

É lindo esse casal de galgos. Não parecem ter nascido para os trabalhos violentos da caça. O seu trote leve e tímido assemelha-se a pégadas de corça, na espessura dum parque. Têm nos olhos um brilho assustado. A alvura ima-

culada aparenta-os com os animais fabulosos, o cisne de Lohengrin ou o cordeiro da lenda cristã...

O gato, no entanto — não o derrancado bichano das vielas, mas o gato de asseio apurado, o gato familiar da lareira e da brazeira — é talvez, depois das aves, o animal que melhor nos dá a impressão duma obra de arte. Nos seus prazeres habitualmente tranqüilos, no andar silencioso, no discreto egoísmo, nas sextas voluptuosas, no *ron-ron* monótono da garganta asmática, na dextreza felina, nos olhos fosforescentes, no pêlo macio, nos bocejos tigrinos — no seu todo sonolento, fleumático, pulcro, impecável — tem o aspecto misterioso e distante dum acadêmico com farda de peles, dum letrado frio, habituado



às pugnas aceradas e às controvérsias de ponto em branco. As suas unhas, como os dentes, são delicadíssimas armas, que parecem lavradas pelos dedos hábeis dum ourives. E os próprios bigodes, simétricos, correctos, dir-se-iam espetados decorativamente, como um enfeite, no focinho rosado.

Numa coisa, porém, os vencem a maior parte dos cães. É na beleza dos olhos húmidos e cândidos, ora cheios de cólera ora de ternura, frestas luminosas de onde se debruçam, com inexprimível dor, as suas almas emudecidas e mutiladas.

CAMARA REYS.

(Ilustrações de Tagarro)





Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra, representada Clópatra na cena da pérola. — Retrato atribuído a Simon Vouet. (National Portrait Gallery, Londres)

Além do retrato pintado por Peter Lely, o mestre das « Windsor beauties », pintor por excelência da aristocracia inglesa no terceiro quartel do século XVII, encontro em Londres, na *National Portrait Gallery*, mais três retratos pouco conhecidos da infanta D. Catarina, filha de D. João IV e mulher de Carlos II de Inglaterra. São três pinturas em talha, com os números 352, 591 e 623, uma delas datada, representando a Rainha em idades diferentes, — presumivelmente retratos do natural, porque são obra de três pintores contemporâneos que viveram na corte inglesa no período que decorre desde 1669, data do casamento de D. Catarina, até 1699, data do seu regresso a Portugal. O primeiro retrato (n.º 352), datado do ano em que a primeira esposa, é de Dick Stoop, pintor holandês; o segundo (n.º 591), é de Huymans, não do célebre Huymans de Malines, Corneille, o « spinitor de montanhas », mas de Jacob Huymans, também flamengo, que cultivou a elegância mundana como Houthorst, como Wisting e como Lely; o terceiro (n.º 623), o menos interessante de todos, atribuem-no geralmente a Simão Varelst. Vou descrever-lhes estes retratos, perante os quais tive de modificar a minha antiga opinião acerca da pretendida fealdade da mulher de Carlos II.

Com efeito, num livro meu publicado há dez anos (*Amalheres*, 6.ª edição, pag. 137) há um capítulo consagrado a Catarina de Bragança, em que se faz a impressão do retrato de Lely, que conhecia através da gravura de Hall — retrato consideravelmente favorecido pela cortezania do pintor — em inclinação a supor que a pobre princesa não era, afinal, tão feia como

a rainha querido fazer a má língua inglesa do seu tempo. Atribua a lenda da fealdade de D. Catarina — que tantas vezes serviu para justificar a volubidade amorosa de Carlos II — a impressão desagradável que devia ter produzido, entre tantas mulheres loiras, diáfanas, rosadas, aladas, que revolvam pelos ginácios doirados de Whitehall e de Hampton Court, aquela pobre infantíssima portuguesa, acanhada, trigueira, triste, de cabelos negros e de olhos enormes, com o seu verdugadim espanhol, a sua educação de mosteiro, os seus olhares de revés, toda a sua sombria timidez de flor alentejana desabrochada, entre porcos e frades, no paço serreniano de Vila Viçosa. Eu não pretendia, evidentemente, que ela tivesse sido a beleza olímpica que nos mostra Lely, e que, a ser como ele a pintou, não ficaria a dever nada às *beauties of Charles II's court*; mas custava-me a crer que a desgraçada princesa pudesse ter merecido, pela sua fealdade, a frase que Jesse, nas suas *Memórias*, atribue aos cortesões de Whitehall: « não é uma rainha, é um morcego ». Também as damas portuguesas que acompanharam D. Catarina para Inglaterra tiveram, sem excepção, a honra de ser consideradas « uns monstros » (Clarendon, *Memórias*, II, 419); e, entretanto, uma delas foi a amante preferida de Buckingham. É certo que um ligeiro prognatismo e uma desleitura implantada dos dentes desfeizavam um pouco a filha de D. João IV; mas os olhos deviam ter sido belos, a pele dum dourado quente de morena, as mãos finas, os movimentos graciosos, a expressão atrante e bondosa. John Evelyn, que lhe foi apresentado no dia da

C A T A R I N A D E B R A G A N Ç A “ A T R I S T E F E I A ”

PO R J Ú L I O

Da Academia das

chegada da Rainha a Hampton Court, não a achou feia: « é pequena de corpo — diz ele — mas bem feita; tem uns belos olhos cheios de languor; só os dentes, avançando demais, lhe estragam um pouco a boca ». O rei Carlos II, mesmo, reconheceu os encantos da mulher, descrevendo « a maravilha dos seus olhos e o seu lírio timbre de voz (Jesse, *Memórias*, III, 6), e declarando em carta à Duquesa de Orleans, dois dias depois do seu casamento, que se sentia « completamente feliz com ela » (Gode de Bailion, *Henriette d'Angleterre*, 83). Seria justo, perante o testemunho do próprio marido, pessoa exigente em matéria de beleza feminina, considerar a infanta portuguesa — segundo as palavras do ministro Pepys — um « monstro ando, escuro e plebeu »? Pareceu-me que não era; e disse-o no meu livro, satisfeito de ter contribuído para restituir a essa « triste feia » real, tão cheia de dignidade na sua condição de repudiada e de estéril, a pequena scintilla de formosura que a história ou a lenda lhe tinham roubado.

Confesso, porém, que, depois da minha visita a Londres, já não penso do mesmo modo. Os retratos de Stoop, de Varelst, e, sobretudo, o de Huymans, desencantaram-me. Catarina de Bragança não é, talvez, simpática; mas foi sempre e convictamente feia. Se a fealdade das mulheres pode explicar a levandade dos maridos, basta olhar a tábua de Jacob Huymans, quasi escondida ao canto de uma das salas da *National Portrait Gallery*, para compreender a ligeireza e a semcerimónia com que Carlos II — versão inglesa da galanteria de Luis XIV — passou dos braços de Bárbara Palmer para os de *donna-jeze* Frances Stewart, do camarão de Moll Lavett para o de Nell Gwynn, do leito da trigueira Hortense de Mancini, perfil enfiado de camaleão italiano, para o da loira Louise de Kéroualle, cuja leve cintura de sêda, diz Saint-Evremond, uniu durante quinze anos a França à Inglaterra. Examinemos, por ordem cronológica, os três retratos da filha de D. João IV. O primeiro, pintado por Dick Stoop, é o mais interessante de todos. Representa a Rainha aos vinte e quatro anos — idade em que a casaram — no traje português da época, veludo negro e rendas, penteada « de crespos » como a infanta Maria Teresa, de Velasquez, uma madeixa de cabelo, sua aberta de pilósaro negro, a cobrir-lhe a testa demasiado alta; pérolas no pescoço, e em toda a composição, um ar tão acidentalmente vallesquiano, que é possível que Stoop, mandado a Lisboa por Carlos II, tivesse executado o retrato de



Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra. — Retrato pintado por Huyman (National Portrait Gallery, Londres)



Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra, trajando à moda de Portugal. — Retrato pintado por Stoop, em talha (National Portrait Gallery, Londres)

Catarina de Bragança sob a influência directa da pintura peninsular. Os olhos são, realmente, bonitos; há simpatia e uma certa candura na expressão; mas o nariz é grosseiro, a testa horrível, a boca polpaça e plácida; o prognatismo evidente; o tipo vulgar, insignificante, sem distincção e sem nobreza. No segundo retrato — o de Huymans — a fealdade accentua-se. A mulher de Carlos II, aparentemente 30 anos, surge-nos como uma espécie de Carlota Joaquina esgruviada e exofálmica, com um ar mais doce e mais atraente do que o da outra — é certo — mas com o mesmo nariz globuloso, com a mesma fronte enorme, com a mesma boca de prognatismo e até (coisa curiosa!) com o mesmo perfeitíssimo selo, tão frequente na estirpe de

Bragança como na. Vê-se que cada um dos pintores procurou favorecer de maneira diversa, o seu modelo: Stoop, mais lírico, tirando partido da mocidade e da frescura dos vinte anos da Rainha; Varelst, mais convencional, dando-lhe em magesteza embora não possuía o valor iconográfico; Huymans, que, por isso mesmo, se aproximou da verdade. O seu retrato, sem dúvida o mais fiel — e, precisamente, o mais feio dos três.

A Rainha Catarina de Inglaterra, que enviou em 1685 — se é que a viver, para ela, não começou na primeira semana de casada — viveu algum tempo em Somerset House e em Hampton Court, depois de morto o rei; em 1692, com cinquenta e quatro anos, ainda bem conservada e fresca, voltou para Portugal. Há retratos dela, no paço de Gintra, que confirmam a interpretação menos favorecida de Huymans. O duque do Cadaval, nas suas *Memórias* (Bibl. Nac., *Mss.*, F. A. códice 749) descreve « baixa de corpo e grossa; quando morreu, dum apendicite, aos sessenta e sete anos (exactamente no momento em que o doutor Girtzen chegava de Londres para colocar um edú-la-boca de prata no irmão, o rei Pedro II) D. Catarina estava obesa. As mulheres feias não têm história, — disse, não sei onde, Carlyle. Entretanto, a Inglaterra ainda hoje se lembra desta mulher feia; e creio que não lhe será fácil esquecer-se. Porque foi uma grande rainha? Não, decerto. Mas porque foi ela que inventou, numa hora de nevoeiro e de aborrecimento, o mais inglês de todos os prazeres: o de tomar chá as cinco horas.

HILDESHEIM—A

Na província do Hanovre, ao morrer dos contra-fortes do Hartz, lá onde começa a imensa planície prussiana, quasi se esconde a forasteiros e nacionais, entre bosques, uma antiga e singular cidade: Hildesheim. A sua origem perde-se na noite dos Nibelungen, com uma

deusa Fricka, que tinha seu santuário numa colina da Innerste, e foi desalojada por Bernard, bispo, artífice inspirado e guerreiro, que ali ergueu a Cristo uma sumptuosa catedral, em fábrica e gosto romano. Do tempo da deusa resta uma roscira milenária, que todas as primaveras envolve com seus braços floridos o templo vetusto. Da longevidade desta planta rezam todos os guias, que se prezam, avaliando-a, se não como um milagre da Providência, como argumento da fartura do solo, e caráter da região opulentamente florestal.

Por aqueles termos de Hildesheim, acamparam as hostes de Carlos Magno e souo o olifante de Roldão. Na catedral se conserva um chifre entalhado pelo qual, segundo os timbões, bebia o imperador dos francos. É a partir, porém de Carlos Magno, que a cidade desabrocha à luz da história. Sagraram-se os seus bispos emporio eclesiástico e cidadela feudal. Os seus muros sofreram o embate da guerra dos Trinta Anos, dos Sete Anos e, quasi nas marcas do Brandeburgo, a ressaca toda das campanhas napoleônicas.

Em suma, a espada passou muitas vezes por esta burgo curioso, riscando fundo.

A pesar das vicissitudes da guerra, conservou Hildesheim a fisionomia primeira, que lhe vem do Renascimento germânico, uma fisionomia própria, como não tem a sábia Nursenberg, a

cidade parece o museu dama era morta, em que se alojou toda uma população, viva e buliçosa. As casas, com efeito, oferecem a nossos olhos de ocidentais uma perspectiva surpreendente, com a subversão das leis estatutadas pela arquitetura. Raras obedecem ao princípio do

fio de prumo, no levantamento de suas fachadas e empenas; desenvolvem-se, pelo contrário, no sentido de planos sobrepostos, avançando uns sobre os outros, para a rua, à medida que se prolongam para a cumieira. Chamam-lhes em Alemãha *Umgestülpter Zuckerhut*, ou chapéus de açúcar virados para baixo. Imaginem-se Torres dos Clérigos, ou Zimbórios da Estrela invertidos, a flecha assente no solo, a sapata erguida ao alto, e ter-se há delas uma ideia aproximada. Algumas atingem no teto duas ou três vezes as dimensões da base, o que tem o seu quê de funambulismo.

O pitoresco de tais moradias divertiu-nos-las, se os ornamentos das fachadas não merecessem de todo a nossa homenagem. Como se depreen de, esta

faustosa Hanovre, ou, ao pé, a cidade do Rattenfänger, Hameln, debruçada sobre o claro Weser. Os seus habitantes ainda hoje se ufanam de saber salvar dos assédios, saques e rendições, os tesouros da Sé, que são magníficos, e o cunho da povoação, que não tem igual no mundo.

Aparte um ou outro prédio de linhas modernas,

espécie de construções só a possível em madeira, tirada aos carvalhais seculares dos arredores os seus grossos e robustos travessamentos. Sobre a viga de rio cerne e grande dilemto, todos os equilíbrios são, obra fácil. O mestre de obras aqui, foi o carpinteiro. Aparte a *Kaiserhaus* e o *Tempelherrenhaus*, a pedra não

TRANSHA CIDADE

aparece em edifícios dignos de nota. O carpinteiro, porém, desdobrou-se em entalhador. E os topos dos dormentes, os cachorros das sacadas, os balaustrates, os veios das janelas, são primorosas obras de talha. Chamaram a esta cidade museu de xilografia, e, em verdade, não há pe-

frontaria representam músicos, como, sobre os travejamentos, as mil máscaras fantásticas, alusivas à corporação dos carneiros. No avelal das janellas exibem-se pintas de boa pintura com seus letreiros, visíveis a filio nu, rubricas dos motivos picturais, umas vezes sentença julí-

frontaria representam músicos, como, sobre os travejamentos, as mil máscaras fantásticas, alusivas à corporação dos carneiros. No avelal das janellas exibem-se pintas de boa pintura com seus letreiros, visíveis a filio nu, rubricas dos motivos picturais, umas vezes sentença julí-

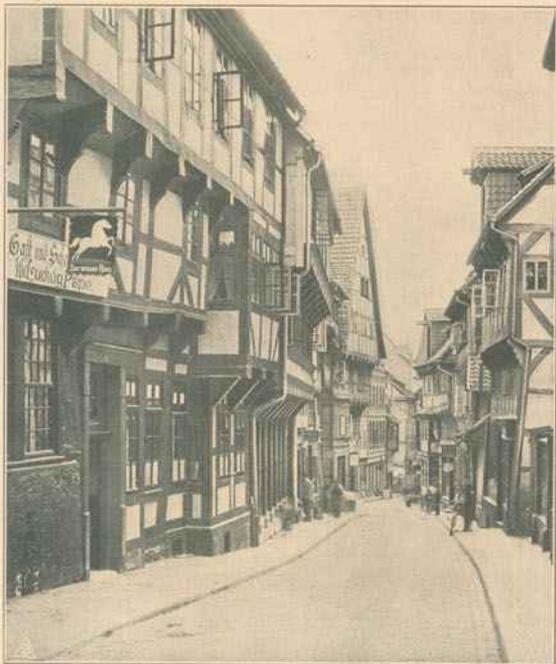
bustos de personalidades, em relação com a cidade, lhe ornar a frontaria, ou seja o do imperador Luis Debonário, que fundou a diocese, e do bispo Bernard, que foi o Trajano da terra.

Importantes e mais ou menos iguais a esta são a *Haus «Goldsener Engel»* e o *Rathaus*, cujo hall central é a sala mais elegante e bem proporcionada que temos visto.

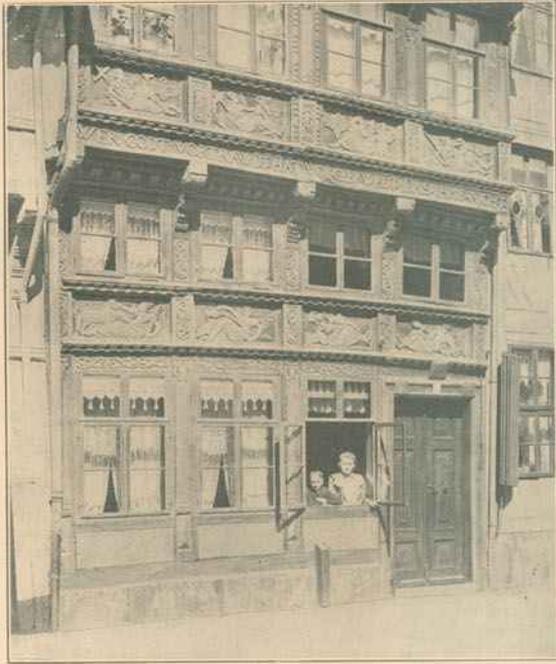
Na decoração destas casas, através da vila, decore toda a filologia dos velhos alemães do Renascimento, a história, por vezes, picara dos seus costumes, da sua fé, do seu humor e dos seus hábitos de homens dados à caça e à guerra. A teologia, neste prédio, dar-se há as mãos com a cinesgética; além a mitologia pagã com a história bíblica. A astronomia, a agricultura e todos os símbolos consagrados das artes e das sciências ali se vêm representados.

Não é uma só casa que ostenta este luxo de talha e de pintura; são centenas; a excepção constituem-na as moradias em sua fachada à linha perpendicular.

De entre as antigas, apenas a Casa dos Templários, e a Casa dos Imperadores fugiram à regra. Não destoam, porém, no caixilho estranho em que esta cidade se encerra, pois a primeira é um admirável exemplar do estilo gótico



Rua de sapato



Casa antiga na rua dos tinteiros de fil

ciona: A *Anareta* e a *fonte de todo o mal*; outras vezes moldas: O mundo gota de ser enganado; debaixo de Adão e Eva, em minúcia lhe comer o fruto proibido: Os nossos pais não eram parvos; faceto: Se o guarda não vigia, vigia o ladrão.

Além desta fauna mitológica e aiegótica,

A moldura da porta, as arquivaves, e os cachorros, todos esculpidos, são duma sólida e emborrotada beleza em estilo do Renascimento. Admiráveis as figuras que no primeiro plano da



Casa do bailio dos magarefes

que, dada a sua riqueza florestal, o elemento por excelência de construção fôsse a madeira. Melhor que a pedra, o carvalho estava apto à aplicação duma arte que tinha seu esplendor na Alemanha: a xilogravura. Os entalhadores encontraram nos burgueses daquela cidade episcopal os bons Me cenas. Daí resultou essa esplêndida e desconcertante florescência da obra de talha. Por sua vez, o arquitecto teve que transigir com o entalhador; a obrinha minúscula, preciosa, perder-se-ia, se a frontaria das casas obedecesse à geometria rigorosa do fio de prumo. Era preciso criar uma disposição nova para fazer ressaltar essas máscaras e relevos, que vão por vezes até à cornija dum quinto andar. Daí a superposição de planos avançando sobre a rua, todos eles batidos pela luz, todos eles patentes aos olhos. Cada frontaria é como a página dum livro. Cada andar, cada friso é uma linha que diz coisas diferentes. Assim combinadas, nenhuma se perde; tôdas se leem, ou podem lêr.

Este o carácter, esta a etiologia da casa que nos espanta pela sua arquitectónica, e, depois, pela riqueza profusa dos ornamentos. Partindo d'este princípio, foi-se algumas vezes até o extravagante, como essa *Pfeilerhaus* cuja *charpente* repouza apenas sobre três pilares. Mas no geral, a velha Hildesheim encerra dentro de seus muros um magnífico e surpreendente museu de arte.

(Notas de viagem).

AQUILINO RIBEIRO.

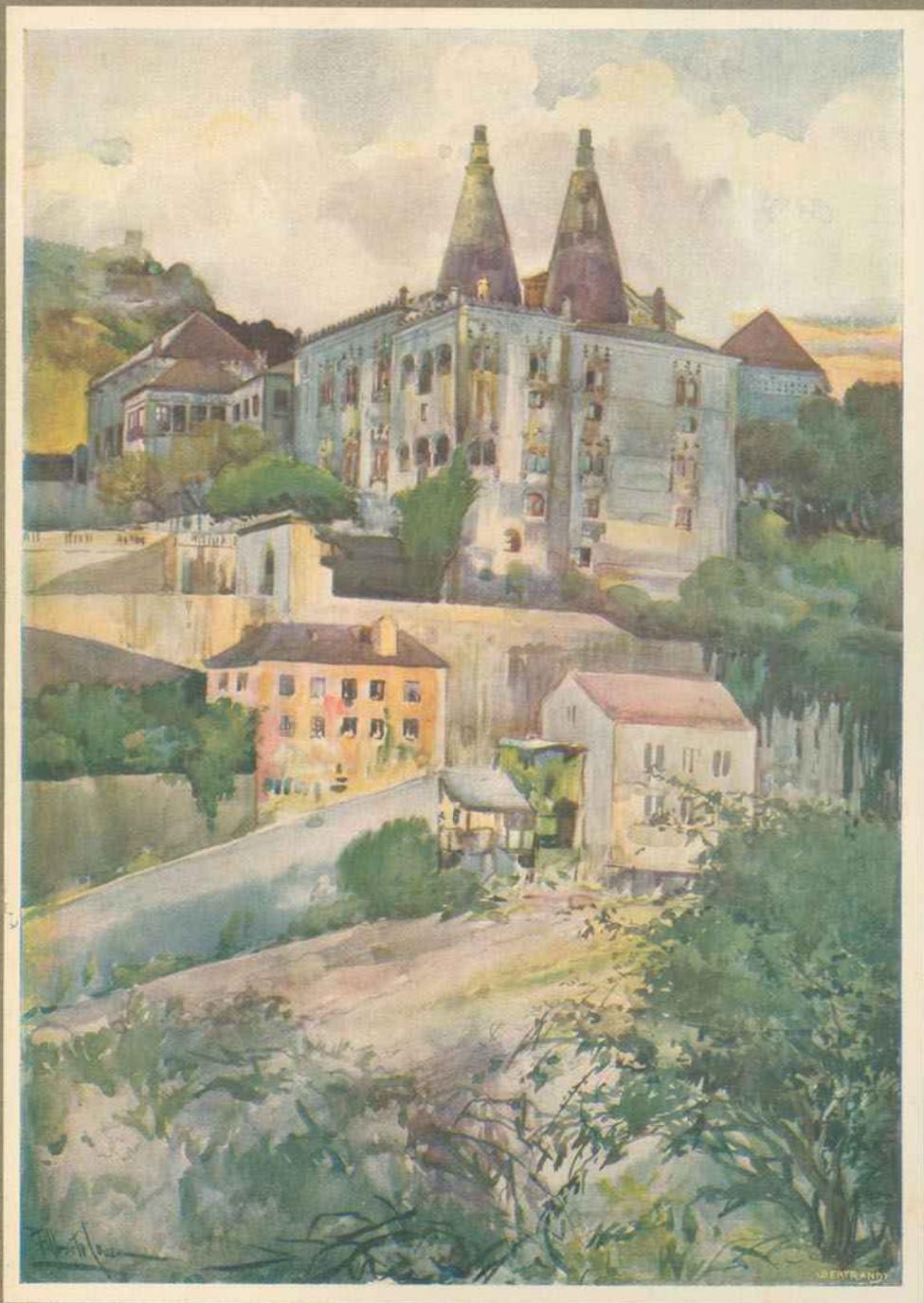
Praça do mercado, vendo-se à esquerda a casa do bailio dos magarefes

na infância, com o seu ar de cidadela, as duas tôrres ao alto, esbeltas e fâgeis como vigias, as janelas em ogiva de finos colonelos, e um balcão ricamente esculpado, parecendo pela delicadeza obra de joalheria do mais fino gôsto. A Casa dos Imperadores, em pedra, estadeando o braço pomposo dos Bucholter e Brandis, é uma jóia do Renascimento, com o primeiro andar, a todo o correr, talhado em galeria, revestido de gigantesca figuras de guerreiros e trisos em que alinham scenas de caça e bustos de imperadores romanos, emblemas da flora e da mitologia.

Algumas destas casas datam do primeiro quartel do século xv, muitas do século xvi.

Tôda a cidade é isto. Compreende-se





ALBERTO SOUSA—O Paço de Sintra

O DESTINO É VARIO...

(DESENHO E LEGENDA DE EMNERICO NUNES)



—FOI AQUI, SOBRE ÊSTE ROCHEDO, QUE EU ESCREVI OS MEUS PRIMEIROS VERSOS «A PALMIRA»...
ELA CASOU COM UM EDITOR... EU NUNCA ARRANJEI NENHUM!...

EPIFANIA DA HUMILDADE

Quem folhear o *Moniteur* do ano de 1853, e o abrir no dia 23 de Janeiro, encontrará na integra a proclamação do casamento de Napoleão III com a condessa de Montijo, tal qual o Imperador o anunciou aos grandes corpos do Estado. E nessa anúncio encontrará um espectáculo de raríssima beleza moral. Todo esse documento, cortado de ferventes rajadas aplaudidoras, é uma maravilha de tacto politico, inspirado peja paixão de um homem que defende o seu bonito sentimento. Mas o politico e o amoroso não passam de lucilações no vasto, admirável horizonte que se avista d'este empolgante parágrafo:

«Quand, en face de la vieille Europe, on est porté par la force d'un nouveau prince à la hauteur des anciennes dynasties, ce n'est pas en vieillissant son blason et cherchant à s'introduire à tout prix dans la famille des Rois, qu'on se fait accepter. C'est bien plutôt en se souvenant toujours de son origine, en conservant son caractère propre et en prenant franchement vis-à-vis de l'Europe la position de parvenu, titre glorieux lorsqu'on parvient par le libre suffrage d'un grand Peuple.»

«Ainsi, obligé de s'écarter des précédents suivis jusqu'à ce jour, mon mariage n'était plus qu'une affaire privée.»

Não conheço, nem na História nem na Lenda, nada que alore esse inédito e sereno orgulho, tanto mais respeitável quanto emana do próprio respeito. Esse documento em que o Imperador se não deslembra da sua condição de *parvenu* e não volta as costas, antes se inclina ante a vereda democrática por onde caminhou até ao trono de S. Luis, é a pedra de toque pela qual os homens hão de um dia reconhecer que Napoleão III não era tal *Napoleon le Petit* como o sectarismo politico de V. Hugo o cognominou. Quem dá mostras de semelhante elevação é decididamente muito grande. Aquele parágrafo será sempre uma obra prima entre os poemas que a vida humana pode encerrar. Mais: essa corajosa e altaneira humildade com que Napoleão III se reconhece um *parvenu* é um titulo de emanente nobreza.

Na chan dum regato ou nas ervas dum monte pode nascer um fidalgo. Um berço coroado pode embalar a alma dum plebeu vil.

O povo é o manancial da aristocracia. Enquanto o fidalgo se recorda da sua fonte longínqua elle persiste fidalgo, como a regueira leva força enquanto não perde o contacto com a mãe de água. Quando o nobre se desprende e se esquece do tronco comum que o engrandeceu, o seu brazão, a sua linhagem, a sua altanaria, acabam ramúnculos esgalhados e caídos por terra, à espera da fermentação final. Um autêntico e incorrupto temperamento aristocrático não enfiça o sol, debruça-se, enarboradamente, filialmente, para o solo. As carvalheiras quanto mais altas vão, mais pêsas, e por mais grossas raizes, ficam à terra.

Uma grande senhora que é também um grande espirito, maior ainda do que Lisboa lhe supõe, contava-me, a um dos seus serões recentes, que aquella outra nobre senhora, filha de Nobres soldados e de Soldados nobres que foi marquesa de Rio Maior, nunca cruzou com uma alma apunhalada pelo catonismo plebeu da sociedade, que não corresse para ella, e a não acarinhasse, distinguindo-se a distingui-la. Concretamente: nesse poente do romantismo, a quando o viver português foi dulcificado e fácil, uma menina, da mais casta beleza que

jámais engrinaldrou camarote de S. Carlos, amou uma grande figura de homem, figura intellectual, figura fisica, figura moral. A vida, engenhosa tecedeira, teceu um labirinto de dificuldades, ponto de renda de feiticeira com que se debruam rimances de amargura. Eram paredes mestras a separar duas almas, fragas ameaando o precipício que lhes corria aos pés. O amor planificou o abismo. E nunca houve lar mais santo, mais respeitável e, ao fim e ao cabo, mais respeitado.

A senhora Marquesa de Rio Maior não esperou pelos outros nem pelo futuro para compreender e abençoar. Com o seu instinto feminino, a sua delicadeza espiritual de grande dama, ella compreendeu.

— *Il ne s'agit de pardonner, mais de comprendre!* replicou Cosima Wagner ao Bulow, quando elle disse que lhe perdoava.

Compreender é tudo. E enquanto não se compreende, o coração bem formado adivinha. Há um caminho direito para a elegância moral: ser docemente indulgente com tudo que ao rebanho possa parecer condenável, por ser singularmente elevado.

Uma carruagem brazonada, com a corôa de marquesado, transportou muita vez, donde quer que se encontrassem, duas mulheres: a fidalga que cada vez se nobilitava mais, relembrando

a nobreza com que, fora dos livros de costados, se ama, e a mulher que simplesmente amou e no amor pôs toda a sua nobreza.

Entre uma alma boa do povo, e uma alma de velha fidalga há tanta afinidade, tanta consanguinidade, que não é raro nascer entre ellas a simpatia e a amizade. São duas irmãs que andavam pelo mundo sem saber uma da outra e se encontram. As vezes, muita vez! essa atracção dá em amor. E a novela desfia, o drama lateja.

Dois pla-

nos. No primeiro, duas almas afins. No segundo plano, outro grupo que já não entende o amor porque já não fala a lingua-mãe, desde que é morante em palácios, perdeu o tino ao pequenino beiral sob cuja asa são nados e acalentados os grandes corações: Nun'Alvares ou Dante.

Rompe o conflito entre os dois grupos, chocam-se os dois planos onde a luz chega com refrações diferentes.

Consoante a época — sua tonalidade para os trâmites episódicos e sua directriz para o epilogo.

Se o segundo plano é poderoso, dispõe de meirinhos, de escoltas, de alçadas e conventos, a acção acaba no mosteiro e no degredo, e o amor chama-se — *Amor de Perdição*.

Se o segundo plano perdeu as suas prerogativas, tanto mais irremediavelmente quanto se esqueceu de que a justiça deixou de ser vassala do privilégio, a cultura monopolio de congregados e o heroismo graça divina de senhores, a luta desvia-se da zona do arbitrio e do dominio, toma pela senda enfeijada da argúcia, o romance finda, não com menos crueldade nem menos horrendos processos, no cemitério, e o amor chama-se, como lhe chamou Norberto de Araujo — *Novela do Amor Humilde*.

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



ALCORÇA. — Capela de Nossa Senhora do Desterro

Mas ainda assucceirão destes casos? Ainda se travarão destes combates? Ainda se desenrolarão destas lutas de castas? Ainda sim. Onde? Nesta mesma Lisboa scéptica, de árvores sedentas e corações fracos. Separa-nos do cenário deste lindo romance da realidade de todos os dias, apenas um arco, como nas casas palacêgas se dividem dois salões — o Arco de S. Vicente. Ao fundo Alfama — mais nichos nas ruelas e nos bôcos do que esconderijos nas almas. E um meandro de degraus, mas degraus por onde nunca se sobe, só se desce — para o rio ou para a vala comum. A despeito dum apontamento de luz eléctrica, tudo continua a ser sombrio ali — o destino das criaturas, as pedras das buracas que alojam esboços de dramas ou rimas de idílios. E nessa sornidade, por onde o fantasma medievo parece passear horas mortas, há soluços de guitarras calhadas naquela vida de tristes, gemidos de almas soterradas na amargura, mas há também canários que cantam.

No primeiro plano da novela, três retratos da mesma alma — Marta, Maria e Rosarinho, um triptico da mulher do povo. Em volta dessa figura de rapariga, que nasceu fidalga, passa, numa grinalda de melancolia, abraçando o retábulo central consagrado a Marta, a ronda das personagens complementares e boas — o Joaquim Marceneiro, noivo de Maria, e o Mestre Francisco de cujo sangue de artista Marta herdou o seu coração bronzado. No pano de fundo, gente doutro estôdo moral, interiores de alma cheirando a inveja e a calúnia, como de certos interiores de casas de ressalto vem um cheiro a miséria insalubre — Isabel, irmã de Marta, Alberto e Artur.

No outro plano, um palácio. Alfama é assim: a casinha lóbrega aninha-se por onde calha, e o seu amesadado, mixto de cárcere e de caverna, depois de se arrumar no menor espaço que pode, para não atravancar, para não ser ostensiva, aninhada humildemente contra qualquer soco da encosta, ainda serve de anteparo ao plano onde os outros vão levantar portais com pedras de armas e paredes de varandas corridas. O pobre acoccha-se para ali, como Deus quere e é servido. O espaço, a luz é para os fidalgos. Ocupa um desses palácios o orgulho da sr.^a D. Maria Ana, a Fidalga dos Falcões. Tem um filho: Sebastião. Criado por ali, Sebastião conhece o seu bairro, a sua gente. Dansa nos bailes dêles e entra nas oficinas e na casa dos pobres. Conhecem-lhe a sombra à légua. Não há guitarrada que não se cale para lhe dar as boas noites. Por seu turno, Sebastião sabe de cor a idade dos rapazes e o nome das raparigas.

Maria, purinha e melancólica, encontrasse-a onde a encontrasse, num salão ou na rua, ao voltar do trabalho, havia de ser amada por Sebastião.

Eis o idílio. Basta pôr entre os dois o preconceito, e temos a novela, para não dizer o drama.

O preconceito aparece — é a Fidalga.

Muito logicamente, Norberto de Araujo marcou a sua época nos processos de luta da *Fidalga dos Falcões*, para desviar o filho daquele amor humilde. A Fidalga bem sabia que podia contar com a nobreza da pobre Marta. E por isso lhe foi pedir o que pediu, por isso a nobre

rapariguinha do povo escreveu ao nobre Sr. Sebastião que... já o não merecia. Só assim. Já ninguém é prêso por dividas nem por amor. A Fidalga não dispunha de conventos nem de juizes do crime. As reixas dos mosteiros enferrujaram-se; para serem convertidas em cárcere, houveram de ser substituídas. Marta não lhe convinha por nora: era filha do honrado Mestre Francisco. Mas a nobreza da filha do povo serviu-lhe para poupar, ao venerando egoísmo da senhora D. Maria Ana, o desgosto de ver o seu Sebastião fazer um casamento desigual que é como as castas chamam aos casamentos de amor.

Não é menos trágico do que a crueldade do inflexível corregedor Correia Botelho, e é mais torpe.

Nessa simples diferenciação de processos está gravada a data dos dois romances e vencida a distância que vem do século XVIII ao século XX. Liga a época de Norberto de Araujo à de Camilo. Se é verdade que, na hora em que contempla a obra de arte, a alma que admira atinge a altura do génio que a criou, — o romancista que enternecidamente modelou aquele triptico tem a alma tão bem cinzelada como as madonas que povôam as suas tábuas de altar. Não é surpresa nenhuma. As águas amorosas, com que os bons lavam os olhos, clarificam a rotina que passa a ser o espelho das coisas belas. Milagre é topal-as na vida. A alma do povo, pudica e mal afeita a que se interessem por ela, esquivava-se à curiosidade dos que se debruçam ao passar pela janela baixa do pobre. Nem sequer o cenário se revela familiarmente aos que, só num bôdo de amadores, adergam de cruzar o casario dos miseros. A quem corre para ela nas horas aziagas, aos que são vistas intimo do infortunio, então, sim, o povo abre-se com êsses, abre-lhes a alma por dentro, ensina como se sofre e como se chora. O romancista que não tiver longamente copiado do modelo vivo, nunca poderá pintar as máscaras da vida, nem sugerir emotivamente as grandes tragédias obscuras, os dramas que estilhaçam seres humanos sem se ouvir a explosão. É preciso ter observado muito de perto a amargura, as decepções, para se saber que uma lágrima é a miniatura de um coração que boia desmaiado num mar de melancolia. É preciso ter tido nas nossas, mãos dos que tremem de desilusão para poder descrever esse frio, igual ao das estátuas jacentes dormindo séculos de abandono.

Norberto de Araujo conhece os cantos à casa dos humildes, sabe como se padece, como uma pessoa se mata a trabalhar e a amar, como enobrece sofrer, quanto se ri num dia de passeio ao campo como aquele em que a Marta e as suas amiguinhas foram ao Senhor da Serra. Água-fortista vigoroso (dos bairros humildes de Lisboa, Norberto de Araujo é um extraordinário pintor de exteriores. Aquela sua descritiva do Gabeço de Montachique é uma tela de Silva Porto.

Como pintor de retratos, Norberto de Araujo vai, no retrato psicológico da fase de Columbano, até ao símbolo. A tábua em que pintou o Mestre Francisco, com a sua obsessão de Beleza criadora, com a febre de transfundir sonhos numa voluta de pau sarto, a simbólica mancha do delirio torturante do artista, qualquer que ele seja — pintor, músico, escritor, cinzelador de versos ou de sacrifícios. Esse amor de Mestre Francisco às suas obras de entalhador, pobrinho e agarrado à própria criação, que se não cansa de acariciar e de rever, traduz-se, nos conflitos da vida, naquele amor à filha, que ele não quer ver casada, Marta é, como as suas obras de arte, uma perfeição que ninguém merecerá.

Merecia-a Sebastião, e Marta merecia-o. Separaram-os. Mutilaram uma obra prima. Um minuto de felicidade é um bloco de estatuaría grega. Os que atentam contra a felicidade dos outros são tão criminosos, tão bárbaros como os que derrubam estátuas.

Cometeu esse crime o egoísmo de uma mãe que, encerrada no seu palácio, calafetado a reposteiros armoriados, deixou de ouvir a alma do povo e desapareceu o caminho da nobreza. As paredes dos palácios fazem às vezes mal aos seus moradores porque os isolam do exterior, da vida, e lhes permitem esquecer que lá fora há corações que sangram.

Todo este cenário onde se sente a solidariedade dos tristes na doença, na necessidade, na morte, na dor, na angústia, na fortuna ou desfortuna, onde a luz e o pão são parcos, mas onde, todavia, há blusinhas frescas e almas puríssimas; tôdas estas qualidades, tôdas estas características de romancista, que tem ali um drama comprimido nas trezentas páginas do seu livro — solução apertado numa garganta amargurada! — fazem da *Novela do Amor Humilde* a epifania da humildade.

Nela se reconhecerão, como ao cristal uma lágrima, as mulheres que amaram humildemente e as que, nascidas em berços de ouro, por amor se humilharam para se enobrecer.

Do coração das mulheres esta novela ficará querida, pela mesma razão que elas sempre estimaram a superfície reflectidora das águas, os espelhos e as miniaturas.

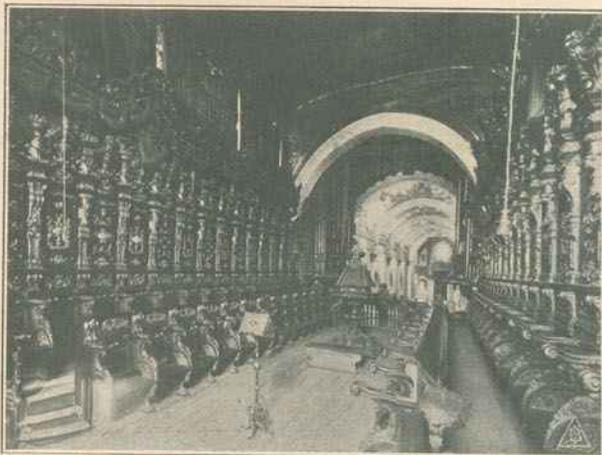
O que está ali reflectido?

«Penas de amor? Pois, por isso mesmo. O amor é uma forma atraente da dor, expriu-miu Péladan, que o deve ter ouvido dizer a uma mulher. A alma humana na infância instintiva do seu destino prefere as penas de amor a todos os outros países.

JOAQUIM LEITÃO.

Da Academia
das
Ciências de Lisboa

PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



BRAGA — CÔRO da Sé



O cinema, arte que, pela sua índole especial, está mais próxima da mentalidade e da compreensão das crianças que a apreendem com uma especial facilidade, vive também muito das crianças. Efectivamente, mais ainda do que no teatro, os autores de argumentos procuram as mais das vezes, introduzir na acção peripécias infantis, scenas hábilmente condimentadas, ou para aproveitar as aptidões dalgum pequenino intérprete, ou para conseguir certo eleito de ternura e graciosidade que faltava para o perfeito equilibrio de um drama mais sombrio, de uma scena demasiadamente pungente. E devemos confessar que as crianças se revelam sempre intensamente fotogénicas. Mesmo aquelas que não possuem qualquer talento histriónico, mesmo as que não foram pela natureza dotadas de encanto fisico, quando projectadas na pantalha fornecem sempre uma visão agradável, repouante e não raro se sente na escuridão da sala cinematográfica, pejada de gente, aquele sussurro colectivo que marca a boa disposição, sempre que aparecem no écran as mómices de algum gaiato ou mesmo apenas a fugidia visão dum gorducho bêbe a esperar no berço. Sem falarmos nos prodígios que a cinematografia nos tem apresentado em pequenos grandes intérpretes, reconhece-se que, algumas scenas habilmente condimentadas com um pitoresco rancho de garotitos, podem conseguir o sucesso dum filme que mais coisa alguma recomende. É o segredo da voga espantosa da genial Mary Pickford. Esta extraordinária artista, cheia de talento, de qualidades de observação, de formosura feminina, fracassa irremediavelmente quando representa papéis de «pessoa crescida». Em compensação arrepiam os lindos cabelos em duas tranças esguichadas pelas costas abaixo, veste um bibe aos quadrados, calça umas botifarras furadas sobre umas meias rôtas, mascarra a cara e mete um dedo no nariz e os filmes que produz

sob este «tipo» conhecem uma voga verdadeiramente excepcional. É este um fenómeno difficilmente explicável mas largamente comprovado.

Idêntica a voga dos grandes «miúdos». Nenhum d'êles, observados a frio, tem qualidades suficientes para se assemelhar a um qualquer actor de



Todo o pessoal dum «Studio» implorando o sorriso dum intérprete de cinco meses. A nada se move a sua precocidade...



Jackie Coogan, com Joan Crawford, no último filme da sua carreira de «miudinhos».

segunda plana da «categoria» dos «crescidos», mas há em todos eles uma graça especial inerente à infância, uma espontaneidade divertida, uma naturalidade sedutora se bem que ingénua. Jackie Coogan, agora já definitivamente retirado por excesso de dimensões, conheceu uma voga desmedida e as suas três expressões paradas, herdadas de Chaplin, deram a volta ao mundo entre clamores de triunfo. Actualmente, contam-se por muitas dezenas os pe-

Forest, descoberto e lançado pelo genial animador Jacques Feyder, pode considerar-se qualquer coisa de notável na cinematografia. A sua interpretação de «Gribiche» e sobretudo a de «Visages d'enfants» são notáveis. Ainda neste último filme, uma pequenita, Pierrette Houeyouz, conseguiu evidenciar-se de forma a merecer os aplausos gerais.

É claro que o triunfo destes pequenos intérpretes depende quasi sempre dos realizadores e das suas qualidades especialmente orientadas para este género de trabalhos, de suma complexidade e da maior responsabilidade. E vemos então, se bem repararmos, que sem Charlie Chaplin não haveria Coogans e que Jean Forest, Leslie Shaw, Andrée Rolanne e Roby Guichard, nada seriam sem o talento de animadores de Feyder, Luitz Morat, Duvivier ou René Hervil. Mas abençoado trabalho o de grandes e miúdos, pois que fornecem a grandes e miúdos também, belos momentos de agradáveis sensações porque, na verdade, se os filmes para

quotidianos e os jornais cinematográficos proclamam este filme como uma das mais fortes e interessantes produções deste ano. A segunda super-produção do mesmo editor, intitulada *Audiência secreta* aparecerá este mês em todos os grandes cinemas e terá nos papéis principais: Maly Delschaft, Werner Krauss, Vivian Gibson, Henry Stuart, Ida West, Wilhelm Dieterle e Jacob Tiedtke.

Fala-se muito numa interessante organização produtora portuguesa em sociedade artística de autores e intérpretes. Diz-se que em breve se iniciarão os trabalhos com *Amarante* e *Satanela* como «estrélas» dum filme alegre em que aquele festejado cómico reproduzirá o seu tipo de «Pão de Ló». Lino Ferreira será uma das figuras primordiais da comédia. Em seguida será a vez de Maria Helena Matos Mendonça de Carvalho debutar no écran como protagonista de um outro filme em que entrarão também seus pais.

René Blum e Raul Duhamel trabalharam mais de dois anos no argumento e partitura de um filme chamado: *Beethoven* em que se traça a vida do «génio da música» em perfeita sincronização com as páginas musicais expressamente compostas. O filme uma vez completo, será projectado na Ópera de *Monte-Carlo*. Os mesmos realizadores executarão a seguir outro filme idêntico intitulado *Mozart*.

No próximo número recomeçaremos a publicação de argumentos dos mais interessantes filmes da produção cinematográfica europeia e americana, publicação que a inserção desta página, sobre o cinema e as crianças, nos levou a interromper.



George K. Arthur, o grande cómico inglês deixa sucessor na pessoa do seu baby, de oito meses, já debutante no écran

quinhos actores que, pelo menos nos grandes centros cinegráficos gosam de voga justificada pelo seu verdadeiro merecimento. Baby Peggy, a mais feia de quantas crianças aparecem em filmes, tem notabilíssimas qualidades, como as tem Bunny Grauer, Wesley Barry e os pequenitos irrequietos das comédias *Our gang*, capitaneados por dois garetinhos sardentos que são verdadeiramente irresistíveis.

Mas nem só na América as crianças trabalham muito para a cinematografia. Em França, por exemplo, há alguns pequeninos actores verdadeiramente notáveis. A pequenita Bouboule, Ivette Langlais, Andrée Rolanne (genial na *Cosette* criança dos *Miseráveis*), Roby Guichard, Maurice Sigrist, Leslie Shaw, são conhecidos, estão no caminho da fortuna e da glória e Jean

crianças, desenhos animados, burlescas com animais, etc., constituem um núcleo de coisas muito belas na cinematografia, também os filmes interpretados por crianças produzem, no público todo, um enlêvo e um encanto são e puro bem justificável e bem agradável para os olhos, muitas vezes cansados de truculências detestáveis, especulações técnicas pesadas e aborrecidas e argumentos presunçosos cheios de desagradáveis situações falhas de moral e de senso comum.

A *Cruzada da mulher*, o grande filme extraordinário de Artur Ziehm, tem obtido, em toda a Alemanha, um sucesso estrondoso. Os



Sally O'Neil e os pequenitos da companhia «Our gang», formam uma risonha troupe

COMO OS OUTROS NOS VÊM

As others see us... Este é o título geral que certo editor inglês pôs em tempo a uma série de traduções de livros estrangeiros sobre o Reino Unido. Ai se publicou, entre outros, a *Inglaterra de hoje*, de Oliveira Martins, e ai se ficou chamando, *The England of to-day*.

Imitando o precedente, pode a *Ilustração* introduzir com o mesmo título, uma secção ocasional, que não deixará de ser ao mesmo tempo divertida e instrutiva. Para ela lhe ofereço hoje alguns trechos mais interessantes do artigo que *Mister William Gray* publicou na conhecida revista londrina *The Tatler*, de 14 de Julho último, com o título e o sub-título de: *Uma terra de revoluções sem sangue: a vida de hoje em Lisboa*. Com certeza os Portuguezes vão-se rir muito; e até pode acontecer-lhes que comecem a aprender alguma coisa.

Mister Gray diz que nos últimos quinze anos tem havido em Lisboa nada menos de quarenta revoluções; ¡das quais não resultou a perda de uma única vida! Assistiu a várias, e, se tivesse morrido alguém, ¡tem a certeza de que isso lhe haveria chegado aos ouvidos! «Em Portugal rastejam ou trepam por toda a parte a corrupção e a incompetência». Lisboa continua a ser uma cidade colorida, radiante e graciosa; mas as ruas estão em estado lastimoso e as casas, muitas das lindíssimas, vão caindo abaixo, devagarinho, mas fatalmente.

Griaram-se hordas de empregados públicos. «Não creio errar, afirmando que dois terços da população se compõe de funcionários do Estado». Para se ter um lugar oficial bastam duas condições: ¡ser portuguez nato e poder sustentar pelo menos seis soldados! E não se recebem vencimentos: tem-se apenas o direito de lançar impostos, impostos muito pequenos, mas muito frequentes. Nas barreiras da cidade estão sentados em fila, todas as manhãs, os pobres hortaliçeiros. Ali pedem esmola, e esperam com paciência até arranjam assim o dinheiro necessário para pagar os direitos de entrada na cidade. Há sempre mais mendigos em Portugal do que amoras em setembro na Inglaterra.

Quando um operário não arranja trabalho só tem um processo de almoçar ou jantar: é fazer uma «revolução». Então o pobre diabo procura em qualquer monte de lixo uma grande lata vazia (em Lisboa não faltam montes de lixo), e enche-a de pequenas pedras, de modo que, sacudindo-a ou atirando-a, se ouça um barulho tremendo. Depois vai a qualquer repartição pública onde haja uma boa vidraça e atira a «bomba» com toda a força. Feito isto, o «revolucionário» não foge: fica de mãos nos bolsos, à espera de que o venham prender, o que aliás não tarda. De todos os lados chegam, polícias correndo, ainda de cigarro na boca, mas com os sabres desembainhados e as pistolas em punho. Rodeiam o «chefe da revolta» e desatam à pranchada em cima d'ele. Logo a seguir chega um pelotão (quando não é um regimento) de cavalaria, montado em mulas. O homem é metido no meio, ele e mais alguém que tenha protestado contra as pranchadas, e tudo aquilo faz um passeio triunfal em volta da cidade. Sabendo perfeitamente quais são as causas da «revolução», a policia leva o homem para a esquadra e dá-lhe o que lhe faltava, que era um bom jantar.

Na manhã seguinte conduzem o revolucionário ao tribunal, onde éle pode ser condenado a coisa nenhuma, ou a cinco anos de prisão. De qualquer modo, telegrafa-se para o mundo inteiro, a dizer que houve mais uma revolução em Portugal, mas que a ordem está restabelecida, graças à pronta intervenção das autoridades militares.

De vez em quando (pouco mais ou menos de três em três anos) a marinha de guerra molha a sua sopa na «revolução». Esta marinha consiste em meia dúzia de cruzadores ou canhoneiras muito antiquadas, e a gente maldosa diz-nos que tais navios não servem senão para estar ancorados no Tejo admirável, talvez de guarda aos navios mercantes tomados à Alemanha no principio da guerra, e que depois disso para ali ficaram, a apodrecer. ¡O que é certo é que nunca nenhum marinheiro encontrou qualquer navio de guerra portuguez para além da baía de Cascais!

Uma bela manhã acordou Lisboa sob a impressão desagradável de ver os canhões da marinha apontados para as suas sete colinas. É um espectáculo de que ninguém gosta, nem sequer os valentes generais republicanos. Por isso o comandante militar de terra mandou uma carta muito delicada ao chefe das forças navais, dizendo-lhe que não queria de modo nenhum que a sua pessoa fosse impedimento aos interesses da querida pátria, e que, se a ditadura naval era para bem da República, não tinha a menor dúvida em entregar as chaves da cidade. Troca de notas sempre muito amáveis; encontro de representantes do exército e da marinha; dois officiaes que se inclinam e

sorriem um para o outro, e um soldado, tesó como um bom aluno, entrega as chaves da cidade.

Assim se consumou mais uma revolução sem sangue, não sem que algum insinuasse, com evidente maldade, que não havia munições a bordo de nenhum dos navios revoltados e que a marinha tinha simplesmente feito um bluff ao exército e à população civil.

Logo que veio a República promulgou-se uma lei que proibia o jôgo de azar, e por força da qual foram encerrados todos os casinos. Hoje, porém, florescem mais tavolagens do que nunca. Vigora o amável sofisma de que todos esses estabelecimentos se transformaram em salões de leitura e grêmios elegantes. Toda a gente sorri e joga-se como de antes pela noite fora, ou até quando se quer. Mas, para cumprir a Lei, a policia envia aos proprietários de casinos, uma ou outra vez, mas sempre em termos affectuosos, a prevenção de que vai, em tal dia e a tal hora, «surpreender» o jôgo. Chegam os agentes e encontram exactamente o que a Lei quer: gabinetes de leitura, grêmios elegantes, e mais nada. Reclinam-se os «sócios» em vastas poltronas, ou tomam os seus licores em mesas pequenas, preguiçando e conversando. A policia inspecção, inclina-se, sorri, e retira-se muito bem gorgeteada, pelo trabalho que teve. Dez minutos depois joga-se outra vez a todo o pano.

As lotarias do Estado são vendidas na rua, principalmente por velhas e garotos esfarrapados. Deve dizer-se que estas lotarias são exploradas de modo perfeitamente comercial e com escrupulosa honestidade.

Portugal é hoje em dia um país onde agrada viver. As suas velhas cidades, muitas delas construídas pelos moiros, languidecem sob o sol quente e o perfume das laranjeiras. Não há tantas restrições como as que experimentamos na Inglaterra. Podem fazer-se compras e tomar bebidas a toda a hora do dia e da noite, incluindo os domingos. Não existe alcoolismo. Gente pobre mas ativa, os Portuguezes simpatizam muito com os Ingleses e fariam connosco todo o seu comércio, se, dizem elles, as nossas mercadorias não fôsem tão caras...

E aqui está uma amostra de «como os outros nos vêem». Quasi sempre acontece que estes depoimentos alheios são saladas de verdades, mentiras, injustiças, caricaturas e tolices; mas um povo forte e vivo despreza as injustiças e as mentiras, ri-se de caricaturas ou tolices, e aprende com as verdades. Um povo forte e vivo tem os seus directores de consciência, os seus confessores civicos, os seus reformadores morais, os seus anjos-da-guarda da dignidade e do carácter nacional — e não apenas palhaços, dentistas e sapateiros politicos. Estes sonem a verdade alheia e berram contra o insulto, agitando a bandeira da Pátria, porque vivem de explorar os vícios nacionais; aqueles distilam do confuso testemunho estranho a lição de progresso moral, e dizem ao povo:

— Reflecte, reconhecce e reforma-te. Os fracos, sim, que só podem viver de elogios. E aos moribundos propinam-se illusões, porque já não lhes valem remedios.

AGOSTINHO DE CAMPOS.



FEMININA

A MODA NOS SALÕES E NOS TEATROS

Chegou o momento de ostentar as luxuosas toilettes da alta cerimônia.

S. Carlos reaberto, os salões elegantes francamente abertos, a sucessão quasi ininterrupta das festas brilhantes próprias da quadra que atravessamos, obrigam ao estudo do que a moda preceitua actualmente, em assuntos do *chic*, para as toilettes de grande aparato.

Se é certo que em todos os tempos a idea do luxo, do brilhantismo pairou triunfante por sobre todas as razões e conceitos de ordem económica, ao tratar-se da toilette feminina, não é menos certo, que, no instante que passa, essa idea, quintessenciada, atingiu a sumptuosidade ilimitada.

Culpa da moda que tudo acha pouco para o realce triunfante da graça feminina? Culpa da mulher que não pode furtar-se ao predomínio prepotente e perturbador da soberana vitoriosa?

Deixamos aos psicólogos o trabalho



das investigações, e como cronistas, limitamo-nos a receber as novidades recolhidas nos arcanos laboriosos da alta moda.

As toilettes de baile e grande recepção, são compostas com tecidos sumptuosidade quasi inconcebível. Os veludos maravilhas da sua habilidade e reflexos espelhados; os *lamés* scintilantes; os *pailletés* e as *perlages* de mistura com as franjas de contas e vidrilhos, os setins e as pedrarias aliados com o colorido das flores, formam uma amálgama deslumbrante, entontecedora.

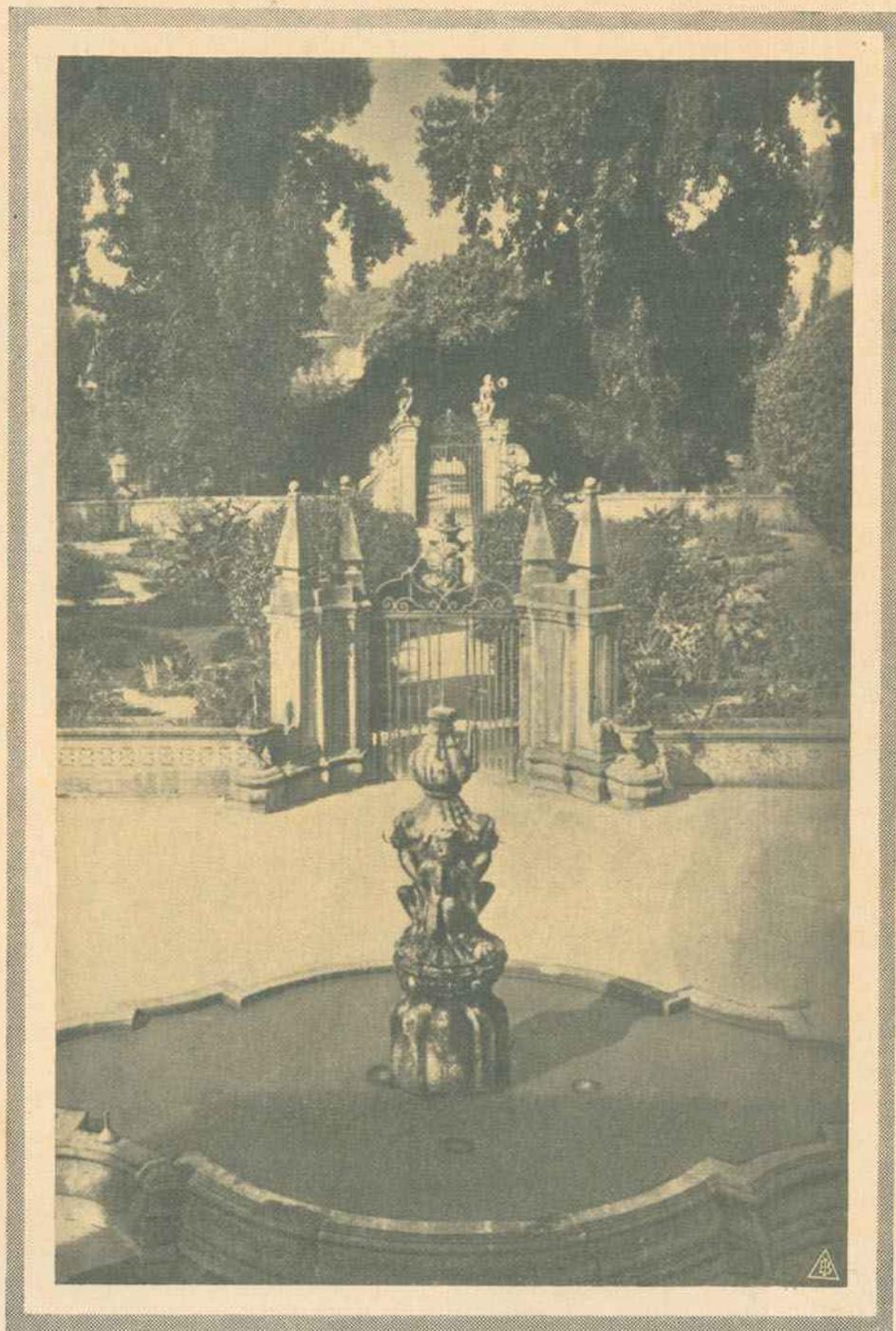
Na forma, as toilettes de grande cerimônia são aparentemente simples. De facto, à primeira vista, ressalta um conjunto geral de delicada singeleza. Um exame mais demorado, porém, revela-nos um minucioso cuidado não só no corte como na disposição dos *drapés*, que na grande maioria dos modelos tomam o aspecto de grandes laços colocados na frente, a rematar a cintura baixa.

Os corpos, é certo, são quasi sempre lisos, desprovidos de guarnições a menos que apresentem bordados condizentes com a ornamentação da saia; estas, em compensação, incrustam fartas *draperies*, bordados, franjas, etc., aceitando quantas guarnições a arte, a fantasia e o bom gosto lhe reservou.

A aliança do tecido diferente e a adopção de cores diversas mas agradavelmente combinadas, são também elementos de elegância preponderantes nas toilettes de noite para as quais, repetimos, segundo o critério da moda regente, todo o brilhantismo, toda a opulência e fantasia são requisitadas e proclamadas com entusiasmo.

A CASA PORTUGUESA

A CASA DOS BISCAINHOS
BRAGA



TRECHO DOS JARDINS DA NOTAVEL RESIDÊNCIA DOS SRS. VISCONDES
DO PAÇO DE NESPEREIRA

MESTRE GALO, O ESPERTALHÃO

(Aos 12 anos de Othman)

I

Andava D. Raposa triste e sorumbática por não poder entrar no galinheiro da Folgosa. Queria cumprimentar, dizia ela, a família que ali vivia. Isto dizia-o ela. Porque a mãe, afinal, só tinha em vista papar o dono da casa, o mestre Galo, sábio cidadão de muitos dias e virtudes, e as sr.^{as} Donas Galinhas, e os meninos Frangos e as meninas Frangas, e mais os quatro casais de Patos que lhes serviam de guardas, e os dois Perus velhos, professores de cortezias, de meninas e meninas.

E os Patos eram, na verdade, guardas vigilantíssimos. Mal D. Raposa metia a ladina cabeça no buraco redondo por onde os inquietos da capoeira entravam e saíam, eles logo bradavam alerta:

— *Quá! quá! quá!*

Era como se uma sentinela gritasse às armas à porta do seu quartel.

Tôda a capoeira se punha em pé. E o mestre Galo, e Donas Galinhas concertavam tal algazarra, a cantar, a cantar, embora mais desafinados do que na hora das senhoras pôrem o seu ovo, que os senhores Cães do canil, acordados pelo côro infernal, saltavam a terreiro e arremetiam contra a atrevida. Mais duma vez a lambareira, por denúncia dos bons Patos, esteve a cair nas garras dos temidos dragões.

D. Raposa andava apouquetada com aquilo. Até que uma madrugada, o ôlho, a luzir de velhacaria, disse com os seus botões:

— Alto lá! Tenho as galinhas no papo.

O meu filho, D. Raposinho, é um rapaz todo catta. Depois, a tocar rabeca até faz chorar as pedras. Vou mandar D. Raposinho à capoeira com a sua rabeca. Toca uma serenata. A filha mais velha do mestre Galo, a do peçoço nu e poupinha na cabeça, tal qual uma menina da moda tosquida à *Garçonne*, vê-lo e amá-lo é obra dum momento. O resto fica por minha conta.

II

D. Raposa lembrou-se da manobra ao amanhecer. E nessa mesma noite, a altas horas, aí vai D. Raposinho de lenço bordado no bôlso, as pontas de fora, e a rabeca debaixo do braço.

Sentou-se em frente da capoeira. Começou a tocar. E tocava tão bem, o maroto, que tôda a família se pôs à janela para não lhe perder uma nota.

Era D. Galinha-Mãe, senhora respeitável que parecia usar óculos por baixo da pôpa. Eram as Donas Galinhas tias, e as filhas, e os filhos. Os próprios Patos, agora muito cordatos, lá estavam de bico calado. Os senhores Perus, eles também, caladinhos que nem meninos feios a fazer das suas...

Só mestre Galo, que nunca foi pessoa de se deixar ir ao engano, se conservava no poleiro, macambuzio e pensativo, procurando descobrir o fio da meada.

D. Raposa, essa, escondida por trás dum rochedo, no gôso do espectáculo, a serenata terminada, esfregou as mãos de contente, dizendo baixinho ao filho:

— Rapaz. Temos a partida ganha. Amanhã vens outra vez.

Na noite seguinte, à mesma hora, D. Raposinha a afinar a prima, e a repetir-se a scena anterior com os habitantes da capoeira.

— Han? Outra vez?! — pergunta o mestre Galo à sua experiência, aterrorizado pela teimosia do tocador. — Mas espera que eu te arranjo...

E desatou a cantar, na intenção de chamar os senhores cães, pois o canil ficava no extremo oposto do terreiro.

— *Cô-que-ri-cô! Cô-que-ri-cô!*

Os galos das capoeiras vizinhas, claro, ouviram aquilo e cuidaram que já vinha a madrugada a romper, pelo conceito em que tinham a palavra do mestre Galo. Então entraram a cantar em côro:

— *Qui-que-ri-qui! Câ-que-rá-cá!*

Os Cães acordaram ao primeiro canto. Como este côro matutino, porém, nunca fôra grito de alarme, antes lhes servira sempre de sinal de despertar, viram as horas no seu relójo, sorriram de ironia, e comentaram a meia voz:

— O relójo do nosso amigo e mestre Galo adiantou-se. São duas horas. O dêle já está nas cinco. O dêle e os dos vizinhos. Que lhes preste. — Deitaram a cabeça no travesseiro quando os galos fizeram uma pausa natural na sua ópera. Aos ouvidos dos Cães chegaram os acordes da



D. Raposinho

rabeca. Os cães tornaram a sorrir e disseram: — Ah, não é isso. Sentiram tocar... poseram-se a cantar. Bom proveito!

Deitaram-se de novo. De novo dormiram. E o sono tranquilo e dôce soube-lhes ao das noites mais inocentes.

III

À terceira serenata, Donas Galinhas, e os senhores Patos, e os senhores Perus, debruçados já da janela, D. Raposa adiantou-se do esconderijo e falou à Galinha-Mãe.

— Minha senhora — começou, numa voz macia que nem a das nossas avós a rezarem-nos meiguices, e muito mais eloquente do que a dum deputado do govêrno: — O meu filho, como a senhora vê, é um rapaz sadio e bonito, benza-o Deus. No tocante a sentimentos não conheço outro igual. Olhe que nem as suas filhas, e são meninas de educação, lhe ganham a palma. O meu rapaz está apaixonado pela sua filha mais velha, uma beleza de rapariga, cara linda e modos decentes que é mesmo o retrato da senhora sua mãe. Em nome do meu filho, eu venho pedir sua filha em casamento. E conto-lhe já o dote que dou ao rapaz. Em milho leva uma fortuna: — todo o milho das minhas cinco quintas de Além da Serra. Alfices, das que os ricos apeteçam nas suas mesas, nem a senhora faz ideia: — fica com alfices para êle, e mu-

lher, e sogra, e sôgro, e cunhados, sem falar nos tios e parentela. Em trigo e sêmeas recebe os tesouros do Grão-Turco. A minha amiga não faz ideia. Isto fora o palácio que lhes mandei construir, e os criados que os hão-de servir, e tudo o mais que na ocasião se verá...

D. Galinha-Mãe, de bico pendente que nem astuto matemático a decifrar problemas de geometria, escutava-a sem dizer palavra. E mestre Galo, que bem ouvia a sabichona no falatório, esperava a resposta da esposa para intervir.

D. Raposa, mais arteiro do que todos os advogados da cristandade, continuou o seu discurso: — E digo-lhe ainda, senhora D. Galinha: Este casamento será um tratado de paz entre o reino das galinhas e o império das raposas. Nunca mais a raposa entrará no galinheiro senão para abraçar as suas parentes e amigas. E como, no cortejo nupcial, hão-de incorporar-se, à certa, tôdas as pessoas da sua família, tôdas terão ocasião de avaliar a honradez da minha palavra.

Foi neste lance que a D. Galinha-Mãe, meio estonteada pelo esplendor das riquezas prometidas à filha, teve medo da D. Raposa.

Que tratado de paz era esse? Quem lhe garantia o seu cumprimento?

Então disse da janela, na voz saudosa dos moribundos, renunciando a tanto milho, a tanta alfaca, a tantos bens:

— Não pode ser. Não dou a pequena ao seu filho. Tenho medo, senhora D. Raposa. Não há ninguém que não diga que V. Ex.^a é uma impostora!

— Falou como um juiz, — comentou mestre Galo no poleiro, satisfeito de si e da consorte: — Bem se vê que é a minha metade.

Um choro triste espalhou-se no ar. D. Raposa, em ais e prantos afliitivos, lamentava a sua negra sorte e a sorte mofina do rabequista. Pobre filho! Tão bom rapaz, e tão injustamente julgado. E ela, D. Raposa, a melhor das mães, a mais fiel das esposas, a mais leal das amigas, tratada de impostora! Não, não podia com tanta dor! Esse era o último dia da sua vida! Não podia viver mais sob o pêso de tão grande amargura.

D. Galinha-Mãe comoveu-se com aquelas lágrimas. Engulindo os soluços, atalhou às lamentações da desafortunada:

— Escute. Não chore, amiga. Não perca a coragem para a vida. — E sempre sufocada pela comoção: — Eu vou ver o que é possível fazer-se. Falo com o meu marido. Amanhã dou-lhe uma resposta.

IV

O mestre Galo, tido e havido pelo maior espartalhão dêste mundo, viu logo quais as intenções da D. Raposa. Como não podia entrar na capoeira por causa dos Cães, pedia-lhe a filha em casamento. E como a filha era nada para o seu voraz apetite, convidava-lhe a família para a bôda prometendo-lhe um tratado de paz. Hum! Bem a percebia. Queria apanhá-los a todos longe do canil, e chama-lhes um figo na devida altura.

A esposa, D. Galinha-Mãe, essa não concordava com o marido. Não se convencia da armadilha. Deslumbrada pela fartura de riquezas pelo casamento destinadas à filha, gulosa do milho e das alfices do dote de D. Raposinho, não falava senão nas lágrimas sentidas da pobre mãe D. Raposa, não fazia senão chamar desconfiado e mal dizente ao marido astuto.

Até que êle, farto de a ouvir, declarou solenemente:

— Pois bem. Dou-lhe a nossa filha. E vamos todos ao casamento. Mas primeiro quero conversar com D. Raposa...

Na outra noite, D. Raposinho a afinar a rabeca para a serenata, D. Raposa a apresentar-se para a resposta, e mestre Galo a assomar à janela.

D. Raposinho pôs-se de pé, cumprimentando com respeito. D. Raposa curvou a cabeça num ar de viúva inconsolável.

— Senhora D. Raposa — começou mestre Galo, falando que nem os colegas das Academias: — Estou muito grato ao pedido de minha filha para seu filho. Devo lembrar-lhe, porém, que há entre nós certas diferenças de família dignas de reparo. Nós somos uns pobres escravos, eternamente sujeitos à prisão. Os nossos senhores são os conhecedores... quando subimos à sua alta presença na canja dos doentes, ou no ovo de que às vezes se faz a omelette. Porque, minha nobre Senhora, o prêmio que nos dão por sermos os únicos fabricantes sérios do ovo de galinha, é a faca assassina da cozinheira. Assassinamos... por nossa honradez! Ao passo que V. Ex.^a, sr. D. Raposa, é de família ilustre, com toda a terra por sua, e palácios cheios de riquezas entre



As meniças raposinhas

as fragas da serra. Não conhece o gosto amargo da escravidão, a não ser nos jardins zoológicos, e aí ainda em homenagem à fidalguia. E por isso, sendo rica, e livre, e fidalga — as suas avós já eram de respeito nos tempos do velho Noé — não deve juntar-se a esta triste raça de escravos que só tem penas, pois nem o seu ovo lhe pertence. E assim, eu, que não quero senão felicidades e glórias a V. Ex.^a e sua Excelentíssima família lembrava-me de uma coisa: — ali os meus vizinhos, seus próximos parentes, visto serem da nobre família dos cães, ao que dizia Cuvier, têm uma filha, a menina Diana, que é a mais rica herdeira destes sítios. Quanto a virtudes... não lhes excedem os anjos...

— E quem são esses parentes? — inquiriu D. Raposa, a esconder o sorriso amarelo.

— São os meus amigos e proprietários do solar do Canil. Ele, o senhor Nero, um respeitável chefe de família. Ela, a senhora D. Ninfa, não destazendo, a melhor das esposas. A menina Diana, uma jóia de rapariga. O rapaz, o Júpiter, em modos e no mais é mesmo uma donzela... Em riquezas, então, não lhes falta nada...

D. Raposa, que viu logo onde mestre Galo queria chegar, atalhou com esperteza:

— Conheço esses parentes. Mas casa-se o meu filho com a sua filha, por ser a pequena a paixão do rapaz. E depois pensaremos em casar uma filha que já tenho, D. Raposinha, com esse moço tão feitioso...

— Dito e feito — concluiu mestre Galo, no gesto de quem lavra a sua sentença: — A minha filha casa com o seu filho. A sua filha casa com o filho dos meus vizinhos. Com uma condição: — os dois casamentos hão-de realizar-se na mesma noite.

D. Raposa, lendo claro no pensamento de mestre Galo, esteve para dizer que não. Hum. O finório queria que os cães do canil, o senhor Nero, a senhora D. Ninfa, assistissem à boda, voltando-se então o feitico contra o feiticeiro. Em vez de ser D. Raposa a comer, seria D. Raposa a comida. Esteve para dizer que não. Mas de súbito, arteira e capaz de inventar a polvora, descobrindo uma habilidade a pôr em prática contra as manhas de mestre Galo, bateu com a pata na testa, como aquele sábio grego, de nome Arquimedes, que disse — achei! — e respondeu satisfeita:

— Aceito. Casamo-los na mesma noite. Concertaram a data das bodas. E mestre Galo, a pedido de D. Raposa, prestou-se a falar ao senhor Nero, em nome dela, no casamento do Júpiter com D. Raposinha: — a qual D. Raposinha entraria no casal com um dote de princesa.

V

D. Galinha-Mãe, muito alegre por ir ter uma filha rica como nenhuma outra da sua raça, entrou logo a fazer o enxoval para a noiva, ajudada pelas irmãs, pelas filhas, pelas sobrinhas: — camisas e vestidos de penas, chapéus doirados de quatro bicos, chapeusinhos rubros de coral, um veio da penugem dos pintainhos brancos, uma grinalda de flor de alface, por não lhe estar à mão a flor de laranjeira, e outras peças e adornos de tecidos e materiais semelhantes.

Mestre Galo, por sua vez, foi-se entender com os cães do canil. O senhor Nero a bater a cauda de satisfeito, rosnou-lhe que sim: — fingia-se que consentiam no casamento do filho, o Júpiter, com a filha de D. Raposa. E na noite da boda é que era apanhados desprevidos e aplicar-lhes uma tarefa mestra. D. Ninfa, essa, arreganhando os dentes, jurava aos seus antepassados que havia de cortar uma orelha a cada um daqueles atrevidíssimos marotos.

A ninguém disse as suas intenções D. Raposa ao aceitar o casamento de D. Raposinho com a menina Franga, para a mesma noite em que se fizesse o casamento de D. Raposinha com o moço Júpiter.

O que se sabe, é que partiu da capoeira em direcção à serra, a um ponto elevado em que havia um castelo que parecia construído sobre as nuvens. Que bateu à porta do castelo, onde viviam os seus senhores, os Lobos mais ferozes desses reinos. Ninguém sabe também o que D. Raposa combinou na conferência da Serra com os senhores Lobos, ou o que lhes prometeu em tributos e presentes.

Só se sabe a mais, e ao certo, que os senhores Lobos, despedindo-se de D. Raposa na ponte levadiça do castelo, piscavam o olho fosforescente e rosnavam por entre os dentes:

— Vá descansada, vizinha. É só prevenir-nos de véspera.

Chega a noite das bodas, uma noite de luar, tão linda que nem o mais lindo dia de sol.

Noivas e convidados está tudo a postos, e tudo vai seguir a caminho do solar e capela da família dos Raposos.

A frente D. Raposinho, de casaca e chapéu alto dando o braço à mãe da noiva, D. Galinha-Mãe, mais feliz do que se fosse ela a casar. Atrás D. Raposinha, pelo braço do senhor Nero, ambos vestidos a primor nos costureiros da moda. Depois D. Raposa com um dos convidados, um sujeito espadado a fingir de velho, a esconder o focinho debaixo do chapéu alto, que D. Raposa apresentou como seu avô gigante, irmão de mais três gigantes, todos derreados e a coxear de velhos, dois deles apoiados a muletas, todos incorporados no cortêjo.

Deve dizer-se aqui, entre parêntesis, que mestre Galo não simpatizou com estes parentes de D. Raposa. E que, por isso, ao vê-los aparecer para as bodas se queixou duma bronquite crónica agravada, resolvendo ficar na capoeira.

E atrás dos noivos, e dos pais dos noivos, pois D. Raposa dava o braço a D. Ninfa, e dos tais gigantes de muletas, seguiram Galinhas e Frangos, os Patos e os Perus, estes mais enfatuados do que nunca, e tudo trajando a preceito.

Lá vão pela estrada na subida da serra. Mas mestre Galo começa a sentir remorsos de ter ficado na capoeira e resolve marchar na rectaguarda do cortêjo, embuçado num capote de mendigo, para o que desse e viesse.

A este tempo, o senhor Nero, pretextando dor num calo, por efeito dos sapatos novos de verniz, larga D. Raposinha, chama a conselho a esposa, D. Ninfa, e segreda-lhe ao ouvido:

— Olha lá. Tu já reparaste numa coisa?

— Em quê?

— Nos parentes gigantes da D. Raposa?

— Pelo faro hei-de dizer...

— Que são lobos?

— Isso mesmo.

— Pois são! — afirma o senhor Nero, de pêlo ericado e queixo a tremer. — São lobos disfarçados. E vieram com D. Raposa por nossa causa. Estamos perdidos, mulher!

Mais animosa do que o marido, que nas horas de perigo grande é mais pronto do que o masculino o ânimo feminino, D. Ninfa lembra um expediente. Um dêles, êle ou ela, corre ao curral dos seus amos, traz um cordeiro dos melhores, e vai pô-lo lá em cima, ao pé do castelo. Os lobos arremetem contra o cordeiro, mal o ouvem o bicho a balar. E nessa ocasião... é que o salvarem-se será possível, com os queridos filhos trazidos ao engano.

A D. Raposa desconfia da conversa entre os dois. E então faz aos senhores Lobos certo sinal combinado na conferência do castelo.

A tragédia que se desenrolou nessa altura, a batalha, o sangue, os gritos em que se transformou o vistoso cortêjo, não cabem nesta história ligeira.

Assim, direi apenas que os Lobos caíram sobre os Cães, enquanto as Raposas se lançavam sobre as Galinhas. Que os Lobos, mortos os Cães, trataram de exterminar as Raposas, por quererem só para elas, contra o que ficara assinado no convênio da serra, os despojos da vitória — Perus, Patos, e restantes membros da comitiva. E que, se D. Galinha-Mãe escapou da chacina, foi por ter podido desviar-se do campo da luta na confusão do assalto, encontrando a protecção providencial do capote esfarrapado do marido — o sábio, o previdente mestre Galo, mestre Galo, o «Espertalhão».

De madrugada, já na capoeira, a infeliz mãe



O Castelo dos Senhores Lobos

chorava ainda a triste sorte da família. O seu pranto corria abundante, principalmente pela filha mais velha, o maior amor do seu coração. Mestre Galo bateu as asas no poleiro, para ajudar à missa cantada do alvorecer.

— *Cô-que-ri-cô! Cã-que-rã-cã!* — cantavam os galos, os de perto e os de longe, celebrando a missa de todas as manhãs.

Mas o cantar do mestre Galo, o «Espertalhão», mais amargo do que um choro de condenados, parecia lembrar à esposa:

— Agora choras, mulher! E quem te perdeu, afinal? A ambição — minha querida! Quem tudo quer tudo perde!

PARA A NOITE DE NATAL

Natal! Ao anunciado da palavra evocativa de ternuras suavíssimas e alegrias puras, despertam, fulhantes de entusiasmo, os projectos festivos.

No lar, com a aproximação da quadra comemorativa dos afectos dulcíssimos, entra uma rajada de alegre movimentação. Pensa-se na ceia alegre que reunirá a família, confundindo, em volta da mesa, as cabeças das avós, melancólicas, mas sorridentes, e curvadas ao péso da neve dos invernos, com as frentes traquinas, aureoladas de anéis dourados e esperanças luminosas dos netos acorridos a comungarem no altar do mais santo amor. E pensa-se ainda nos mil folguedos e surpresas a preparar para a mocidade emocionada, para a curiosidade impaciente dos pequeninos, que levaram o ano inteiro a congelemos no que lhes trará o doce Jesus, este ano, ao descer, mais uma vez, às suas fareiras povoadas de sapatinhos cubicosos.

A ceia do Natal é a mais encantadora das reuniões familiares; mas é também a festa da mesa, e por isso se compreende que procuraremos apresentá-la ornamentada senão com magnificência, pelo menos, com arte e gosto.

E como sempre se procura marcar uma nota de originalidade em decoração desta natureza, apresentamos hoje algumas ideias para a ornamentação de mesas destinadas à ceia do Natal, ou à acomodação dos brindes que nessa quadra feliz é do uso ofertar.

A mesa da ceia, por exemplo, será elegantemente disposta colocando-se ao centro, sobre a toalha fina, rendilhada com *ajours*, um nappion, também bordado servindo de base a uma floreira artística transbordando de ramos de *gui*, — a planta do Natal — entre-meando com frutos da estação.

Com um pouco mais de fantasia, porém, substituir-se há a floreira pela decoração representada na primeira gravura, dum gosto chinês muito acentuado e de incontestável originalidade. Esta ornamentação consiste num centro de metal ou madeira envernizada, simulando um pórtico de pagode, do qual pende uma lanterna de seda em cujo



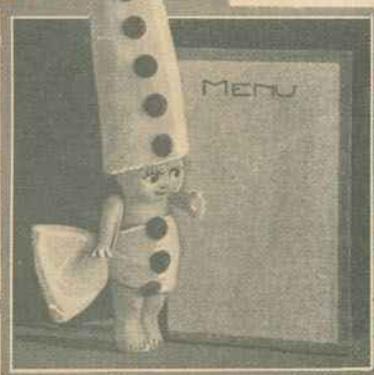
surpresa impressionante por inesperada.

A terceira gravura mostra uma graciosa colocação em estrela, de três largas fitas de cores diferentes.

No centro da estrela ergue-se uma simbólica figura do Velho Natal vestido a rigor, segurando numa das mãos um ramo de *gui*, e na outra seis fitas multicores que vão prender em pacotes de bombons, ou brinquedos, devidamente enlaçarotados.

A última gravura, menos ori-

interior se colocou hábilmente uma lâmpada eléctrica. Dos lados deste pórtico, colocam-se duas floreiras de prata, cristal ou porcelana, donde emergem alguns garridos crisântemos. Para complemento da inesperada decoração, podemos confirmar uns originais — *menus* — como vemos na segunda gravura, quer modelando-os em gesso, quer confeccionando-os com tecidos de algodão, quer ainda adaptando para o eleito uns pequeninos bonecos de celulóide. Tratando-se de combinar os



ginal, mas também graciosa, apresenta sobre a mesa um espelho servindo de fundo a uma pequena árvore de Natal emergente dum *cache-pot*, em cujos ramos se pensaram brinquedos simulando aves e animais domésticos. Em volta da minúscula árvore, colocam-se os brinquedos, caixas de bombons, e demais presentes que os pequeninos acolherão tomados de encantamento grandioso, e alma alvorotada de felicidade, como se para eles, nesse momento, resplandesse a ventura eterna.

As três ideias alvitradas, simples resumo do que poderemos imaginar para a decoração original e interessante das mesas festivas, revelam-nos largos horizontes de fantasia inesplorada, que a nossa inteligência, assistida pelo bom gosto e pelo sentimento estético, pode ampliar ainda muito para além.

De resto, a dona de casa, para quem o culto da arte no lar sobreleva toda a rebeldia do comodismo rotineiro, gosta de imprimir à sua volta uma nota da personalidade marcada pelo seu espírito. Ela saberá encontrar ideias inéditas, improvisar disposições inesperadas, e assim, guiada pela sua intuição artística, apresentará no dia de Natal mesas encantadoramente decoradas sem carecer de compulsar tratados de estética, nem pedir conselho à imaginação alheia.

menús, com a decoração central em estilo chinês, seria interessante substituir o barrete do *pierrot* por uma *coiffure* chinesa, com o competente *rabicho*. É claro que o rectângulo onde serão enumeradas as iguarias, compor-se há dum cartão tarjado a vivo.

Passemos agora à ornamentação das mesas onde se diaporão os presentes destinados às crianças, mesas que poderemos colocar junto da chaminé, ou à cabeceira dos pequenitos para lhes preparar uma

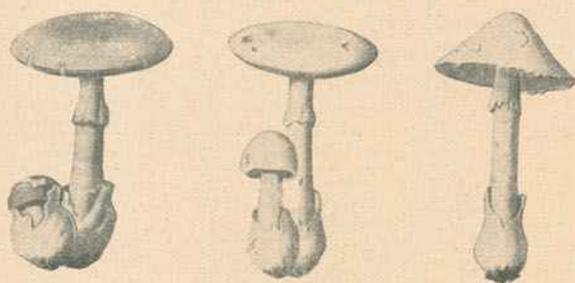


OS COGUMELLOS

De vez em quando aparece nos jornais notícia de um envenenamento pelos cogumelos. Não é, geralmente, o caso de os ter colhido pessoa novata na matéria. Trata-se quasi sempre de

regra, mortal, consideram-se várias espécies, não estando de acôrdo os autores quanto a algumas de ellas. Todos, porém attribuem essa acção letifera aos seguintes: «*Amanita phalloides*», «*Amanita verna*» e «*Amanita virosa*».

estes prudentes conselhos, ao menos proceda a um «escaldão» dos cogumelos antes de os cozinhar, mergulhando-os por três ou quatro minutos em água a ferver. Esta água deita-se fora, claro é, e os cogumelos passam-se para água fria.



Cogumelos cuja ingestão occasiona quasi sempre accidentes mortais. Respectivamente *Amanita phalloides*, *Amanita verna*, *Amanita virosa*

individuo experimentado, que há largos anos empregava na sua alimentação cogumelos que elle próprio escolhia e que nunca se tinha enganado, até então, tomando cogumelos venenosos por comestiveis.

A razão de isto é que os caracteres que mais ferem a vista naquella planta rudimentar variam muito, conforme é mais ou menos soalhado, húmido e resistente o terreno em que se criam, e ainda segundo outras circunstâncias. É, pois, possível a confusão, mesmo para as pessoas mais experimentadas, quando ellas não tenham conhecimentos botânicos particulares que lhes permitam fazer a classificação das espécies.

Sob o ponto de vista da sua acção sobre o nosso organismo, são concordes os peritos em formar três grupos de cogumelos. Pertencem ao primeiro grupo aqueles cuja ingestão produz accidentes quasi sempre mortais; ao segundo os que occasionam accidentes muito graves, mas poucas vezes seguidos de morte; ao terceiro os que causam accidentes de gastro-enterite, mu-

de uma violenta indigestão. Mas esses sintomas desaparecem, em regra, passadas 48 horas. Algumas espécies só dão lugar a intoxicações

Por este processo, não é provável que lhes tragam perigo de indigestão os cogumelos do terceiro grupo. Já não é assim quanto aos outros, principalmente aqueles em que existe falina. Mas, mesmo para com estes, afirma-se que a toxicidade do veneno fica atenuada.

Quanto a tratamento de pessoa que apresente sinais de envenenamento, há, como primeira indicação, a evacuação de substâncias tóxicas que ainda possam existir no estômago e que, sendo absorvidas, irão somar o seu efeito nocivo ao das que deram origem aos primeiros sintomas observados. Alguns cogumelos exercem, elles próprios, acção vomitiva, e assim, sendo na verdade, tóxicos, podem prestar-nos o grande beneficio de promover a expulsão de



Cogumelos cuja ingestão causa graves accidentes, mas raramente seguidos de morte

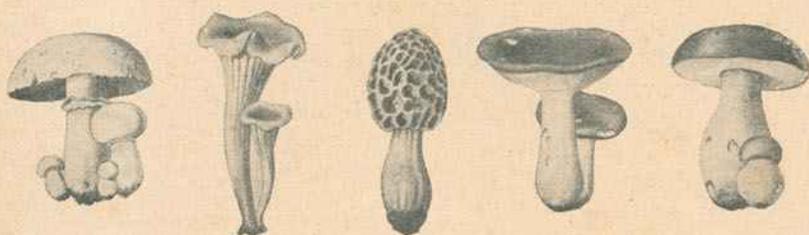
quando consumidos tempos depois de colhidos. Quando frescos, não produzem qualquer perturbação.

Não se sendo botânico especializado em micólogo, creio que se não deve correr o risco de

outros cogumelos mais tóxicos que tenham sido ingeridos conjuntamente.

A intoxicação pelos cogumelos em que existe a falina, seja esta substância ou não a razão principal da sua toxicidade, põe-nos, portanto, em maior perigo quando elles são ingeridos sem mistura de outros cogumelos, também venenosos, mas exercendo no tubo digestivo perturbações violentas e rápidas. Com a ingestão destes últimos, essas perturbações gastro-intestinais apparecem uma ou duas horas depois da refeição, e o doente manifesta rapidamente sintomas alarmantes em que a própria intelligência e a memória são atingidas. Com a dos primeiros as perturbações digestivas só se manifestam 10 ou 12 horas depois da refeição, a tempo em que lesões graves de outros órgãos já se estabeleceram.

Tantos perigos de sofrimentos que podem terminar com a morte não deverão levar toda a gente a defender-se da gulodice dos cogumelos?



Algumas espécies de cogumelos comestiveis

tas vezes com sintomas alarmantes de começo, mas de pouca duração.

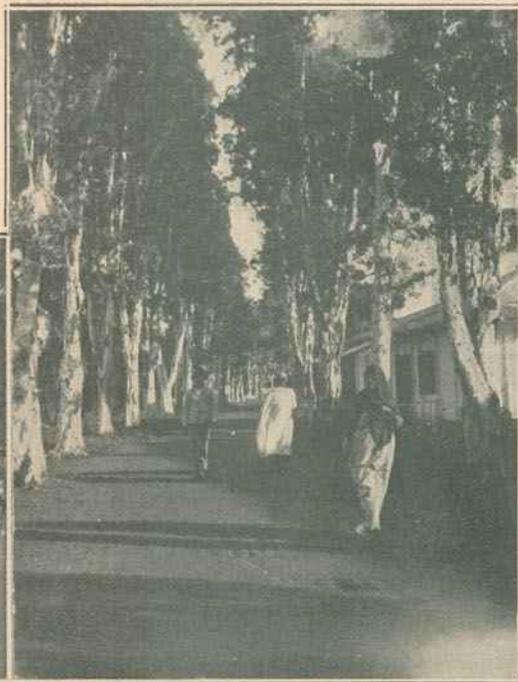
O veneno que principalmente actua nos cogumelos classificados no primeiro grupo é a falina; nos do segundo grupo destaca-se a muscarina. Desses cogumelos cuja absorção é, em

comer cogumelos, por mais affiançada de conhecimentos empiricos na matéria seja a pessoa que os colha. Não comamos, pois, cogumelos, a não ser os cultivados em horta, nascidos, portanto, de esporos cuja espécie é bem conhecida. Mas se houver gente teimosa que não aceite

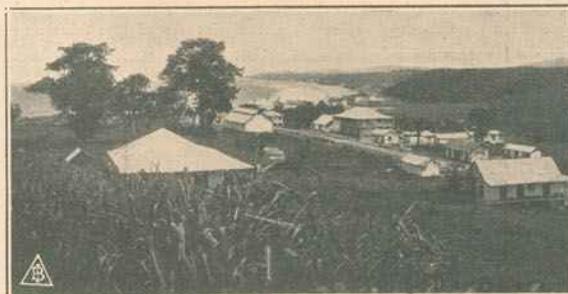
AS NOSSAS COLÓ- NIAS DE ÁFRICA



CABINDA — UM BATUQUE. DIVERTIMENTO PREDILECTO DO INDÍGENA



CABINDA — AVENIDA MARGINAL



CONGO PORTUGUÊS — POVOAÇÃO DE LANDANA



CONGO PORTUGUÊS — PRAIA DO CHILOANGO



CABINDA — ESCOLA OFICIAL

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 23)**Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

O que é certo é que o padre, ao voltar-se para trás, viu uma expressão de gratidão e êxtase divinos que pareciam a luz da cidade celesste a dar no rosto enrugado e pálido da velha senhora.

Terceiro exemplo, ainda. Depois de se despedir da mais idosa das suas paroquianas, encontrou a mais nova de todas. Era uma donzela recentemente convencida — e convencida pelo próprio sermão do sr. Dimmesdale, no domingo que se seguiu à sua vigília — a trocar os prazeres transitórios do mundo pela esperança do Céu, a qual tanto mais brilharia quanto mais a vida fôsse escurecendo em torno dela, e que douraria a escuridão completa com a glória final. Era bela e pura como um lírio nascido no Paraíso. Bem sabia o padre que elle mesmo tinha um altar na immaculada santidade daquele coração, que cercava de seus cortinados de neve a imagem d'elle, dando à religião o calor do amor, e ao amor a pureza da devoção. Satanás, certamente, tinha nessa tarde arredado a pobre menina de ao pé da mãe, atirando-a para o caminho d'êste homem tão tentado, ou — não deveremos antes dizer? — d'êste homem perdido e em desespero. Ao aproximar-se dela o padre, segredou-lhe o demónio que condensasse em pequeno volume, e lhe lançasse no coração tenro, um germen de pecado, que certamente cedo daria a sua flor negra, e não tardaria a dar também seu negro fruto. Tão grande sabia o padre que era o seu poder sobre aquella alma virginal que tanto nelle confiava, que se sentiu com forças para lhe crestar todo o campo da inocência com um só olhar pecaminoso, e com uma só palavra fazer nelle surgir o seu contrário. Por isso — num combate contra si mais violento que qualquer dos outros — ergueu a capa de Genebra à altura do rosto e seguiu para diante, à pressa, sem dar mostra de que a reconhecera, e deixando a pobre menina a pensar o que quisesse da sua descortesia. Interrogou a donzela a sua consciência — que estava cheia de miudezas inofensivas, como a sua algebeira, ou o seu cêsto de costura — e censurou a si própria, coitadinha, mil culpas imaginárias; e foi com olhos inchados de chorar que na manhã seguinte se occupou dos seus pequenos deveres caseiros.

Antes que o padre tivesse tido tempo de celebrar a sua vitória sobre esta última tentação, tomou consciência de outro impulso, mais có-

mico, e quasi igualmente horrível. Era — coramos de referi-lo — era o de parar de repente na rua e ensinar algumas palavras muito feias a um grupo de criancinhas puritanas que ali estavam brincando, e que ainda mal falavam. Compelindo-se a não ceder a esta extravagância, por indigna do seu cargo, encontrou um marinheiro embriagado, tripulante do navio que viera do Mar de Espanha. E agora, já que tão valorosamente se havia abtido de ceder às outras tentações, o pobre sr. Dimmesdale ansiou por ir ao menos apertar a mão a êsse bandido alcatroado, e deleitar-se com alguns ditos obscenos, como os que são vulgares na bôca dos marítimos, e com uma tirada de juras e pragas redondas, sólidas, consoladoras e blasfemas! Não foi tanto a força dos princípios como o seu natural bom gosto e a vista do decoroso traje eclesiástico, que o levaram a salvamento nesta nova crise.

— Que é isto que assim me possui e me tenta? — exclamou por fim o padre para si mesmo, parando no meio da rua e batendo com a mão na testa. — Estou doido? ou estou inteiramente entregue ao demónio? Fiz eu pacto com elle na floresta e o assinei com meu sangue? E está-me elle agora chamando a cumpri-lo, impelindo-me a cometer quantas maldades a sua pior imaginação pode conceber?

Consta que, no instante em que o reverendo sr. Dimmesdale assim falava de si para si, e batia com a mão na testa, ia a passar a velha senhora Hibbins, a que era tida por bruxa. Vinha com aspecto muito imponente, pois trazia um toucado alto, um rico vestido de veludo, e uma gola preparada com a célebre goma amarelada, de que Ann Turner, sua íntima amiga, lhe tinha ensinado o segredo antes de esta excelente senhora ser enforcada por motivo da morte de Sir Thomas Overbury. Quer a bruxa tivesse lido ou não os pensamentos do padre, o certo é que parou, olhou-lhe para o rosto com finura, sorriu-se manhosamente, e — ainda que pouco dada a conversar com padres — travou conversa.

— Então, reverendo senhor, fizestes uma visita à floresta — observou a senhora bruxa, meneando para elle o toucado. — Para a outra vez, peço-vos que me deis noticia prévia, pois que terei orgulho em vos fazer companhia. Não quero prometer demais, mas certo é que uma boa palavra minha concorrerá bastante para que

qualquer senhor estranho seja ali bem acolhido por aquele potentado que sabeis.

— Declaro, senhora — respondeu o padre com grave cumprimento, que a posição da dama exigia, e a sua própria educação tornava imperativo — declaro, em minha consciência e qualidade, que nada compreendo no tocante ao sentido de vossas palavras! Não fui à floresta visitar nenhum potentado, nem tenciono, em qualquer occasião futura, ali voltar com o fito de obter o favor de um tal personagem. O único fim de minha viagem foi saldar aquele meu piedoso amigo, o apóstolo Eliot, e com elle me regozijar do grande número de preciosas almas que elle tem convertido à fé!

— Ha, ha, ha! — cacarejou a senhora bruxa, continuando a menear o toucado para o padre. — Bem, bem! Assim temos que falar de dia! ; Vos bem sabeis fazer as cousas! ; Mas à meia noite, e na floresta, de outro modo conversaremos!

E passou adiante com a sua imponente senil; mas de vez em quando voltava a cabeça e sorria-se para elle, como quem de bom grado reconhecia uma secreta intimidade por comuns intentos.

— ; Ter-me hei então vendido — pensou o padre — ao demónio, que, se dizem verdade, esta megera escolheu para seu dono e senhor?

Desventurado sacerdote! ; Tinha feito um ajuste muito semelhante a êsse. Tentado por um sonho de felicidade, havia cedido premeditadamente, como ainda até ali não fizera, ao que sabia ser pecado mortal. E o veneno infecioso d'êsse pecado já tinha percorrido, com a rapidez que observámos, o seu organismo moral. Tinha-lhe adormecido todos os bons impulsos e acordado para uma vida intensa toda a comunidade dos maus. O desdém, o azedume, a má vontade sem provocação, o desejo gratuito do mal, a irrisão de tudo que era bom e santo, tudo isto acordou para tentá-lo, ao mesmo tempo que o apavorava. E o seu encontro com a velha senhora Hibbins, se realmente se dera, não fazia senão mostrar a sua simpatia e semelhança com os mortais perdidos, e com o mundo dos espíritos maus.

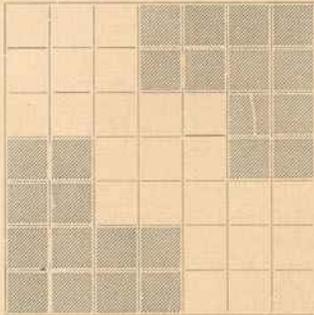
Nesta altura, já o padre tinha chegado a sua casa, à beira do cemitério. Correndo pela escada acima, foi refugiar-se no seu gabinete.

(Continua.)

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



M	I	I	L						
L	V	O	O	O					
O	R	P	P	A					
A	A	Z	Z	T					
T	E	E	C	C					

Definições:

Pouco esperto. — Uma parte do ar atmosférico. — Tranquilidade. — Contração nervosa. — Dez vezes cem. — Nome de homem. — Repetição de som.

• • •



Leonilde (com tristeza): — Eu julgava que ia tudo tão bem, mas agora, justamente, ele ofereceu-me do presente vinte caixas de papel de cartas com as minhas iniciais!

AS OITO CARTAS

(Passatempo)



Tiramos de um baralho de cartas os 4 reis e as 4 damas ou sejam oito cartas representando 16 cabeças.

Pedimos apenas aos nossos leitores para colocarem estas 8 cartas de tal maneira que tôdas elas se vejam mas que não apareçam senão oito cabeças. Acrescentamos, para facilitar a execução d'êste problema: 1.º — que deve aparecer metade de cada carta; 2.º — que as cartas, depois de dispostas no seu lugar, deverão apresentar a forma de um quadrado perfeito.

• • •

— Olha lá, já te esqueceste daquele dinheiro que me deves?
 — Não esqueci, não. A prova é que me queria meter por aquela porta de escada dentro quando te vi, não reparaste?

• • •

PORQUE CORRERIA ÊLE?

O Pacomio: — Uma noite, enquanto estiveste fora, minha querida, senti um ladrão dentro de

OS DOIS CORDÕES

(Solução)



Pela gravura se vê como se haviam de enlaçar os cordões, tornando-os inseparáveis.

casa. Havia de ter visto como eu corri por essas escadas abaixo, aos três e quatro degraus, de cada vez.

A mulher: — Ah! Então ele estava no telhado?

• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do n.º 23)

E	M	E	L		P		P	I	
L	U	I	Z	A		A		A	L
						I		R	
	J	A						A	Z
	A	R				R	I	A	E
	V	J				E	R	I	N
	A	O				I	A	S	A
	I	L	S					I	R
	L	I	O	Z		D	O	M	D
						O	R	A	A
						C	A	M	A
						R	A	R	A
						S			



Nesta sala de baile podem vêr-se mais cinco genits convidadas. Procurem-as bem.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM NOVEMBRO DE 1926

LITERATURA

ANDEL (HENRI) — *Diário duma mãe*. (Romance). Trad. da 2.^a ed. por Oldemiro Cesar. — 232 p. 8.^o — 10\$00.
 BALSEMÃO (JAIME DE) — *Endymius e Sélencia*. (Contos). — 191 p. 8.^o — 12\$00.
 BARBOSA GONÇALVES (LUIS) — *A Expulsão dos Vendilhões*. (Versos). — 81 p. 8.^o c. capa II. — 5\$00.
 BLANCO (MERCEDES) — *Esta vida...* (Crónicas). — 128 p. 8.^o — 8\$00.
 CABRAL DO NASCIMENTO (JOÃO) — *Descaminho*. (Versos). — 63 p. 8.^o c. grav. — 5\$00.
 CAINE (HALL) — *O Filho prodígo*. (Romance). Trad. de J. J. Leite. com prefácio de Maria Amália Vaz de Carvalho. — XV, 577 p. 8.^o c. capa II. — 12\$00.
 CAMARA (JAIME) — *Estela*. (Versos). — 201, III p. 8.^o
 CAMÕES (LUIS DE) — *Os Lusíadas de...* anotados e parafraseados por Campos Monteiro. (Para uso das escolas). 2.^a ed. — 675 p. 8.^o — 20\$00.
 CAMPOS (A GOSTINHO DE) — *A Difícil arte de ser rico*. (Alcunção). — 28 p. 8.^o
 CORREIA DA COSTA — *O Esplendor das coisas*. (Crónicas). — 423 p. 8.^o — 12\$00.
 DICKENS (CARLOS) — *Para o abismo*. Trad. de Câmara Lima. 2.^a ed. — 206 p. 8.^o — 7\$00.
 DINIZ (VÍLIO) — *As Pupilas do senhor reitor*. (Crónica da aldeia). Edição ilustrada, com prefácio de Albino Forjaz de Sampaio. — 312 p. 8.^o c. capa II. — 6\$00.
 FAZENDA (PEDRO) — *A Trilogia da alma portuguesa*. Hereticidade, amor, saúde. Conferência. — 31 p. 8.^o — 5\$00.
 FELIX (ADELAIDE) — *Personae*. (Novelas). — 117 p. 8.^o — 5\$00.
 FERREIRA LIMA (HENRIQUE DE CAMPOS) — *Garrett e a Academia*. — 77 p. 8.^o
 FERREIRA (RINALDO) — *Cinco mil francos por mês*. (Novela). — 96 p. 8.^o c. capa II. — 3\$00.
 GRAVE (JOÃO) — *S. Frei Gil de Santarém*, o homem do Diabo e de Deus. 2.^a ed. — 311 p. 8.^o — 7\$00.
 GUEDES TEIXEIRA (F. AUSTO) — *Mocidade perdida*. (Versos). 2.^a ed. — 79 p. 8.^o — 8\$00.
 GUERRA JUNQUEIRO — *A Velhice do Padre Eterno*. Edição ilustrada por Leal da Câmara. — 266 p. 8.^o — 10\$00.
 INVERNIZO (CAROLINA) — *A Ressurreição dum anjo*. (Romance). — 163 p. 8.^o c. capa II. — 4\$00.
 JARDIM ABANHA (AURORA) — *Farrapos da vida viva*. (Novelas). — 237 p. 8.^o c. grav. e o retr. da A. — 10\$00
 LETTE DE VASCONCELOS (DR. J.) — *Lições de filologia portuguesa*. 2.^a ed. — 302 p. 8.^o — 30\$00.
 LE MIERE (MARIE) — *Sobre a areia*. (Romance). — 340 p. 8.^o — 10\$00.
 LONO (ALCÁCIO) — *Vocabulário comerciais e industriais*. I — Português-francês. — 66 p. 8.^o
 LUIZ (PEPE) — *Do Estranho*. Impressões timomáquicas. — 216 p. 8.^o c. grav. — 2\$00.
 LUIZ (PEPE) — *Canção nunca existiu*. Crítica — impressões — notas — comentários. — 111 p. 8.^o c. grav. — 5\$00.
 MALA ALGOFORADO — *Paulha Doirada*. (Crónicas). — 117 p. 8.^o — 5\$00.
 MARDEN (ORISON SWEET) — *O Caminho da Felicidade*. Trad. de Manuel José Rodrigues. — 208 p. 8.^o — 6\$00.
 MARYAN (M.) — *O Segredo do marido*. Trad. de Feliçela Espanca Lare. — 206 p. 8.^o — 10\$00.
 MOLIERE — *O Médico à força*. Comédia em 3 actos — Jorge Banaína. Comédia em 3 actos. Trad. revista por Guedes de Oliveira. — 180 p. 8.^o c. capa II. — 5\$00.
 NORONHA (EDUARDO DE) — *As mulheres de Pernambuco*. Aficções da guerra sertaneja com os holandeses. Continuação do «*Com os olhos na pátria*». — 309 p. 8.^o — 10\$00.
 OSÓRIO DE OLIVEIRA (JOSE) — *Literatura brasileira*. Carta-prefácio de Carlos Malheiro Dias. — 77 p. 8.^o — 5\$00.
 PONTO DA CRUZ (V. NO) — *Esboços*. (Crónicas). — 62 p. 8.^o c. capa II. — 5\$00.
 REIS (MÁRIO) — *Elogio do novo rico*. — 119 p. 8.^o — 7\$00.
 ROBERTO (MANOEL) — *A Revolta dos anjos*. Crónica umbriana. — 300 p. 8.^o c. capa II. — 10\$00.
 RIO (JOÃO DO) — *Eva*. Peça em três actos. 2.^a ed. — 154 p. 8.^o — 7\$00.
 RODRIGUES (CAPT. ADRIANO) — *Aristotol!* — 52 p. 8.^o
 SHAKESPEARE — *Mercador de Venéza*. 2.^a ed., revista por João Grave. — 148 p. 8.^o — 5\$00.
 SHAKESPEARE — *A Tempestade*. 2.^a ed., revista por João Grave. — 148 p. 8.^o — 5\$00.
 VAZ FERREIRA — *Solteiras*. (Romance) (Os três estados—1). — 210 p. 8.^o — 10\$00.
 ZIZARETE DE MENDONÇA (VILHO) — *Do meu amor*. (Versos). 3.^a ed. — 119 p. 8.^o

CIÊNCIAS E ARTES

ALMEIDA LIMA (J. M.) — *Curso de física geral*. Tomo III — Óptica geométrica. — Fascículo II — Diópica. — 143 p. 8.^o
 ANTUNES (JOÃO) — *da Psicologia experimental*. (Notas de propedéutica filosófica). 3.^a ed. — 116 p. 8.^o — 4\$00.
 BARBOSA (ANTONIO) — *Elementos de cosmografia*. Elementos astronómicos e náuticos — a sua história, descrição e uso. — 111 p. 8.^o
 CAMPOS (FRANQUEL DE) — *O Problema da electricidade para a região atlântica de Portugal*. (3.^o congresso de electricidade). — 59 p. 8.^o
 CAMPOS MONTEIRO — *O Médico-peçonha*. Análise da diátripe antipeçonhica «A Água — Venenos». — 130 p. 8.^o — 5\$00.
 FOREST (DR. F. A.) — *O Segredo da saúde*. — 618 p. 8.^o — 25\$00.
 GAGO COUTINHO — *Ventania de interpretação simples da «teoria da relatividade restrita»*. — 87 p. 8.^o
 GUEDES DE ANDRADE (EUGENIO) — *Album de construções apícolas*. — 99 p. 3.^o — 50\$00.
 HASSE DA COSTA (GUILHERME JOSÉ) — *Subsídio para a organização de uma escrituração agrícola*. — 120 p. 8.^o — 15\$00.
 HERNANDES (COULON) — *Espiritismo*. Uma experiência pessoal e um aviso. Trad. de Kurico de Figueiredo. — 61 p. 8.^o — 2\$00.
 NEWTON DE MACEDO — *Introdução à filosofia*. Seu significado e valor. — 165 p. 8.^o — 10\$00.
 PINES (ANTONIO MANOEL) — *O Ar atmosférico*. Algumas noções experimentais. — 47 p. 8.^o
 QUINTANILHA (A.) — *O Problema das plantas carissoras*. Estudo citofisiológico da digestão no «*Adrosophyllum lositanicum*». — 88 p. 8.^o c. e. est.

HISTORIA E GEOGRAFIA

CONTO (MONSENHOR GUSTAVO) — *A obra dos capitães e missionários portugueses nas terras do ultramar*. — 135 p. 8.^o — 10\$00.
 CUNHA GONÇALVES (DR. LUIS DA) — *Episódio duma tragédia*. Uma carta de Fernão da Silveira a D. João II. — 8 p.
 DOMINGUES ANDRÉ (JOÃO), abade de Cucujães — *Estudos regionais*. — 35 p. 8.^o
 FALCÃO (VITOR) — *Notas de Paris*. — 149 p. 8.^o — 6\$00.
 FERREIRA (JOÃO MARIA) — *Crónicas e notas de viagem*. — 175 p. 8.^o
 FIGUEIREDO DA GUERRA (LUIS DE) — *Castelos do Distrito de Viana*. — 41 p. 8.^o
 FONZES DE SAMPAIO (ALBINO), organizador. — *A Batalha*. Notícia, descrição e gravuras. — 16 p. 8.^o — 2\$00.
 FREIRE (JOÃO PAULO) — *Os Margalhos da censura*. Conferência. — 16 p. — 5\$00.
 GÓIS (DAMIÃO DE) — *Crónica do felicíssimo rei D. Manuel*. Nova ed., conforme a primeira, anotada e prefaciada. Dividida por J. M. Teixeira de Carvalho e David Lopes. — 4 vol. 4.^o — 80\$00.
 GUSMÃO NAVARRO (ALBERTO DE) — *Tombo histórico geológico de Portugal*. Vol. III, fase I. — 32 p. — 12\$50.
 GROVER DE AZEVEDO (SERRAVALLE) — *Os militares e a politica*. — 127 p. 8.^o
 MARIANES (PADRE-MESTRE INACIO) — *Relação da embaixada do Padre-mestre Inácio Mascarenhas à Catalunha em 1642*. Reimpressa da 1.^a edição de 1917 com introdução por Edgar Prestage. — 35 p. 8.^o
 MORAN BARROS (P. CESAR) — *Prehistoria de Salamanca*. — 52 p. 8.^o c. est.
 MURIAS (MANUEL). — *A Política de África de el-rei D. Sebastião*. — 79 p. 8.^o — 5\$00.
 SOARES GUIMARÃES (J. DE) — *Lógica integralista*. (Tríplica a um professor sobre o patriotismo duma ralhã). — 78 p. 8.^o — 50\$00.

RELIGIÕES

SALLES (S. FRANCISCO DE) — *Introdução à vida devota*. Nova ed. — 60 p. 8.^o

BIBLIOGRAFIA

AIRES DE MAGALHÃES SEPÚLVEDA (CRISTÓVÃO) — *Dicionário bibliográfico da guerra peninsular*. Vol. II-F. -O. 427 p. 8.^o

BOLETIM bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Vol. VII (1923-1925) — 289 p. 8.^o

CIÊNCIAS CIVIS

GRAVES (LUIS) — *A Direcção Territorial portuguesa* (Plano de reorganização integral). — 60 p. 4.^o — 4\$00.
 RIBEIRO ALVES JUNIOR (JOSE) — *A Casa de Tolerância como agente desmoralizador*. (1.^o congresso nacional abolicionista). — 32 p. 8.^o — 3\$00.
 ULTRA MACHADO (JORGE PAES TELES DE) — *Acórdãos e anotações ao Código do processo comercial*. — 411 p. 8.^o — 35\$00.

POLIGRAFIA

ALMANAQUE dos palcos e salas para 1928. — 111 p. 8.^o II. — 6\$00.
 ALMANAQUE Lusitano. — 1927. III p. 8.^o

REVISTAS

Entre as revistas que especialmente se consagram, entre nós, à vida colonial, merece saliência a *Gazeta das Colónias*, cujos fascículos contêm sempre artigos subscritos por verdadeiras competências na matéria. Quem quiser andar em conta com os mais importantes problemas concernentes à administração dos domínios portugueses no Ultramar, não deve abster-se de seguir com assiduidade o texto, a um tempo divulgador e critico e sempre nortado pelo mais alto patriotismo, desta publicação, cujas páginas redobram de interesse pelo grande número de gravuras que as ornamentam em todos os fascículos.

A propósito de Revistas, devemos também registar as seguintes: *Dionysos*, que entrou na 3.^a série e, sob a direcção competentíssima do dr. Araújo de Lacerda, congrega nas suas páginas um núcleo de colaboradores já, na sua maioria, ilustres nas nossas letras; *A Açúca*, que continua a ser dirigida pelo dr. Leonardo Coimbra e por António Carneiro e se apresenta, como a anterior, excelentemente elaborada; e *Broteria*, o antigo mensário de Caminha, em cujo texto a ciência e a fé se estreitam amistosamente.

Como complemento do seu *Método Prático da lingua Inglesa*, prestante livro que, noutra acção a nossa revista mencionou, o sr. Amílcar César trouxe agora a lume um opúsculo de perto de meia centena de páginas, subordinadas ao título *Ortografia Inglesa*. O seu teor, que mestres e alunos do idioma falado no Império Britânico assimilarão com vantagem, visa a fornecer-lhes as regras da pronúncia dessa lingua no *midlands of England*, considerado a sua fonte clássica, o seu foco de purismo. Essa é a ortopéa que o autor impõe como a melhor, servindo-se, para a exemplificar, de grande número de frases, através das quais o ensino singularmente se facilita.

Quando da Exposição das pequenas indústrias portuguesas há tempos levada a efeito no Porto, distribuiu-se no Palácio do Cristal, onde o certame decorreu, um catálogo oficial, cuja organização foi cometida ao distinto jornalista daquela cidade do norte, sr. Viriato de Almeida.

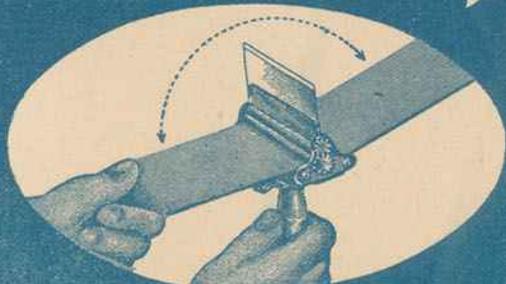
Temos presente um exemplar desta publicação, e ao folheá-lo não nos sofre o ânimo não dizermos que é um trabalho bem feito. Entremando com a parte de publicidade, relativa às indústrias que ali tiveram *stands*, aparece n'estas dezenas de páginas, abundantemente ilustradas, artigos de mul agradável leitura, a propósito das paisagens portuguesas, das indústrias regionais, etc. Assinam-nos nomes muito estimados nas letras e no industrialismo, como Manuel de Sousa Pinto, Bento Carqueija, Armando Leça, Pina de Moraes e outros ainda.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

A S S I N A T U R A S DA « I L U S T R A Ç Ã O »

	Trimestre			Semestre			Anual		
	Escudos	22\$00	25\$00	Escudos	44\$00	50\$00	Escudos	88\$00	100\$00
CONTINENTE E ILHAS			25\$00			50\$00			100\$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL .. .			27\$00			54\$00			108\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR			24\$00			48\$00			96\$00
ESPAÑHA			32\$00			64\$00			128\$00
ESTRANGEIRO									

Máquina de barbear "VALET" Auto Strop



Economisa continuas despesas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dez segundos um fio finíssima sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessidade de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2º Graças à qualidade do aço as lâminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despesas de lâminas novas.
- 3º A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar a lâmina nem de desparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa



GEVAERT ROLLFILM

O que melhores fotografias permite fazer durante o inverno

GARCEZ, LTD.

RUA GARRETT, 88

LISBOA

Tome diariamente um copo d'ENO,
e conservará a sua saúde

ENO'S "Fruit Salt" é o verdadeiro e unico Sal de Fructa que tem obtido a maior reputação no mundo inteiro durante os ultimos 50 anos. Tomado diariamente, obtêm-se os melhores resultados como defeza natural da saúde.

Laxativo muito suave, o "Sal de Fructa" ENO, restabelece o bom funcionamento do aparelho digestivo, de que depende essencialmente a boa saúde, fazendo desaparecer as perturbações nervosas ocasionadas pelas indisposições de estomago, prisão de ventre, etc.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

"SAL DE FRUCTA" **ENO** ENO'S
FRUIT SALT FRUIT SALT

Depositaris em Portugal:

Robinson, Bardsley & Co. Ltd.

8, Caes do Sodré, Lisboa.



As palavras "Fruit Salt", "Sal de Fructa" e "ENO" assim como o rotulo, são marcas de fabrica registadas.

Dias, Costa & Costa

CASA BANCARIA ESTABELECIDA EM 1874

76, 78 e 80, 1.º, Rua Garrett — LISBOA

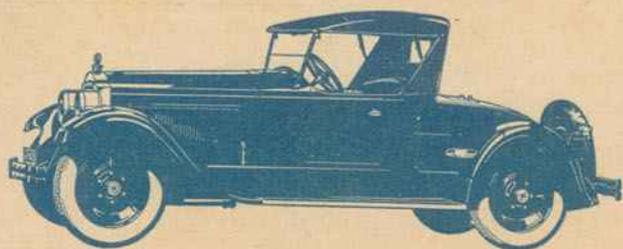
End. teleg.: «PUSHING» Telef.:

C. 380	} P B X
C. 2525	
C. 2319	

Contas Correntes — Depósitos à ordem e a prazo — Cheques — Títulos — Cambiais — Coupons — Descontos — Cartas de crédito

**Secção de Seguros — Secção Marítima
Secção de Trânsito e de Mercadorias**

Usamos todos os principais códigos telegráficos



Packard

SALÃO DE EXPOSIÇÃO

4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

OREY ANTUNES & C.^A, L.^{DA}

AGENTES GERAIS

LISBOA

PORTO